

Luiz Caramaschi

Religião e Hipnotismo

O túmulo vazio de Jesus não é a interpretação sacerdotal da ressurreição do corpo; é o símbolo da ressurreição do pensamento e do Espírito.

O Autor

Editora Sociedade Filosófica Luiz Caramaschi

Praça Arruda, 54 - Caixa Postal 44 - 18800-000 - Piraju - SP

Fone (14) 3351-1900

- 2006 -

RELIGIÃO E HIPNOTISMO

(contra capa)

Religião e hipnotismo é uma obra rara na qual o autor demonstra com clareza as catástrofes ocorridas na história da humanidade até os dias de hoje, por causa do fanatismo das pessoas que se deixaram levar por líderes religiosos ou não, ou uma bandeira qualquer, sem questionamentos, por falta de razão.

Esta obra não combate religião mas sim, alerta que a crença em um DEUS, necessariamente não prescinde de questionamentos, e nem que isto seja um sacrilégio.

Traz um estudo das características comuns das personalidades dos fanáticos e dos facilmente hipnotizáveis, sem ofensas a qualquer deles.

Temos a certeza de que, no final, você irá concordar que se as conscientizações dadas aqui fossem feitas em um passado longínquo, certamente elas teriam mudado o rumo da humanidade para uma vida mais fraterna e construtiva.

Índice

- I – O enigma da fé
- II – Kardec e o hipnotismo
- III – Os perigos da fé

Prefácio

Esta é mais uma obra inédita de grande valor do filósofo Luiz Caramaschi. O tema deste livro embora faça parte do nosso cotidiano, teve e tem grande influência na história da humanidade. Ele é apresentado aqui com muita profundidade mas de uma maneira clara, por isso, de fácil entendimento.

Quanto à religiosidade, o autor classifica as pessoas em dois grupos: o dos religiosos e o dos crentes.

Os primeiros são os que freqüentam uma religião, seja qual for, mas por motivos sociais. Entenda-se por social não só a ostentação pública, como a sua própria formação educacional. São os freqüentadores ocasionais dos cultos, mas sempre alheios ao cotidiano da Instituição que freqüentam. Contudo, sempre os vemos defendendo sua religião, discutindo seus princípios, criticando as demais – isto não raramente com muita veemência –, chegando muitas vezes até à exasperação semelhante à dos políticos. Entretanto, no seu cotidiano agem totalmente ao contrário. Para demonstrar essa afirmação, imaginemos estar seguindo um deles, logo ao terminar um culto, para avaliarmos sua verdadeira crença. Sim, crença, porque para o autor, crença é o que a pessoa é de fato; é no que ela realmente acredita; é o conjunto verdade que determina suas atitudes. E assim, o nosso imaginário personagem, que faz parte de uma maioria absoluta dos religiosos, sai do templo, passando por cima de mendigos que estão à porta sem tomar conhecimento daqueles intrusos que estão denegrindo a sua igreja. Em seguida pega o seu carro para ir para casa e, no primeiro contra-tempo com o trânsito, toca a buzina com muita raiva e, em seguida, tenta subornar o policial que o aborda. Isto é ele de fato, esta é sua verdadeira crença. Então os adeptos das religiões são semelhantes aos fanáticos torcedores de qualquer agremiação esportiva, ou seja, brigam por suas religiões, discutem seus princípios e debocham dos adversários, mas, na verdade, não seguem um só dos seus ensinamentos, os quais têm defendido. Nada questionam e baseiam suas crenças no princípio da autoridade. Nunca perguntam por que, mas sim, quem disse. Dependendo de quem disse aceitarão ou não como verdade.

Os do segundo grupo, o dos crentes, são os que não têm compromisso com quaisquer das religiões instituídas regularmente, mas, por convicção própria, pautam suas vidas baseadas numa crença divina. Nunca agem preocupados com a aprovação social. Podemos seguir um deles, a exemplo do proposto no caso dos religiosos, que não teremos nenhuma decepção, pois ele agirá exatamente da forma como o conhecemos, por ser autêntico. Os crentes são pessoas íntegras, não sujeitas a rituais ostensivos. Quando se pergunta a qualquer um deles qual sua religião, ele responde, de acordo com a sua particularidade, baseado no seu conjunto verdade, que são todos os atos da sua vida. Nós os chamamos de CRENTES porque os seus atos, em qualquer circunstância, traduzem sua verdadeira crença.

Por isto, segundo o autor, não temos que ver qual a religião que uma determinada pessoa professa, mas sim sua verdadeira crença. A crença de cada um é o que ele é, sem máscaras, e com as suas próprias regras. É no que ele de fato acredita e norteia sua vida. Não é passível de discussão. Assim a crença verdadeira daquele primeiro religioso que seguimos, na verdade, é a do egoísta.

Como a *divindade* não está circunscrita a dogmas nem se convence por intermináveis ladainhas e cantorias, mas, ao contrário, lê e sente no fundo do coração de cada um o seu verdadeiro sentimento, nenhuma religião, qualquer que seja, será o passaporte para o paraíso. Daí que se fizermos uma projeção fantasmagórica do futuro bem longínquo das pessoas, veríamos, com certeza, um número elevado de religiosos indignados pelo fato de muitos ateus estarem habitando níveis bem mais elevados que os deles na espiritualidade.

Como a hipnose é baseada no princípio da autoridade do hipnotizador, pois ninguém se deixará ser hipnotizado por quem ele não considere superior a si próprio, conclui o autor que essa pessoa, hipnotizável, tem semelhança total com o religioso, porque para qualquer deles o que importa é quem é

essa autoridade. Reconhecida a autoridade e estabelecida a confiança, ela se entrega totalmente tal como o religioso fanático, e o estado de hipnose acontece.

O autor não está contra a hipnose como se ela, acontecendo, se constituísse num atestado de parvoíce do hipnotizado. Ao contrário, ele a considera um caminho rápido e eficiente na ajuda de curas de origem psicológica. Sua preocupação, que ele vai substanciar com muita propriedade ao correr da pena, é a possível falta de ética e de moral de muitos profissionais desta área, que podem fazer mau uso dela.

Daí a importância desta obra, porque ela nos faz entender grandes catástrofes sociais ocorridas no mundo. Pessoas conduzidas por líderes promoveram matança e auto-destruição em massa. Essas pessoas nunca questionaram os motivos do comandante, mas apenas o obedeceram porque estavam seguindo alguém que para eles, naquele momento, era a suprema autoridade. Esses exemplos encontramos em todos os setores da sociedade. Assim podemos citar os alemães sob comando de Hitler, os católicos da Santa Inquisição que queimavam vivos os seus opositores, bem como várias ocorrências semelhantes divulgadas fartamente pela imprensa, como a das Guianas, em que um pastor convenceu a todos os seus seguidores a se envenenarem. Os camisas japoneses e os homens-bombas do povo árabe são frutos dessa crença cega, que aceitam os líderes “in totum”, sem questionar suas razões. À época da edição deste livro os americanos ainda não se refizeram do choque traumático do World Trade Center de Nova York, quando fanáticos islâmicos projetaram aviões repletos de passageiros contra as famosas torres gêmeas.

Recomendamos a leitura deste livro a todas as pessoas, religiosas ou não, porque é um grande alerta àqueles que, por causa da religiosidade sem questionamentos, praticaram e ainda praticam atos de verdadeira atrocidade, sem possibilidade de reparos, cuidando estar fazendo a vontade de Deus.

OS EDITORES

I - O ENÍGMA DA FÉ

O sol estava alto já, e Chilon ainda se encontrava na cama, deitado de costas, com as mãos cruzadas na nuca, sob a cabeça. Estava pensando... a olhar uma réstia de luz que entrava por um buraco, fazendo visível a poeira em suspensão no ar. Em sua meditação as coisas se moviam, as vozes se tornavam alucinatoriamente quase audíveis. Enxergava Lumbao, de pé, na porta, sorrindo, zombeteiramente, e ainda lhe escutava as palavras: “– Quase que você me reconverteu à causa do seu Cristo. Se convivesse mais com você, talvez isso acontecesse. Porém, agora vou reler, de novo, meu Shalders, para desanuviar a consciência, varrendo dela as dúvidas que você plantou... É preciso fazer esta limpeza cerebral para se poder gozar a vida sem pesar nem temor...”

– É... (monologou Chilon) mas o certo é que as dúvidas também me avassalam... Gostaria, imensamente, agora, de ver um espírito materializado... de apalpá-lo... com a minha mão... como, dizem..., fez Tomé a Cristo... Tonhão Porcelo perdeu seus cinquenta mil cruzeiros por crer... e ter fé... E eu corro com o risco de perder-me a mim mesmo, como aconteceu com Lumbaio, por perder a fé... Pouco me valeu ter-me animado Árago, com palavras afetuosas e sinceras; de nada me está valendo ter dito o mestre que me descanse daquele malandro, visto que é um perdido... por culpa de Shalders... Também estou correndo o risco de perder-me, pois as afirmações candentes de Lumbaio não me saem do pensamento. Lumbaio zomba da fé, nega a Cristo, prostituiu a própria alma... e tudo isto me desola... E assim como Lumbaio declarou precisar reler, de novo, o seu Shalders... também preciso procurar meu mestre Árago, para que ele me ponha ordem no caos interior...

Foi com este pensamento que Chilon procurou o mestre, na noite deste dia; e tanto que se aproximou dele, disse-lhe:

– Meu amigo, estou perdido na confusão em que me deixou Lumbaio, com seu ataque à Bíblia; poderia o senhor me desfazer as dúvidas?

– Que sucede com você, Chilon?

– Sucede que antes eu pensava que sabia o que fosse a fé; agora, verdadeiramente não sei o que ela seja; não sei se ela é um bem ou um mal.

Depois de ficar tempo a olhar para um lado, no chão, pensativo, respondeu Árago, resolutamente:

– Então estudaremos todos, hoje, este ponto. Nós vamos empregar o método do canteiro. Na cantaria o operário, para abrir uma pedra em lajes, põe sua talhadeira na linha divisória das camadas, e depois bate com a marreta. Assim também o lenhador nunca despreza as veias da madeira, pois é aí, e não nos nós, que ele mete suas cunhas. Mas vamos entrar para a sala; aqui fora, conquanto esteja fresco, está escuro.

Entraram todos, acomodando-se, cada um, no seu lugar costumeiro. Depois Árago abriu as janelas de par em par. Dentro da sala estavam sendo tocadas umas gravações lindas de Antonio Vivaldi. No tocador automático estavam suspensos mais dois discos “long-playing” de 12 polegadas, afora aquele que girava sob a agulha, no prato. E Árago dava mostras de querer ouvir música, em vez de estudar filosofia. Pouco a pouco todos quedaram embevecidos pelos acordes sonoros e variações maravilhosas do portentoso gênio italiano.

Terminada a última faixa do último disco, Árago, prosseguindo com o pensamento que tinha iniciado ao entrarem todos para a sala, disse:

– Todo o assunto é um bloco; mas sempre tem veias e camadas; vamos, pois, às cunhas e ao marrão...

– Mostre-nos, então, como esse assunto se deslinda – replicou Chilon.

– Isto faremos todos – disse Árago, e prosseguiu: – Lumbaio disse que “a fé é sugestão, e se opõe à persuasão que é ciência”; não foi isto que ele disse?

– Sim, foi – tornou Chilon.

– A primeira coisa a fazer é vermos o que vem a ser persuasão e que é sugestão. Como definiria você a persuasão?

Depois de pensar um pouco, respondeu Chilon:

– Persuasão, penso que seja a aceitação duma idéia mediante exame racional dos fatos e das provas. Persuasão é ciência porque não prescinde da lógica, da demonstração, da experimentação, das provas e dos fatos interpretados corretamente, sem calor nem pressa, e antes, fria e demoradamente.

– Tudo isso – tornou o mestre – está na síntese de Lumbaio quando disse: persuasão é ciência. Defina agora a sugestão.

– Sugestão é, igualmente, a aceitação duma idéia, porém, independente de exame algum. É uma aceitação de fé, sem discussão, sem exame racional, sem exigência das provas nem o concurso da experimentação.

Árago, que acompanhava a definição, maneando a cabeça afirmativamente em cada conclusão de pensamento, rematou a seguir:

– Estão bem definidos os dois termos primeiros da proposição. Quer dizer que a persuasão é razão, é ciência, e se fundamenta no raciocínio; a sugestão é fé, é crença sem provas; é a certeza que se tem de alguma coisa, não pela razão, mas pela confiança na autoridade de quem fala. A fé é um sentido de certeza, uma convicção que se tem por ouvir dizer, no passo que a persuasão, igualmente, é um sentimento de certeza, uma convicção da verdade, porém que nasce da visão das provas, do exame dos fatos, da ponderação das razões, e sobretudo, da experiência. O homem de persuasão ou de razão é um pensador, um filósofo-cientista, no passo que o de fé é um sugestionável, um suscetível, um místico. O homem de razão pergunta: *por que?* Já o homem de fé não sabe perguntar por que, mas: *quem disse?*

A estas últimas palavras de Árago, Chilon interveio, dando um estalo com os dedos polegar e médio.

– Agora me ocorre ter lido em S. Paulo, o Apóstolo, que a fé se funda no ouvir (Rom. 10,17). É por isso que este Apóstolo de Cristo define a fé como “o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se vêem” (Epístola aos Hebreus, 11, 1); já a persuasão se funda no ver, como o prova a incredulidade de S. Tomé (João 20, 25 e 29).

– Então – replicou o pensador – já podemos representar sugestão e persuasão, respectivamente, pelos ouvidos, e pelos olhos. Ver para crer, como S. Tomé, é razão, é ciência de vista, é persuasão; crer sem ver, e só porque foi dito, é fé, é sugestão, é credulidade. As razões, portanto, fundadas nos ouvidos são fé, enquanto que, as fundadas na vista das provas, são ciência e verdadeira razão. É baseado nesta lógica que surgem os Tomés com suas convicções de vista, pelo que dizem, como o anotou o Pe. Antonio Vieira: “a mim nunca me saiu pela boca coisa que me entrasse pelos ouvidos: para afirmar, hei de ver com os olhos primeiro.”¹

Fazendo uma pausa para meditar, prosseguiu o filósofo:

– Prezam-se, nos tribunais, as provas concretas mais do que os depoimentos de pessoas; e por que? Porque as provas são coisas vistas, e os depoimentos de pessoas, coisas ouvidas. Nas coisas vistas está a ciência e a razão; nas ouvidas a fé, e a confiança em que dá o testemunho. E como, apesar das juras, os testemunhos de fé podem ser falsos, e as provas, não, por isso são mais reputadas as provas vistas que os depoimentos ouvidos. Conquanto se retrate a Justiça de olhos vendados, os juizes gostam mais de usar os olhos que os ouvidos, sendo mais homens de razão e ciência, que de fé e sugestão. Tal é como procedem os que se guiam pelos olhos, e não, pelos ouvidos. Os olhos, como já dizia Vieira, “são duas luzes do corpo, são dois laços da alma”². Se estas luzes estão abertas, acesas, luminosas, a alma andarà às claras, aceitando somente o que for de razão; contudo se estas luzes se apagam, com se fecharem as pálpebras, toda a alma andarà às escuras, aceitando, de fé, enganos e mentiras que lhe quiser impingir o sugestionador. Eis por que e como se dão as alucinações hipnóticas, que começam no ponto em que se fecha os olhos à realidade circunjacente, para penetrar no reino puro de onirismo e quimeras. Olhos abertos são cadeias e luzes do corpo; fechados são cadeias e laços da alma, porque pelas portas dos ouvidos, a sugestão a pega, a subjuga, a condiciona, a escraviza!...

Perpassando o olhar por todos os presentes que o escutavam, embevecidos, prosseguiu o sábio:

– Por isso, para hipnotizar é preciso que os ouvidos se abram, aguçados e crédulos no mesmo ponto em que os olhos se fecham pesados, apagados, inibidos; por esta razão não se hipnotizam videntes racionais, argos da idéia, lince e águias do pensamento, e sim, somente, aos sensitivos, aos emotivos, aos

¹ Vieira, Sermões, 7, 37 - Ed. das Américas.

² Vieira, Sermões, 15, 327 - Ed. das Américas

impulsivos, aos atletas da vontade e do querer, visto como todos estes não precisam ver para crer, e tanto mais crêem, quanto mais descuram do ver, fechando os olhos.

– Contudo – atalhou Chilon – o senhor principiou a falar em hipnotismo, sem primeiro demonstrar que relação tem ele com a fé.

– Estou falando só da fé, e até agora não falei senão da fé. Este será o tema básico repetido e variado até o fim, como a constante ideológica duma sinfonia de conceitos. Todos iremos ver por miúdo, que hipnotismo é o mesmo que *paroxismo da fé*. É por isso que, conforme diz Ferenczi, o hipnotizador “deve ser capaz de suscitar no paciente as mesmas sensações de amor ou medo, a mesma convicção da infalibilidade, que os pais lhe inspiravam quando ele era criança”³. Eis por que nunca ninguém ouviu um hipnotizado perguntar: *por que?* como também não se ouve esta pergunta da boca duma criança muito pequena, nem das dos seguidores de Cristo, quando este lhes falava. Os homens de fé, relativamente às coisas da fé, não raciocinam. Por esta razão vemos homens, às vezes inteligentes, acreditarem em disparatados absurdos!...

Chilon, curioso e atento, interrogou, cortando a corrente da dissertação:

– Logo é perigoso ter fé! E se o é, por que Cristo a faz excelente, recomendando-a, sem rebuços.

– Compreendo-lhe o desaponto – retrucou Árago. – Chegaremos lá. Lembre-se, por enquanto, de que eu disse que o homem de fé pergunta: *quem disse?* no passo que o de razão interroga apenas: *por que?* O homem de fé quer saber de quem procede a afirmação. É assim que a fé ou sugestão tem sua base no *princípio de autoridade*. Daí vem que a sugestão não se recebe de qualquer um; mesmo no estado de sono hipnótico, em que a sugestibilidade é aumentada incrivelmente, por causa de dormir a vigilância racional, a sugestão não se verifica a não ser obedecendo o princípio de autoridade.

– Devagar com essas conclusões, mestre Árago – atalhou Chilon. – O sono hipnótico, conforme o demonstrou James Braid, pode ser produzido por estímulos artificiais, e tanto é assim que os cães de Pavlov dormiam ao ponto de, em todo o laboratório, ouvir-se-lhes os roncões. É por isso que Braid não se dava a si por hipnotizador, pois não era ele o que hipnotizava, e sim, os estímulos artificiais que aplicava. Daí o não querer que o chamassem de hipnotizador, pela mesma razão pela qual o que aplica óleo-de-ricino, não se deve chamar “óleo-de-ricinador”⁴.

Árago que tinha o dedo indicador atravessado sobre os lábios, numa atitude muito sua de expectativa, baixando a mão, replicou:

– Todavia, meu nego, sem a palavra o sono não se aprofunda, como diz, e com razão, o Dr. Osmard Andrade Faria em sua obra “Hipnose Médica”, pág. 171. Logo, aprofundamento hipnótico, obtido pela somação de focos inibitórios, só se pode dar pela palavra que, por isso, se torna um sinal de sinais. Contudo é axiomático que não poderá haver tal aprofundamento, se não se confiar em quem usa a palavra. A monotonia do céu chuvoso aliado ao pingar compassado da goteira sobre uma lata velha, no quintal, pode induzir-nos ao sono; todavia, se alguém, aproveitando-se desta oportunidade, começar a sugerir que durmamos, queremos saber quem é esse alguém, antes de entrarmos a dormir. Se nosso sugestionador for nosso lacaios ou empregada doméstica, não dormiremos, por causa da vigilância de nossa censura moral. Dormir à sugestão de um inferior a nós, conquanto seja possível, do ponto de vista rigorosamente fisiológico, é coisa que não se dá, por causa de ser anti-psicológico, isto é, anti-natural, do ponto de vista místico, subjetivo. Só quem nos supera merece fé e crédito, e não às avessas.

E pondo-se a andar, o mestre, pela sala, de um lado para outro, de mão para trás, como era do seu costume, continuou:

– Se o hipnotismo fosse, assim, uma coisa só objetiva, como uma reação química, ou fenômeno físico, indiferente ao operador, como queria Braid; se não houvesse a parte subjetiva do paciente, a sua fé e confiança na autoridade do operador, então qualquer hipnotizador faria dormir todo mundo. Mas não. O

³ Citado por Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, 75

⁴ Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, 82

hipnotismo, conquanto possa ser explicado como um acontecimento fisiológico, com base rigorosamente científica, conserva sua mística, só funcionando de cima para baixo, e não vice-versa. Daqui o ter dito Medeiros de Albuquerque, depois de bem documentado e experimentado, que *só hipnotizamos àqueles sobre os quais exercemos alguma ascendência* ⁵. Vale, logo, o princípio da autoridade, e o acontecimento que pudera ser só fisiológico e orgânico, o é, também, psicológico e moral, atingindo as raiais do misticismo, nos puros domínios da fé.

– Sim – adiantou Chilon – suas razões são peremptórias; não há fugir: sugestão é fé. O estado hipnótico é o da exaltação da fé, ou da sugestionabilidade exagerada.

Árago, que tinha parado no meio da sala para dar ouvidos a Chilon, prosseguindo a andar, continuou:

– O fundamento remoto, portanto, do hipnotismo, está no princípio da autoridade que faz do indivíduo humano um ser gregário, um ser social. Um individualista puro não se deixa hipnotizar, exatamente por não aceitar a autoridade de ninguém sobre si; este pode ser hipnotizador e conduzir rebanhos humanos, porém, não será conduzido por ninguém. Isto posto temos: nas sessões de espiritismo prático, deparamos com presidentes incultos, ignorantes até dos princípios doutrinários, conquanto bondosos. Visto que só se fala em caridade (fora da caridade não há salvação), ninguém precisa estudar nada, e, sendo bom, pode ser presidente. Mas ninguém jamais se submeteu ao poder da bondade, e sim, só, ao valor da inteligência. O bom, se é só bom, pode ser tido por bobo também, e, por isto, explorado pelos ladinos. Daqui vem que os médiuns, ao redor da mesa, entram em sono auto-hipnótico, porque dormem por si mesmos, mantendo os ouvidos despertos; mas não dormem sono hipnótico, isto é, comandado pelo presidente, por que não confiam na sua autoridade, embora o estimem. Deste modo se poderia dizer que, em hipnotismo, também se pode dormir com um olho aberto e outro fechado... A arenga do presidente, a semi-obscuridade do ambiente, a monotonia da sessão, tudo serve para conduzir ao sono auto-comandado, mas não ao sono hipnótico. Se isto fosse possível, como quer o Dr. Andrade, também ele poderia dormir sono comandado ao ter ficado sonolento com a monotonia da chuva, com o pingar compassado da goteira, e com a canção de ninar da empregada doméstica que lhe adormece o filho no berço. Neste caso, a empregada poderia desviar a cantilena hipnótica para o lado do médico e entoar-lhe:

Dorme doutor,
Que a chuva está caindo...
Relaxa teu corpo,
Que o sono já vem vindo!

Dorme doutor,
Mas fica a me escutar...
Dorme sereno,
Atento ao meu falar!

– E o médico dormiria, Chilon?

– Claro está que não! O mais certo é que fique mais acordado ainda, pois após as considerações de que a empregada não tem nenhuma ascendência sobre ele, dormiria de sono natural, ou seja, com a perda total dos ouvidos.

– Pelo visto – continuou o mestre – o doutor explicou como se dá o fenômeno hipnótico, mas não o porque dele; explicou os meios, mas não a causa que o determina, que é o princípio da autoridade,

⁵ Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, 81 a 84 - 6ª Ed.

base natural da religião e da fé. Logo, como eu dizia, ouvidos abertos e olhos fechados é fé; olhos abertos e ouvidos fechados é ciência e verdadeira razão; e porque os olhos se fecham para crer a fé, por isso já dizia Vieira “que a mesma fé é cega”⁶.

Parando o sábio de andar, e voltando-se para os presentes, pois enquanto andava tinha os olhos postos no chão, prosseguiu, dando ênfase às palavras:

– Pelo que estamos vendo, sugestão é fé, visto que se opõe, à persuasão que é ciência; e sendo que o hipnotismo é sugestão, segue-se que o hipnotismo é fé. Cristo curava pela fé, usando a sugestão que é hipnotismo; os médicos curam pelo hipnotismo, usando a sugestão que é fé. Lá se cria em Cristo e aqui se crê nos médicos; lá, Cristo não curava em sua terra, nem em sua casa, onde, por conhecido, não tinha autoridade (Mat.13, 57); cá os médicos não farão nada, absolutamente nada, sem que primeiro granjeiem a confiança e a fé dos seus pacientes (rapport). De Cristo se disse (Dr. Osmard) que era um milagreiro, porque curava sem remédios, e só com sugestão; e os médicos, psiquiatras e psicólogos, usando igual prática, e curando sem remédios, acaso, também, não o são?

– Penso – obtemperou Chilon – que está subentendido que aos médicos assiste este direito, pois a Lei é só contra os curandeiros!

– A Lei não admite subentendidos, meu nego, e mesmo sendo reta, os chicaneiros acham jeito de torcê-la. Se mesmo sendo clara, fazem-na escura e confusa, quanto mais a não fariam confusa, se houvesse nela subentendidos?

– Está certo... está certo... – exclamou Chilon. – Todavia, se não me engano, há lei já, neste sentido, permitindo aos médicos usarem o hipnotismo...

Para não se desviar do assunto, tocou por diante, o mestre, com o que vinha dizendo:

– No Evangelho de Cristo temos o choque destas duas forças opostas: racionalidade e misticismo. De um lado diziam os doutores de Israel a Cristo que fizesse um sinal, para acreditarem nele. Mas o sinal dependia da crença e da fé, e por isso Cristo se saía sempre pela tangente, não fazendo sinal nenhum. É que a proposição estava invertida, pois havia-se de crer em Cristo, para que ele pudesse fazer o sinal, depois. Não podia haver conciliação destes opostos, e Cristo de uma parte, dizia ao povo: se tiverdes fé, farei a maravilha que me pedis; da outra, diziam os doutores: se fizeres a maravilha que te pedimos, creremos em ti... A fé antecede ao efeito, e não o efeito à fé; por isso é absurdo pedir se mostre o poder, para depois crer. Basta crer, que o impossível acontece: o cego vê, o parálítico anda, a dor cessa...

– O mistério – continuou o sábio – se envolve de misticismo e fé; é por isso que as obras mediúnicas, embora fantásticas umas, e nulas outras, todas têm extraordinário valor e saída nas livrarias, no passo que as dos encarnados, ainda que geniais, nada valem. André Luiz, Emmanuel e Ramatis, agora prestigiosos, seriam ninguéns, se reencarnados; não seriam mais lidos, se aparecessem nas vestes carnavais com os nomes, suponhamos, de João de Oliveira, Antonio Alves e José de Almeida Filho. Tal a força do mistério. É por isso que sem mística e sem mistério, meus caros, ninguém se torna mártir ou herói, seja do cristianismo, seja da liberdade, seja da pátria. Qualquer filosofia, quando se resolve na política, precisa duma mística para arrastar as massas à ação. A clareza da lógica, o pensamento solar, convence, mas não dá força; o obscuro mistério da fé dá força e arrasta as massas, conquanto não convença ninguém. Esta é a causa por que Sócrates, o apóstolo do pensamento claro, se viu forçado a falar da necessidade do mito. Não basta toda a educação proposta por ele na “República” de Platão. É preciso, diz ele, convencer ao guerreiro de que toda a educação recebida não passa de sonho, pois em realidade, os defensores da república “foram formados e criados no seio da terra, eles e suas armas e tudo que lhes pertence; de que, depois de os haver formado, a terra, sua mãe, os deu à luz; e de que agora devem considerar como mãe e nutriz a região que habitam, para defendê-la contra quem quer que ouse atacá-la; e bem assim tratar aos

⁶ Vieira, Sermões, Vol. 15, 332 e Vol. 19, 438 Ed. das Américas.

outros cidadãos como irmãos, nascidos, como eles, da mesma terra”⁷. Eis aqui o mito da terra, proposto por aquele que é o filósofo sem segundo. E isto mesmo fizeram os da Fenícia e os de outras terras, como refere o mesmo Sócrates.

E continuou o mestre, depois de pequena pausa:

– De onde, meus amigos, procede a miséria dos escravos e a de todos os que são vis e torpes em suas vidas? Provém de que uns e outros não têm mística, que é um ideal superior, um objetivo que os anime a serem valorosos; por isso vivem o momento que passa, tirando dele todo o partido que lhes toca, com base no egoísmo individual. Esta é a causa por que só trabalham se estimulados do chicote ou da paga, pois seria mesmo um contra-senso se o fizessem por amor de seus donos, amos e patrões. Lumbaio, o ex-protestante, não se degradou, por perder o ideal que o alentava?

– Sim – tornou Chilon – foi o que lhe sucedeu por culpa de Shalders...

– Donde hauriam força os germanos, prosseguiu o filósofo e os viquingues, para serem indômitos, feros e bravos? Haviam de morrer de espada na mão, sem o que não entrariam no Valhala. Odin era o Deus da guerra, que não admitia os fracos ou covardes nos seus domínios celestiais. Estes bárbaros, precursores de Trasímaco, Machiavel e Nietzsche, sabiam, antes que estes o dissessem, que a Natureza não pode ter sido criada senão por Deus; e se a lei da natureza é a lei da luta, pela qual se selecionam os fortes, então é que Deus quer esta seleção de fortes, e aniquilamento de fracos. Sendo assim, ser virtuoso é ser forte, por isso que este sobrevive, no passo que o humilde e o fraco desaparecem. Há clareza maior? Logo se tudo é deste jeito, porque Deus o quer, porque Deus o impôs, então, no Valhala não podem entrar os humildes, os fracos, os imprestáveis para a guerra, pois estes são valores negativos desprezados pelo Deus que fez a Natureza e mais as suas leis. E do modo como há seleção de fortes no plano individual, também deve haver seleção de povos fortes, e esta seleção se faz pela guerra. O povo eleito há de ser, segundo a lógica natural, aquele que levou de vencida a todos os demais povos, por isso que estes ficam escravos, e aqueles, senhores. Como este Odin dos viquingues, Jeová era um Deus terrível, cruento, formidando, que capitaneava, como em pessoa, seus exércitos de bravos. E por aqui nós vemos que as civilizações todas, sem exceção, exprimem os mitos sobre que se criaram.

Depois de respirar fundo, numa pausa, continuou o sábio, cuja facúndia parecia inesgotável:

– Odin é o Deus da guerra; Jeová, o Deus terrível e fogo devorador; Brama, o Deus luminoso da virtude clara como a luz do dia; Amon-Rá, egípcio, é imperial; o Hélios grego é etéreo. O mito do povo eleito, entre os judeus, fazia-os sentir-se sobrepostos a todos os demais povos aos quais chamavam de gentios, do mesmo modo como os gregos e os romanos se supunham superiores aos que chamavam bárbaros. E para não nos apartarmos muito no tempo, meus caros, olhemos para a Alemanha de Hitler, exaltada ao paroxismo e conduzida à guerra pelo mito da super-raça ariana, que considerava sub-homens a todos os judeus e eslavos, e para benefício da humanidade, Hitler prometia limpar toda a Europa, como limpou a Alemanha e países conquistados, destes povos que ele considerava subgente.

– Na batalha dos deuses – prossegue o mestre – não venceu Hélios etéreo, porque feito só de pensamento abstrato e razão pura, e porque as massas não têm lógica, nem são racionais, por isso não elegeram aquela concepção de Deus. Não venceu Amon-Rá imperial, porque aristocrático, e as massas, conquanto aspirem as aristocracias de todos os tipos, enquanto as não alcançam, tem-lhes inveja e rancor. Venceu Jeová provincial, porque ciumento, barbárico, parcial, emotivo-sensitivo, capaz de fúrores e de arrependimentos, tal, exatamente, como as massas ignaras; venceu por ser um Deus de força, Deus vivo que podia ser sentido como próximo, e com o qual se podia manter contato pessoal, afetivo, emocional... Julgam os intelectualistas puros que poderão movimentar e conduzir as massas com persuasões? com lógicas irrefragáveis e pensamentos claros como um dia de sol? Pois estão enganados, meus caros, porque as massas são místicas, e só se movimentam ao som da lira de Orfeu! É assim que “o tocador de flauta

⁷ Platão, República, 141 - Atena Editora

que deixa de saber tocar, não pode continuar a fazer dançar a multidão; e se, raivoso e em pânico, tentar então converter-se num sargento instrutor ou num condutor de escravos, e coagir pela força física uma turba que não pode continuar a dirigir com o recurso do seu encantamento magnético, o que quase com certeza e com a maior rapidez ocorrerá, será para fazer fracassar a sua própria intenção; porque os seus ouvintes que tinham ficado apenas cansados e que tinham saído fora do compasso, quando a música celestial se extinguiu, sentir-se-ão azorragados por uma chicotada que os impelirá para a rebelião ativa”⁸.

– Eis como as massas se conduzem por pura sugestão – prossegue o pensador. – Os que lhes falam, como faziam Moisés, Cristo, Hitler, não precisam provar nada; basta afirmar, com ênfase, com cara e gestos firmes de quem é senhor da verdade! Basta o tom peremptório, axiomático, para que u’a mentira, seja criada, e o milagre se efetive. É preciso apresentar-se como enviado de Deus, como fizeram Moisés e Cristo, no passado, e Hitler, nos tempos modernos. Faz-se necessário criar u’a mística, hipnotizar as massas, forjar um símbolo que sintetize a mística, que este será o sinal hipnogênico!... E depois que as massas estiverem hipnotizadas, poder-se-á levá-las, em rebanho, para o matadouro, como ocorreu com a França napoleônica de anteontem, e com a Alemanha e Itália de ontem!...

E continuou o mestre, após tomar um fôlego:

– Todos os hipnologistas são concordes em que hipnotismo é sugestão, ou seja, *a absoluta aceitação de uma idéia independente de exame algum*; é uma aceitação de fé pela CONFIANÇA EM QUEM TRANSMITE A IDÉIA; trata-se de uma pura confiança na AUTORIDADE do sugestionador. Sem esta confiança, e às vezes temor, que faz aureolar o hipnotizador de certo quê de misterioso, de místico, não se dorme. Daí o prestígio do operador ser fundamental, e o sono hipnótico, uma prova de confiança, um crédito moral. Ora, hipnotismo é isto, Chilon? é olhos fechados e ouvidos abertos?

– Sua lógica e dialética irretorquíveis me forcem a dizer que sim, é. Sendo hipnotismo sugestão, e sugestão, fé, segue-se necessariamente, que hipnotismo é fé. Este assunto é-nos pacífico, de agora em diante.

– Prosseguindo na mesma linha de idéias que íamos desenvolvendo – tornou o pensador – podemos concluir que hipnotismo é religião, porque esta se baseia na fé, na crença, na exaltação emotiva, na sugestão, e tudo isto se opõe à persuasão, à racionalidade, à razão, à ciência. A atitude religiosa é um estado hipnoidal em que o homem se põe de cabeça erguida, encarando os céus, mas de olhos fechados, para ficar à escuta das vozes celestiais. A atitude científica é a do homem agachado sobre a terra olhando os fatos de perto... Bachterew tinha razão: “a convicção entra, por assim dizer, pela porta da frente e a sugestão pela dos fundos”⁹.

– Tudo isto está muito claro – ponderou Chilon. – Todavia esta identidade do hipnotismo com o fenômeno religioso põe irritados os homens de ciência. O fenômeno bem poderia ser só objetivo, como queria Braid, matematicamente demonstrável, como acontece com os fenômenos físicos e químicos. Bastaria olhar para uma bolinha, ou escutar um ruído monótono, e pronto: já se estaria em sono profundo, aceitando toda e qualquer sugestão de qualquer pessoa. Por que tudo se há de basear na sugestão, ou seja, na aceitação de fé por parte do paciente? Por que a ordem sugestiva tem de ser crida primeiro, para ser executada depois?

– É porque – tornou Árago – como já tenho demonstrado, esta aceitação só existe, quando o paciente reconhece a superioridade do operador em relação a si; esta aceitação, como vêm, não é livre, mas condicionada pelo princípio de autoridade. Reconhecida a autoridade, pelo paciente, seu querer ou não querer, pouco influi. Não adianta querer isto ou aquilo para que o fenômeno se efetive; é preciso crer que ele se dará; só isto... Por isso é que há de confiar primeiro, e ter fé... O “rapport”, portanto, não é mera conexão atencional, como quer o Dr. Osmard Andrade; é ligação submissiva do paciente em relação a seu hipnotizador; é puro ato de fé praticado por um crendeiro que se prosterna, moralmente, diante de um ser

⁸ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, II, 466

⁹ Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, 209

que ele julga superior. O hipnotizando aceita as “verdades” de seu sugestionador, por ter crido, primeiro, na sua autoridade. O hipnotizador precisa impor-se à confiança do paciente, para que este creia ao que ele diz... e durma. É por isso que sem prestígio não há “rapport”, e “de um bom «rapport» depende uma boa hipnose”¹⁰. Ora, isto, na verdade, irrita os homens de ciência, pois forçoso lhes é reconhecer, no hipnotismo, algo de “bastante misterioso”, como afirmava Binet, ou “muito obscuro”, segundo pensava o Prof. Grasset.¹¹

E indo o sábio à estante para recolocar nela o livro que tinha nas mãos, continuou:

– Acho que não preciso entrar em pormenores para explicar que possuímos dois cérebros, sendo um antigo e outro, recente, preciso?

– Penso que não – tornou Chilon. – Todos sabemos que o cérebro antigo é o subcortical que todos os animais vertebrados possuem, tanto os inferiores como os superiores. Já o cérebro recente, ou cortical ou córtex, só existe nos vertebrados superiores dentre os quais, altamente, se sobressai o homem. À guisa de recapitulação destes estudos já feitos, vou ler Fritz Kahn que tenho aqui nas mãos:

– “Atrás do cérebro recente, ou cérebro anterior delicadamente cinzelado no fundo da abóbada craniana, jaz como um dragão o cérebro primitivo, ou cérebro posterior: o «bruto no homem», o centro dos reflexos, a sede dos instintos e das sensações obscuras: fome, sede, fadiga, impulso sexual, instinto de conservação, instinto gregário, todos os instintos englobados na qualificação de «maus», como a vaidade, a inveja, a avareza, a cobiça, a crueldade, a astúcia”. E mais adiante: “Todos nós somos esquizóides; todos – idealistas e materialistas – somos o mesmo ser abnegado e egoísta, condescendente e irredutível, dominador e submisso, generoso e avaro, bom e cruel, sincero e mentiroso – tudo isto, entrelaçado numa teia inextricável em que estamos enredados”¹².

– Está certo Chilon; esse é o retrato do homem à luz da ciência moderna: um esquizóide, e por isso exclama Goethe: “Ah! Moram duas almas, no meu peito!”

E prosseguiu, Chilon, com a leitura de Fritz Kahn:

– “O cérebro recente é a sede da alma. Tens tanto mais alma quanto mais cérebro recente – não se referindo «mais» no que diz respeito ao peso; muito mais importante é, como num tapete, a finura do tecido, o desenho, o número e a capacidade de realizar, a ramificação e o entrelaçamento das células pelas fibras de ligação”¹³. E aqui mais adiante está que o homem é – “uma criatura em que o cérebro recente, pensante, «moral» timbra em arrebatar o poder ao cérebro primitivo, afeito a operar com instintos – um ser em que vivem conseqüentemente dois seres: o animal e o super-animal; que se empenha em se libertar da animalidade e, em virtude desses dois cérebros no seu crânio e da rivalidade entre ambos, é um ser contraditório, «esquizóide», a primeira criatura em vias de se desanimalizar. Os primatas não são animais, porque aspiram a vencer em si a animalidade. Ninguém pode considerar-se como fazendo parte daquilo de que quer libertar-se”¹⁴.

– Está bem – Chilon, exclamou o mestre. – Atentos agora, que vou aprofundar mais o assunto: nesse cérebro recente está a sede da consciência, no passo que, no antigo, está a da inconsciência ou subconsciência. A fé é o ato de o consciente aceitar uma idéia independente de exame algum, só por causa da autoridade de quem transmite a idéia; a sugestão é a aceitação da idéia pelo subconsciente, igualmente, por causa do princípio da autoridade. A sugestão é sensibilidade, enquanto que a simples fé pode não ser. Grande parte dos nossos conhecimentos “científicos” são de fé, visto como os não pudemos comprovar pessoalmente, e os aceitamos só porque são autorizados pelos sábios de renome indiscutível. Porém, esta fé não é paroxística, uma vez que essas noções não afetam a subconsciência.

¹⁰ Dr. Osmard A. Faria, Hipnose Médica, 255

¹¹ Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, 200

¹² Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 494 - 495

¹³ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 437

¹⁴ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 438

E pegando o mestre um livro para tê-lo à mão, continuou:

– Só a fé consciente não permite o sono hipnótico e, conseqüentemente, a cura, porque, conquanto o paciente creia no hipnotizador, na sua pessoa, não crê ao que ele diz. É o mesmo caso anotado por Vieira de *crer em Cristo e crer a Cristo*¹⁵. A sensibilidade sozinha, por ser já, por si, fé subconsciente, permite o sono e a cura, pois o paciente não só crê no hipnotizador, senão que o crê a ele, crê à sua palavra... e dorme... e sara. Vem um hipnotizador famoso a Cananéia, e antes dele vem a fama, que esta o precede, para que vindo ele, esteja a propaganda feita. Compro um ingresso, vou ao teatro, e o vejo operar fazendo dormir uma dúzia de moços no palco. Logo, creio nele. Mas o homem me diz que minhas mãos cruzadas sobre minha cabeça vão prender-se, de modo que as não posso soltar; já duvido, já não creio, já minhas mãos não se prendem. Creio nele, mas não creio ao que me diz, como os cristãos todos, no dizer de Vieira, que são “católicos do Credo, e hereges dos Mandamentos”¹⁶. Crer em Cristo diz respeito ao objeto da minha crença, sendo coisa aqui da minha razão; crer a Cristo toca de perto à minha vida, aos meus atos que precisariam ser reformados, e por isso resistem. Que creia em Cristo minha consciência, pouco importa; mas crer a Cristo meu subconsciente, de modo a que ele deixe de ser avaro, egoísta, orgulhoso, cruel, e outras coisas mais, isso é o que não pode ser. A razão concorda em crer, mas a sem-razão do subconsciente nega-se; e como é este, e não aquela, o que governa a vida, não nos modificamos, com o que vem a ser que não cremos a Cristo. Tal é com o hipnotizador: crer nele é fácil; mas crê-lo a ele, crer ao que ele manda, significa entregar o comando de mim em suas mãos, para que ele me governe, e com isto o subconsciente pode não concordar.

E conclui o pensador, após meditar um pouco:

– O próprio Satanás, diz Tiago, crê em Deus e estremece (Tiago 2, 19). E, pois, se a tal ponto crê, como não se emenda? como não se regenera? como não se muda de dragão em anjo de luz? É porque seu subconsciente crê na vitória do mal e não na do bem. Contudo sua razão sabe existir Deus com todas as conseqüências que decorrem desta premissa; logo crê, o diabo em Deus com *fé esclarecida*, com *fé consciente*, com *fé raciocinada*, conquanto não o creia a ele, com *fé cega*, com *fé irracional*, com *fé subconsciente* que é a única que se traduz em obras na vida. Vivemos aquilo em que o nosso subconsciente crê. E como a *fé cega*, com ser subconsciente, se resolve em obras, e a fé consciente, não, por isso a fé esclarecida é morta, razão por que não vai além de intermináveis disputas medievais. Os crentes em Cristo, por este motivo vivem multiplicando seitas, mas não mudam de vida, porque sua fé, para ser esclarecida, precisa ocupar-se de continuadas disputas totalmente estéreis. Crêem em Cristo os crentes esclarecidos, do mesmo modo como crê em Deus o demo astuto; mas não crê a Cristo o crente de razão, como não crê a Deus o coisa-ruim, porque nem um nem outro, se dispõe a mudar de conduta, nem trocar de vida. Discutir com a razão as coisas da fé, é fazer servir-se a fé da razão; aceitar de fé as coisas da ciência, é permitir servir-se a ciência da fé. Sirva a razão à ciência, e não à fé, e sirva-se a fé da sem-razão subconsciente, que servir a sem-razão à ciência, e a razão à fé, é estar o carro adiante e os bois atrás.

– Esta foi a causa – prossegue o dialeto – por que eu defini a sugestão como *fé paroxísmica*; com isto quis dizer que se a aceitação da idéia, sem exame algum, foi feita só pelo consciente, temos o que se chama convicção ou fé consciente; se a aceitação da idéia deu-se também em relação ao subconsciente, temos a sugestão que é a *fé exaltada, emocional, extática*, ou seja, *paroxismo da fé*. Esta é a fé no seu estado de perfeição, isto é, no seu mais alto grau. Quando um paciente declara ter fé no seu hipnotizador, e contudo não dorme, sua fé é apenas consciente. É como a tal de “fé raciocinada” de que falam os espíritas; é convicção sem provas, porém que não domina o subconsciente. Todavia, quando a idéia atravessa a zona do consciente e se planta na subconsciência, temos o que chamo *fé paroxística, exaltada, extática* ou *sugestão*. A fé perfeita, pois, é a *fé cega*, ou seja, aquela que permite à idéia instalar-se na subsonsciência sem a fiscalização e interferência racional.

¹⁵ Vieira, Sermões, 3, 181 - Ed. das Américas

¹⁶ Vieira, Sermões, 3, 192 - Ed. das Américas

– Cristo foi, um dia – comenta o filósofo – chamado a curar um menino doente; e perguntando ao pai do enfermo se tinha fé, respondeu este: – Eu creio, Senhor, mas ajuda a minha incredulidade (Marc 9, 24). Quer dizer: creio conscientemente, e de olhos abertos, mas temo não acreditar subconscientemente também, e de olhos fechados, que este é o modo perfeito de crer; e só quem crê assim, pode ser curado, porque a idéia foi aceita pelo subconsciente que é o que manda no organismo. *Fé esclarecida* ou *fé racional* é daquele que aceita a idéia sem provas, mas se dispõe a discuti-la. *Fé cega, fé irracional* ou *fé subconsciente* é a que não pode discutir aquilo em que crê, porque a subconsciência não raciocina, nem discorre; para ela tudo há de resumir-se no sim ou não absolutos, peremptórios, axiomáticos, sem premissas nem conseqüências. Contudo esta *fé cega* é a perfeita, porque pura, e não a outra que se inquina de racionalidade. Quem for capaz de crer por esse modo cego é suscetível, sugestionável, e, em dormindo, pode ser curado das neuroses.

– Os poderes do subconsciente são muito amplos, prosseguiu o sábio. Executa ele tudo o que faz o consciente e mais ainda, pois ele é o que comanda todo o funcionamento orgânico. Nenhuma célula existe por mais recôndita que seja, que possa escapar à sua jurisdição. Ele tudo registra, nada esquece, e em qualquer tempo pode relatar o que se acha em seus arquivos. Além disto o subconsciente possui percepções extra-sensoriais, donde vem que seus recursos não se limitam aos poucos sentidos exteriores. Todavia, a inteligência subconsciente não é discursiva, como a razão; naquela as coisas se apresentam como visões intuitivas, com força de sim ou não peremptórios, dogmáticos. O consciente e o subconsciente normalmente trabalham sincronizados, mas cada um conserva sua natureza, e mantém seu método específico de conhecer. O consciente é analista, discursivo, raciocinador e sobretudo crítico. Já o subconsciente é sintético, simbolista, intuitivo, artista. No primeiro predomina o raciocínio e o pensamento exato, frio, inexorável, no passo que, no segundo, impera a sensibilidade, o sentimento, a emoção, a imaginação, a simbólica, a imagética. O consciente é um filósofo, e o subconsciente, um artista. Por isto os artistas, em regra, são suscetíveis à hipnose, e os filósofos, não. A memória, assim como a associação de imagens, é do domínio da subconsciência, enquanto que o mecanismo lógico dialético pertence ao consciente. Como a memória é repartição do subconsciente, aí se guardam os conhecimentos que afloram na consciência, quando solicitados. A consciência tem por sede o cérebro recente, como já o vimos, e este cérebro foi projetado e criado pela vida, para subordinar o antigo, sede da subconsciência. É por causa da existência destes dois cérebros dentro do crânio, que há dois modos diferentes de crer: há o crer consciente, que é a aceitação provisória duma idéia, baseada na autoridade, e por isso, pendente de comprovação; esta a *fé esclarecida*; e há o crer subconsciente que é a aceitação absoluta duma idéia como verdade indiscutível. Normalmente, a idéia do consciente só se passa para o subconsciente, depois da destilação racional como verdade pura. Mas o suscetível crê subconscientemente no seu sugestionador, aceitando-o como se fora um oráculo da verdade já pura e destilada; é por isso que o crendeiro vive tudo o que diz o hipnotizador, como se suas palavras fossem idéias já destiladas, puras, prontas para serem incorporadas à vida e transformadas em ações.

– De maneira, meus caros – concluiu o dialeto – que há crer e crer; crer de razão e crer de fé; crer no hipnotizador e em Cristo, e crer ao hipnotizador e a Cristo. Crer de razão é crença como a dos espíritos... esclarecidos que se dispõem a discutir seus postulados, mesmo os basilares; crer de fé é crença como a dos católicos romanos cujos dogmas não admitem discussão. Crer no hipnotizador ou em Cristo é crer neles; crer ao hipnotizador ou a Cristo é crê-los a eles, é viver o que eles dizem. Por isso a verdadeira fé é a convicção que se tornou vivência, enquanto que a semi-fé é o saber pendente de comprovação. Finalmente, a verdadeira fé tem olhos fechados e ouvidos abertos, no passo que a meia fé (“cristãos de meias” diz Vieira) tem os ouvidos abertos e os olhos... também.

– A fórmula, portanto, continua o mestre, tem de ser: *prestígio + sensibilidade = hipnose*. E a palavra *sensibilidade*, na equação, pode ser substituída por *fé cega, fé paroxísmica, suscetibilidade*,

credulidade, sugestão. De igual modo, **prestígio**, é o mesmo que **autoridade**. Está bem claro isto agora, Chilon?

– Sim, está... conquanto eu, aqui, beócio, cuidasse que o senhor nada mais tinha a acrescentar ao que foi dito antes. Quando pensaria eu que existem duas fés, sendo uma esclarecida e outra cega? a esclarecida correspondendo ao cérebro recente e à consciência, e a cega, ao cérebro antigo e à subconsciência? Quando havia de pensar que a **fé cega** é perfeita, não só porque inteira e pura, como ainda porque, por meio dela, nos curamos... ou adoecemos dos males neuróticos? Quando, pensar que a **fé consciente** é só meia fé, visto que tem os olhos abertos, e por isso confia desconfiando?

– Tenham presente, todos então – advertiu o sábio – que todas as vezes em que falei ou hei de falar em fé, estive e estarei a referir-me à **fé cega**, que considero perfeita, não só porque, como já vimos, por esta, a idéia é aceita sem discussão, como ainda, porque a parte do nosso ego que lhe diz respeito, por sua própria estrutura e natureza não sabe e não pode raciocinar e discutir. Que a razão aceite sem discutir, só por causa do princípio da autoridade, isso não é próprio da razão e sim da infra-razão ou subconsciência. Isto posto, simplifico a fórmula: autoridade + fé = hipnotismo.

– Contudo – torna o sábio – querendo torcer estas evidências em proveito exclusivo da sua classe, brada o Dr. Osmard Andrade Faria: “Nada se presta tanto à exploração que aquilo que oferece chance para uma dupla interpretação, uma concreta e material – aceita somente por uma reduzida minoria – outra traduzível em termos fluídicos e metafísicos, tão do gosto dos profetas e fazedores de lendas”¹⁷. Considerando este médico, como fez Lumbaio, cegos e estúpidos a quantos se deixam suggestionar, a quantos crêem, a quantos confiam, a quantos se deixam guiar como ovelhas em rebanho, acrescenta: “Houve, porém, os que, no meio de tantos cegos, conseguiram salvar um olho! E percebendo que nada melhor existe para conduzir manadas que ajustar-lhes antolhos, fizeram-se ministros e pastores”¹⁸. Mas este pensamento nem tem a glória de ser original, pois antes do médico dissera Voltaire que “o primeiro padre surgiu quando o primeiro velhaco encontrou o primeiro tolo”. E Diderot acrescenta: “os homens nunca serão livres enquanto o último rei não for enforcado nas tripas do último padre”. Eis, meus amigos, na opinião do médico, e nas daqueles filósofos, como surgiram os ministros protestantes e padres católicos, para conduzir os parvos crendeiões com engodos e sugestões, exatamente como pretendem eles, os médicos, fazer... querem estes o monopólio exclusivo da extração da preciosa lâ... Entenderam?

Todos os presentes riram, satisfeitos, concordando com o mestre, por meio de acenos de cabeças, depois do que ele continuou:

– Só que Voltaire, ao contrário de Diderot e do Dr. Andrade, teve a inteligência e penetração suficientes para compreender que “a crença em Deus era de pouco valor moral a não ser quando acompanhada pela crença em uma imortalidade com punição ou recompensa. Talvez seja necessário, «para o povolêu (la canaille) a crença em um Deus que premeia ou castiga». Bayle perguntou: «Uma sociedade de ateus pode perdurar?» e Voltaire respondeu: «Sim, se também forem filósofos». Mas raramente os homens são filósofos. «Se forem camponeses precisam ter uma religião» (...) «Se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo»¹⁹. Isto posto, pergunto: o Dr. Osmard faz bem ou faz mal em atentar contra todas as fés com seus arrasamentos? Aquela euforia que o beato católico sente ao tomar a hóstia consagrada, acaso não é pura sugestão? E a gostosa sensação de frescor, leveza e bem estar que os espíritas sentem ao receber os eflúvios salutaros dos guias, acaso não é pura sugestão também, no dizer do médico? não pode ele produzi-la pela hipnose? Não seria espantoso, então, que esse imenso rebanho do "mééé..." se conduzisse aos consultórios médicos, ao invés de às igrejas e centros espíritas? Que mina inexaurível não seria condicionar a esses carneiros a virem trazer sua lâ, de tempos a tempos, quando ela

¹⁷ Dr. Osmard Andrade Faria, *Hipnose e Letargia*, Prólogo

¹⁸ Dr. Osmard Andrade Faria, *Hipnose e Letargia*, 2 e 3

¹⁹ Will Durant, *História da Filosofia*, 244

estivesse mais ou menos crescida?! Quantos médicos hoje não alimentam doenças, com sugestões dadas disfarçadamente ao invés de erradicá-las de vez?

E prosseguiu o mestre, após um descanso numa pausa:

– A verdade, meus amigos é que a briga do Dr. Andrade contra os diretores religiosos, não tem finalidade científica, nem de amor à humanidade; o objetivo é desejo de poder, e por isso busca o prestígio e a riqueza para sua classe.

“Reinar é o alvo da ambição mais nobre,
Inda que seja no profundo Inferno:
Reinar no Inferno preferir nos cumpre
À vileza de ser no Céu escravos”

(Milton, Paraíso Perdido, canto I)

– Por isso – prossegue o pensador - a pretexto de esclarecer, confunde, porque, suposto que ele sabe que sugestão são **reflexos condicionandos**, com base no princípio da autoridade, preferiu descrevê-la como **reflexos condicionados**, independente do operador, presa, como Braid o queria, a puros estímulos artificiais. E sabendo que a coisa é dum jeito, e descrevendo-a de outro, deixa de ser cientista e filósofo para a ser comerciante, como muita gente o é, por aí..., com diploma de médico. Seu zelo em combater a velhacaria dos chefes religiosos, tem por motivo o não admitir concorrentes...

Fazendo o dialeto uma pausa prolongada, para tomar um fôlego, aproveitou Chilon o ensejo para perguntar:

– Poder-nos-ia o mestre agora mostrar a relação existente entre hipnotismo e espiritismo?

Árago, meio surpreso, deu uma palmada na coxa, respondendo:

– Palavra que pensei que você ia me pedir para continuar neste assunto, pois, como viram, o Dr. Osmard Andrade define a sugestão como sendo **reflexos condicionados**. E é axiomático que não pode haver passado que antes não tivesse sido presente, nem participação passado sem participação presente. No passado a coisa está feita, ao passo que, no presente, ela está a fazer-se. Ora, para que haja **reflexos condicionados**, preciso é ter havido uma fase em que eles eram **reflexos condicionandos**. Mas visto ter você querido outra coisa, deixo este assunto para mais tarde. Quanto à sua pergunta, prezado Chilon, respondo-lhe que hipnotismo e espiritismo são lascas do mesmo pau; são fenômenos que possuem um fundamento comum, e que só se diversificam por causa da finalidade das tarefas. E porque nascem de um mesmo tronco, por isso, e também para discutir, declaro que o estado hipnótico e o transe mediúnico são um e o mesmo.

– Que? acaso o mestre está querendo levar uns... coices de Vitélio Biberão? Eia! Retire já essa afirmação, que do contrário Vitélio o descomporá com uma saraivada de sarcasmos e xingos! Este grande mestre espírita já lavrou, a este respeito, a sua sentença indiscutível: o espiritismo nada tem de comum com hipnotismo, visto que este se baseia na sugestão, ao passo que no espiritismo nenhuma sugestão existe!...

– Pode ser que, como você me adverte, o Biberão me escoicinha. Mas isso não me impedirá de dizer abertamente o que penso. E se eu estiver errado em meus juízos, o que pode suceder, preciso ser esclarecido com argumentos, e não, com patadas. Já me aconteceu ser descomposto e xingado até de salafrário, e isto, pela imprensa; peguei logo dum lápis vermelho fui riscando as expressões desaforadas a fim de ver se sobraria alguma substância; e sucedeu-me, neste caso, que todo o artigo ficou cancelado, não restando nada. Que pensam, então, que fiz? Amarrotei o jornal e o joguei fora, ao tempo em que monologava: vai-te, para o lixo, Blénio Trivelino!... Saibam todos que é assim eu procedo com os que me enfrentam com os pés, ao invés de com a cabeça, transformando uma discussão útil numa briga desprezível. Eu busco a sabedoria, e folgo de saber da existência de alguém que me supera nisto, pois

assim o tomo a esse por meu mestre. Mas, a essa récu de xingadores que argumentam em base de zombaria, não darei a honra nem de lhes citar os nomes. Isto que disse, fica dito porque “aquila non capti muscas”. Ao assunto, agora:

– O espiritismo, dizem, meus caros, possui três aspectos: pode ele ser encarado como ciência, como filosofia e como religião. Como ciência o espiritismo teria de pautar-se, como as demais ciências, pelo método de observação e experimentação. O objeto desta ciência espírita seria a interação dos dois mundos: o dos encarnados e o dos desencarnados. Ver como se dão estas interatuações seria o objeto do espiritismo como ciência. O “Livro dos Médiuns”, seria, neste caso, o único livro deveras científico. Mas não é. Devia ser o fruto de observação e experimentação; contudo é pura revelação, porque Kardec foi pedir aos espíritos lhe dissessem como, porque e quais as condições em que se dão os fenômenos. Allan Kardec observou o fenômeno das mesas girantes, e quis saber o que as fazia girar, bater e dar respostas inteligentes. E ficou sabendo, como é certo, que as pessoas falecidas continuam vivas noutros planos e vida, e podem vir manifestar-se aos que ainda ficaram na carne. Entrando em contato com essas inteligências extra-corpóreas, ficou sabendo como são, como vivem, como se sentem, como agem, como se organizam em sociedade e se regem, politicamente, em estado. A revelação destas coisas constitui não só a ossatura como ainda o corpo de todas as obras de Kardec; tudo, pois destes livros é pura revelação. E se é revelação não é ciência, porque o método da ciência é oposto ao da revelação; nesta tudo são afirmações sem provas nenhuma. Já a ciência prova e procura demonstrar tudo, sem afirmar nada, sem tirar conclusões, visto ser isto tarefa da filosofia. E se tudo o que quis saber Kardec, foi perguntar aos espíritos, e eles lhes revelaram, como querem, agora, alguns, que este corpo de revelações seja pura ciência? Onde é que está a experimental coleta de fatos para a indução da lei geral que os rege, nesta ciência de Kardec? onde, a hipótese, a dedução e a exemplificação na filosofia espírita? Acaso não é este o método das filosofias, e aquele, o das ciências? Por ventura estas revelações em que se tem de crer de fé, e que aparecem como verdades assentadas, indiscutíveis, podem ser rotuladas de ciência e filosofia? Qual de vocês me poderá demonstrar que o método da revelação, próprio dos profetas e dos místicos é científico? Então é ciência saber por ouvir dizer? o saber revelado pelos espíritos, e aceito com um amém?

E depois de respirar numa pausa, continuou:

– Se até mesmo a parte propriamente científica do espiritismo foi abordada e elaborada pela revelação, o método dos místicos, profetas e santos, pelo que se torna religião e fé, que dizer do aspecto filosófico e do religioso? Filosofia revelada é filosofia, ou é religião? Quer dizer que a ciência e a filosofia espíritas são revelações, e por isso coisas de fé que se aceitam sem discutir; e destas revelações e misticismos se tiram ainda conseqüências religiosas!... mas, que digo?... estas conseqüências não se tiram, visto que também são impostas por revelação. E os que, como Kardec, insistem e teimam com um pensamento lógico, silencia-os, o Espírito, com esta frase francamente dogmática: “Como ousais pedir a Deus contas de seus atos? Supondes poder penetrar-lhe os desígnios?”²⁰. Bonito!... Moisés dizia ter recebido suas revelações de não menos que do próprio Deus; no entanto os espíritas que põem dúvida sobre o que Moisés escreveu, querem seja verdade absoluta, indiscutível, o que teria dito este simples bispo de Hipona desencarnado, que é Santo Agostinho? Ora, meus caros, os espíritos que responderam, dogmaticamente, às perguntas de Kardec, apenas manifestaram suas opiniões pessoais de homens desencarnados. Estes oráculos consultados por Kardec, não são mais sábios que aqueles outros, do passado, que orientaram Moisés e Sócrates, padecendo, todos, da mesma relatividade. Por isso o “Livro dos Espíritos” não é obra intocável, como muitos o supõem, ao lhe cantarem loas. Pelo menos a parte teológica desta obra terá de ser refeita totalmente.

²⁰ Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, Resp. 123

– O que diferencia ciência, de religião, de filosofia – prossegue o pensador – é só o método seguido na obtenção da verdade. Uma verdade será científica, se o método empregado, para descobri-la foi o científico, o qual pode ser repetido quantas vezes se quiser, e por experimentadores diferentes. Sê-lo-á filosófica, se foi alcançada por encadeamento lógico de idéias, com base numa premissa. Mas se a mesma verdade vier do alto, por revelação, dada em tom peremptório, dogmático; se a verdade nos veio inteira, pronta, como resposta completa, acabada; será que tal verdade poderá ser rotulada de científica? Para se provar que a luz branca se compõe de sete cores, usa-se o prisma de vidro de base triangular para decompô-la; um outro prisma igual que colete as sete cores, pode reuni-las de novo na luz branca; também se pode empregar para esta síntese das cores, o disco de Newton. Isto é ciência. Porém se um espírito, ainda que seja o do próprio Newton, nos vier oracular, por meio de alguma sibila, que luz branca se compõe de sete cores... e só... sem nos dar o método para chegarmos a esse resultado, suas falas serão verdade de fé, e não de razão e ciência. Será crença e misticismo, e não a consequência da comprovação experimental. Por isso a classificação de uma verdade se faz tendo-se em vista, o método seguido na sua obtenção; será científica, se o método seguido foi o experimental; será filosófica, se a ela se chegou por encadeamento lógico de idéias; será profética e religiosa, se para a conseguir se foi consultar os oráculos, os pitões, os profetas e os místicos... E, pois, como se demonstram os enunciados do espiritismo? acaso não é consultando-se os espíritos em sessões práticas? Se nos disserem eles, ainda que por médiuns diferentes espalhados pela face da Terra, que em Marte há vida inteligente, enquanto tudo forem falas reveladoras, não se poderá dizer que seja ciência. A idéia muito razoável da habitabilidade doutros planetas pode ser teoria filosófica, se a tal se chegou por encadeamento de raciocínios lógicos. Todavia, se essa idéia nos foi insuflada, impingida, imposta, por revelação, deixa de ser até teoria, visto a termos aceitado por sugestão, em vez de por persuasão. E tudo isto podemos encontrar nas obras de Kardec. Porém, se formos assistir às sessões práticas, aí pelos centros, então, sim, é que tudo se resolve em misticismo puro!...

E encarando, desafiadoramente, a todos os presentes, rematou Árago:

– Quem de vocês, aí, me vai demonstrar que o espiritismo das sessões práticas é ciência?

– É claro que esse mediunismo desenfreado que grassa por aí, não é espiritismo, argumentou Orsoni, e sim, somente, religião. Mas o espiritismo não é isso. Espiritismo é Kardec, sem o qual não há espiritismo. Esse religionarismo espírita, por descurar dos postulados básicos da doutrina de Kardec, deixa de ser espiritismo, pois foi o próprio Kardec que o disse...

– Nada do que disse Kardec, meu caro Hierão – atalhou o pensador, cortando a frase de Hierão Orsoni, e prosseguiu: – “Res non verba”! Quero fatos e não palavras, porque a ciência se constrói de fatos que não de palavrório... Kardec é autoridade em espiritismo, mas não, em linguística, não sendo, por isso, a pessoa indicada para responder se espiritismo é ciência ou religião; qualquer dicionário está melhor autorizado que ele para dar essa resposta; vejam-se, por eles, as definições correntes de uma e de outra coisa, e depois apliquem-se ao próprio Kardec, isto é, ao método revelatório que ele empregou para construir a tal “ciência espírita”. Pegar dum punhado de cadernos de médiuns, onde estes escreveram as mensagens vindas dos espíritos; passar tudo isto pelo tal “crivo da razão” e sentenciar: isto é bom; aquilo não presta. Organizar, depois, o que cuidou ser bom e estar certo, e sobre isto codificar a doutrina, e depois dizer: isto é ciência?! Por ventura pode uma ciência ser codificada por homem? Se o pode, digam-me: quem codificou a física? A química? As matemáticas? A biologia? Acaso tais e tais verdades o são porque o disse Pitágoras? Porque o disse Newton? Porque o disse Lavoisier? Porque o disse Pasteur? As coisas não hão de ser assim ou assado porque Kardec disse; basta já dessa logomaquia kardeciana; hão de ser assim e assim, porque a tal se chegou pelo estudo dos fatos e pela demonstração lógica? Chega já dessa logorréia dos que trocam os fatos por Kardec, e em vez de dizerem que sem fatos não há espiritismo, dizem que sem Kardec é o que não há. Falam, como você, meu caro Hierão, em **“postulados doutrinários”**, esquecendo-se de que os postulados, por indemonstráveis, têm força de dogmas, e são

falíveis, pelo que, por exemplo, há várias geometrias fundadas em postulados diferentes, de modo que não se pode saber qual delas é a verdadeira, nem se o espaço físico é plano e infinito, como o afirma Euclides, ou se é hiperbólico, como o queriam Gauss, Labochevski e Bolyai, ou, elíptico e esférico, como o entendia Riemann. Por causa disto até se chegou a falar no “escândalo da geometria”! Esquecem-se de que nas ciências experimentais, que nascem da pesquisa, como a que o espiritismo promete ser, não há postulados! A ciência espírita deve nascer de fatos e ser indutiva, a posteriori, e não se deve fundamentar em postulados apriorísticos próprios das ciências dedutivas, como as geometrias, nem deve ser ciência especulativa como é a filosofia. A maioria dos que têm Kardec por autoridade suprema, meu Hierão, são crentes de Kardec, isto é, que aceitam de fé o que ele disse, e não convictos por terem observado os fatos espíritos em condições científicas, inequívocas. A esmagadora maioria que cita Kardec e fala em ciência, nunca viu um espírito materializado num trabalho cientificamente controlado. Você mesmo Hierão, que é espírita confesso, aposto que não viu um espírito materializado nas condições aludidas; viu?

– Não... não vi. Para ser verdadeiro, confesso que já presenciei tais fenômenos, mas, de longe, no escuro, e reparei que eles, além de não terem controle científico, se davam numa atmosfera de puro misticismo.

– E entre místicos tudo é possível – continuou o mestre. – E dar crédito aos relatos de William Crookes é aceitar, de fé, o que ele diz. Qualquer de nós pode estudar qualquer ciência observando e experimentando como o fizeram os mestres dela; em espiritismo temos de contentar-nos com o que disseram os mestres do passado, sendo, por esta causa, mais uma “ciência” de livros em que se deve crer, do que de fatos que cumpre demonstrar. As controvérsias e polêmicas espíritas começam e acabam em cima do papel, ao invés de no laboratório experimental; assim o espiritismo fracassa na hora das provas, dos fatos, e por isso não convence aos racionalistas, e sim só aos crédulos vindos doutras religiões. Deste jeito o espiritismo passou a constituir uma religião a mais, ao invés de irmaná-las todas como foi o primitivo ideal de Kardec. Eu digo, como vêm, abertamente, o que penso, após a acurada observação de muitos anos; mas em fazendo isto, me exponho a ser xingado pelos fanáticos do espiritismo, como ocorreu fazer-mo Blénio Trivelino. Assim a caridade espírita, fora da qual não há salvação, fica sendo só uma questão de palavras, a julgar pelo modo como se tratam os polemistas espíritas.

– Admito que haja fatos – prosseguiu o mestre – todavia eles estão descoordenados, descosidos, e vêm quando menos se os espera, e sem possibilidade de serem isolados, por enquanto, para um tratamento científico adequado. Estes fatos são o objeto do espiritismo científico e dedicar-se alguém a eles, pelo menos no Brasil, é coisa que ainda está por acontecer. Até em torno dos fenômenos de materializações, como o afirmou, há pouco, Hierão Orsoni, se formam núcleos de misticismo, não se podendo controlar coisa nenhuma. As chamadas sessões práticas ou experimentais de todos os centros por aí afora, longe de constituírem ciência verdadeira, se resolvem em puro misticismo e religião. Em quase todas as cidades há centros espíritas, e, às vezes, mais de um; pois que vão vocês percorrê-los, como já o fiz, e constatarão, por si mesmos, a que fica reduzida a tão decantada ciência espírita! Nem a autoridade de Kardec, nem a de ninguém pode substituir os fatos, os quais precisam estar sucedendo algures para serem, de contínuo, apresentados. Em espiritismo, como em qualquer ciência, é preciso haja o direito da dúvida e da descrença, não podendo os fanáticos deste e do outro mundo irritar-se contra os que não têm fé. Por isso é imprescindível à vida do espiritismo, como ciência, se formem centros metapsíquicos de pesquisa, assim como os há de astronomia, de física e de outras mais ciências. Para a gente ser cientista de qualquer especialidade exige-se cultura específica e esforço continuado de muitos anos. Jamais vi matemático ou físico, ou químico, ou filósofo, nascerem sabendo. No entanto os centros espíritas estão repletos dos que nada sabem, a serem dirigidos por mestres de nada, que trocam o saber pela fé, e a razão pela fala dos guias. O guia disse, o guia aconselhou, o guia ensinou... e por aí o experimentalismo se reduz, outra vez, a pura revelação dos guias... em continuação das obras de Kardec. Ninguém lê nada, nem se interessa senão por aquilo que veio através da mediunidade dos grandes médiuns. Se algum

filósofo tiver alguma coisa a dizer, trata de afirmar que foi uma grande “Voz” que lhe ditou a doutrina, assim ou assado... ou então, diga que teve uma portentosa “Visão”, uma “Visão Cósmica”... ou então, o que é mais seguro, morra primeiro, que morto vale mais que vivo, e dê, depois, suas luzes, através de algum médium prestigioso... O espiritismo pretende ser doutrina exclusiva dos espíritos, e por isso, nela só tem vez os espíritos desencarnados. Qualquer coisa que não venha dos espíritos, sentencia Vitélio Biberão, por melhor que seja, não passa de mero comentário, e ainda que precioso, não pode ser incorporado à doutrina. Deste modo, o Evangelho do Cristo, com ser obra de encarnado, e não de espírito, está fora da doutrina espírita. Por este mesmo critério as falas de Kardec não passam de comentário também, visto que ele estava na carne, quando as proferiu. Tal o espiritismo científico, como querem muitos, chegando ao absurdo de negar que tudo isto não seja religião e misticismo!

E limpando a gordura e suor da testa e do nariz com a manga da camisa, continuou:

– O espírito materializado é o único ponto sólido, palpável, material da doutrina espírita, sendo, por conseguinte, sobre esta base que todos os adeptos deveriam começar, ao erigirem seus edifícios ideológicos próprios. No entanto, a esmagadora maioria faz espiritismo de fé, por ouvir dizer, por acreditar na autoridade dos mestres do passado e do presente, e não por ter observado e experimentado por si mesma, em condições científicas, inequívocas. Para que o espiritismo seja uma ciência, esta exigência, além de outras, é fundamental. Crookes fez suas experiências de materialização de Katie King, quase que sozinho, e apenas apresentou seu relatório a seus pares da Sociedade Real de Londres, quando, na verdade, as experiências deveriam ter sido repetidas na presença deles. Crookes poderia ser honesto, mas é bem que a ciência não se fie de homens ainda que honestos (sugestão) para só confiar nos fatos vistos, observados e repetidos pela experiência, em quaisquer tempos, em quaisquer lugares e por quaisquer experimentadores (persuasão)... E conquanto unicamente isto constitua a base sólida, feita de fatos, do espiritismo, não se o pode verificar com frequência, como se os espíritos estivessem também interessados em guiar os homens mais pela fé do que pela razão. Também eles gostam mais de sugerir que de persuadir com fatos e provas inexoráveis, e é por isso que Emmanuel declarou adiáveis os fenômenos de efeitos físicos. O dia em que o espiritismo puder fazer isto, em larga escala, nenhuma outra religião permanecerá, pois não há quem não tenha mortos queridos para ver, abraçar e ouvir-lhes a palavra de vida eterna... podendo ainda fotografá-los e gravar-lhes as vozes!... Se o espiritismo pode apresentar tais fatos, é mostrá-los logo, em lugar de tanta polêmica oca e discursos de vento. Se o teleplasma ou ectoplasma se desintegra à luz normal, como dizem, em razão do que as materializações se hão de realizar em plena escuridão, por que, logo, não se fotografam e não se filmam as aparições espirituais com filme infra vermelho? Se o espírito materializado, como já tenho visto, chega a acender, sobre si, de quando em quando, uma luz vermelha, como não poderia ser “iluminado” pelos raios invisíveis do calor, apenas calor? Não é, acaso, nesta direção que se tem de aplicar o espiritismo, já centenário, para ser científico, como querem alguns, dentre os quais, Kardec? Ciências que nasceram muito depois do espiritismo, como a física nuclear, vejam vocês onde é que já estão? Estão certas estas considerações, meu caro Hierão?

– Sim, estão.

– Apertemos o torno duma vez, então – tornou o sábio. – Como vimos atrás, religião é fé; e fé, sugestão, e sugestão, hipnotismo; logo, religião é hipnotismo. O hipnotismo lida com a imaginação, com a sugestão e com as alucinações, sendo tudo isto não só o fundamento, como ainda a constante mística em todo o fenômeno religioso. E se chego a demonstrar que espiritismo é religião, ipso-facto, fica provado que espiritismo é hipnotismo. Se até a parte experimental ou prática do espiritismo, no que diz respeito aos efeitos inteligentes, se reduz à religião (revelação), segue-se, necessariamente que hipnotismo e espiritismo são uma e a mesma coisa, como eu dizia. A base fisiológica dos dois fenômenos é a mesma; ambos são galhos do mesmo tronco.

E depois dum descanso, continuou o filósofo:

– O espiritismo experimental ou prático lida com efeitos inteligentes e efeitos físicos. Pois até nos fundamentos dos fenômenos de efeitos físicos está a hipnose, porque o médium destes efeitos pode ter sua produção de ectoplasma aumentada ou diminuída pela sugestão. O ectoplasma, como se fora secreção glandular, se subordina aos mecanismos da mente, e esta, aos processos hipnológicos. Se o médium estiver, portanto, convencido de que em tais ou quais condições os fenômenos não se realizam, ele será o primeiro a não produzir e a não exsudar o ectoplasma necessário às aparições ou levitações. Pela recíproca, produzirá ectoplasma em quaisquer condições, se para tanto estiver condicionado. Todavia é fácil, nestes fenômenos, de separar o médium da forma materializada, ou dos acontecimentos objetivos. Não assim com os efeitos inteligentes que formam o grosso dos fenômenos espíritas, porque estes se baralham com os fenômenos hipnológicos, sendo impossível separá-los. Allan Kardec recomenda não se forçar o desenvolvimento da vidência, sob pena de o médium ficar exposto a ser “joguete de sua imaginação”²¹. Esta frase “joguete de sua imaginação”, traduzida em linguagem hipnológica, significa alucinações, e no caso da falsa vidência, alucinações visuais. Por conseguinte, a vidência, como as demais mediunidades, nada tem de segura e infalível. No entanto, sempre que um centro dispõe de médium vidente, é este freqüentemente consultado pelo diretor dos trabalhos, como se a vidência fosse infalível. Por causa de o vidente se constituir, deste jeito, numa posição chave, sua autoridade sobe, às vezes, acima da do diretor, no conceito de todos os assistentes e médiuns que passam a acatar-lhe as palavras como verdade indiscutível. Ora, é assunto pacífico que todos os médiuns são sugestionáveis, sensíveis hipnóticos, funcionando a palavra do vidente, por causa disto, como sugestões. Torna-se preciso que, por isso, na hora dos trabalhos espíritas, os médiuns videntes tenham muito cuidado com o que dizem. Se um deles disser ter entrado pela sala a dentro uma horda diabólica de espíritos escuros, de horrendas carantonhas, todos começam a sentir-se mal e a balbuciar apressados e ciciantes padre-nossos. Se o vidente disser que há uma entidade envolvendo o médium Fulano, já este começa a convulsionar-se e a respirar fundo, se tal for o seu estilo. É assim que, se o vidente tornar-se “joguete de sua imaginação”, esta alucinação visual sua desencadeia, pela palavra, uma série de outras alucinações entre os demais médiuns, pois é sabido que as alucinações de todos os tipos, provocadas pela hipnose, têm correspondência com as mediunidades de efeitos inteligentes. Medeiros e Albuquerque tem razão: “A sugestão é onímoda”²². Como é então, meu Chilon, que nos vem Vitélio Biberão dizer que no espiritismo não há sugestão nenhuma? Contra as possíveis objeções teóricas, livrescas, de Vitélio, eu aponto a realidade viva, atuante, objetiva dos centros, onde o espiritismo mostra o que pode dar na prática. E se aquele grande espírito me citar muitas autoridades e livros, dou-lhe o xequemate com o mesmo Kardec, como ainda hão de ver...

– Poder-nos-ia o mestre esclarecer melhor esta última parte? – pediu Chilon. – Este é o lugar do finca-pé espírito contra os que afirmam ser espiritismo e hipnotismo faces da mesma cara!

Calmo, sorridente, replicou Árago:

– Esclareço-o com uma autoridade, para os espíritas, e um fato, para os hipnólogos.

Mas quando ia principiar a falar, consultou o relógio e exclamou:

– Caramba!... Como é tarde!... Ficamos muito tempo entretidos, em ouvir música, e o tempo andou!... Concordariam vocês em deixarmos esta parte para amanhã?

– Está bem – anuiu Chilon, falando por todos. – Mas o senhor nos promete explicar, depois, se a fé é um bem ou um mal? Minhas dúvidas, quanto a esta parte, não estão de todo desfeitas, visto que Lumbaio usa a fé dos outros em proveito próprio, e foi pela fé que Tonhão Porcelo perdeu seus cinquenta mil cruzeiros.

– Prometo. Este será o ponto que estudaremos todos, querendo Deus, após ao de amanhã. Depois de “Kardec e o hipnotismo”, portanto, iremos ver “Os perigos da fé”.

²¹ Allan Kardec, Livro dos Médiuns, pág. 171

²² Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, pág. 250

II - Kardec e o Hipnotismo

As tertúlias na casa de Árago começaram a ter mais freqüentadores. Chilon Aquilano foi o primeiro a vir; depois veio o materialista Benedito Bruco; pouco mais, e ligou-se ao grupo Hierão Orsoni, espírita convicto. Os últimos foram Basílio Desiró, Bernardo Jasão, Alcino Licas, Bento Caturi e Frederico Hening. Havia outros, mas nem sempre todos podiam vir. Neste dia, estes eram os presentes.

Dona Cornélia, sabedora da vinda certa de estudiosos, mantinha a sala da biblioteca muito limpa e cuidada. Tanto que caía a noite, ela acendia as luzes e abria as janelas para refrescar.

Os primeiros que chegavam iam entrando familiarmente, e indo para a biblioteca onde se punham a ler qualquer coisa, até que Árago entrasse para os serões costumeiros.

Neste dia Árago se demorara um pouco, porque chegara tarde para o seu banho, após uma pescaria feita lá pelas bandas do rio Tabatinga. Chegado o mestre à sala, e depois de cumprimentar, alegre, todos os presentes, dirigiu-se, particularmente, a Chilon, dizendo-lhe:

– Hoje, Chilon, iremos continuar nosso estudo do enigma da fé, sob outro aspecto. Mas antes que fale Kardec, não seria de utilidade ouvirmos a ciência materialista?

– Chilon fez um ar de hesitação, enquanto Benedito Bruco adiantou-se a dizer:

– Penso que isto seria de utilidade, visto como faria mais luz no meu espírito. Esta é a linguagem em que sou mais versado e entendo melhor.

Quando ia Árago entrar no assunto, interveio Chilon:

– Antes, porém, que falem Kardec e a ciência, eu lhe pediria me desfizesse uma dúvida que me ficou da palestra de ontem.

– Qual é?

– É que ontem o senhor disse que os olhos são os órgãos da ciência, e, os ouvidos, da fé. Ora, eu sei, por experiência, que podemos receber sugestões pelos olhos.

– Bem oportuna é essa sua proposição, Chilon! Primeiro que tudo, vamos a ela.

E depois de acomodar-se, pesadamente, na cadeira, prosseguiu:

– Embora os olhos sejam os instrumentos da razão, e os ouvidos, da fé, podem, de fato, aqueles receber sugestões, e são as mais fortes que há, as quais constituem a base da imitação. Não confundamos,

todavia, olhos com vista, com visão. Conquanto atrás tivéssemos tomado olhos por visão ou razão, isto só pode ser em sentido figurado. Os olhos são os órgãos da vista; a vista é a capacidade de usar os olhos. Nem todos sabem usar os olhos, meus caros, porque ver e não entender, embora seja ver, não é enxergar. É preciso visão, e não somente olhos. Qualquer animal inferior vê, e alguns mais do que o homem, seja ao longe, como a águia e a lince, seja na escuridão, como a coruja e o bacurau. Todos vêem o mundo que os circunda, mas não têm visão dele, porque não o entendem. Não há neles racionalidade e inteligência, conquanto haja olhos abertos. Esta mesma verdade é válida, também, para os homens crédulos que confiam nos próprios olhos, quando deveriam confiar na visão, que é a arte de enxergar.

Fazendo massagem nos braços, para que se dissipasse o cansaço causado pelo remo, prosseguiu o filósofo:

– E disto tira partido quem opera, hipnotizando, em meio coletivo; atua, primeiro, nos mais sugestionáveis e sensíveis, para depois fazer renderem-se os Tomés mais resistentes, os quais já receberam uma forte sugestão pelos olhos. É assim que estes já não enxergam o que vêem, para enxergarem o que não vêem. Entenderam?

– Não percebi essa sua agudeza e engenho – acudiu Chilon.

– Ora, os hipnotizados, meu caro, porque semi-induzidos, o que enxergam, é um homem poderoso e misterioso, que é capaz de fazer dormir a qualquer um; quando a fé, deste modo, se reforça pela vista, toma foros de ciência, tornando-se convicção inabalável e certeza absoluta, tão inexorável, como o é um desenvolvimento lógico ou uma demonstração matemática. Isto é o que enxergam, embora não seja isto objeto de vista. O que não vêem é que tudo não passa de puro misticismo e ilusão, pois ali, bem à vista, não há mais do que um homem igual aos outros, sem poderes sobrenaturais e místicos nenhuns, e que nada poderia fazer, se não lhe dessem crédito. Sem a fé dos presentes nada faria, absolutamente nada, ainda que se chamasse Cristo, pois é este o que, depois de bem experimentado, confessou ser impossível haver profeta com prestígio na sua terra e na sua casa (Mat. 13, 57), onde é conhecido por simples homem, sem mística e sem mistério algum. “Ninguém é grande homem para o seu criado de quarto”, já o disse Feodor Chaliapin. Por isso, o que enxergam é o poder e a força que nem existe, nem é objeto de vista; o que não vêem é o homem, ali, bem à mostra. Enxergam o que não se vê, que é o poder e a força invisíveis e inexistentes; não enxergam o que se vê, que é o homem sem nenhum poder além daquele que lhe atribui a fantasia dos presentes. E quem enxerga o que não existe, e não vê o real, o patente, o indiscutível, acaso já não perdeu a visão, conquanto tenha os olhos abertos? Antes, pois, de os fechar, já não enxerga por eles, porque o pensamento está divertido e apartado da realidade à vista, e posto na ilusão e quimera invisíveis da força e do poder fabulosos e fantásticos, que tudo, de fato, não passam de fábulas e fantasias. E como quando temos os olhos numa parte, e o pensamento, noutra, estamos no que pensamos, por isso, ainda que os olhos estejam abertos, não temos vista. Esta é a causa por que os hipnotizados, no momento de serem induzidos ao sono, ficam com cara de idiota. Ficam com cara de bobo primeiro, dormem depois, e finalmente, executam todas aquelas palhaçadas que o hipnotizador lhes sugere, tais como: dançarem com vassouras, cuidando serem gentis senhoritas; comerem em banquetes imaginários; verem cidades, com binóculos, dos aviões oníricos em que voam; participarem de divertidas pescarias em que pegam peixes enormes, fazendo estourar de tanto rir as platéias repletas dos teatros. Tal, meus amigos, a força da imaginação mais a da sugestão, ambas reunidas para criarem um mito: os olhos abertos estão num pobre mortal, comedor de feijão, como todos; o pensamento atenta para a misteriosa força e poder ocultos que não se vê, mas que se crê existir. Assim é o homem sugestionável, assim o místico, assim o sensível, seja ele o habitador de arranha-céu, seja o de caverna pré-histórica.

– Quem assistiu, um dia – prossegue o mestre – a uma sessão de hipnose de palco, teve a oportunidade de surpreender o fenômeno da gênese das religiões todas, e de todos os mitos... Quem quiser fundar uma religião, mesmo hoje, sugestione uma dúzia de crendeiros, faça-os sarar de males

imaginários que cuidam possuir; force-os a ser discípulos, para o serviço da propaganda. Fale, misteriosamente, em nome de um poder oculto, de Deus, por exemplo, e, se possível, pelo rádio e pela televisão. Conte histórias (de “story” - narrativa popular ou folclórica) de vozes e aparições em que espíritos de Deus mandaram fazer isto e aquilo. Faça isto primeiro, e depois olhe para trás, e verá quão grande é a legião de fanáticos que o acompanham. E se quiser ficar rico da noite para o dia, basta só dizer aos quatro ventos, pela antena, que Deus mandou comprar a emissora, o prédio e demais pertences. OSe aspirar à presidência da república, basta só declarar-se o novo messias enviado por Deus para pôr as coisas nos eixos... Não é assim que fez e está fazendo o bispo Coutinho de Matos, através da sua “Tenda da Cura Divina”? não é assim que procede Manoel de Melo, da seita “Pentecostal”? não é como age Alziro Zarur, com sua famosa L.B.V.? Como se não bastassem estas formações religiosas nascidas nesta terra, outras vieram de fora, recentemente, como a “Ciência Cristã” (“Christian Science”) e os tais “Mórmons” que pregam a existência de Deus como feito de carne e osso...

– Isso que é falar claro – disse Bruco!

– Como um oráculo – acrescentou Chilon – o senhor revela ao vivo, por meio duma dialética retilínea e lógica irrefragável, a substância do fenômeno religioso! Agora estou contente.

– Neste caso – replicou Árago, indiferente aos elogios – passemos para outra parte, sem quebra de continuidade do pensamento anterior: Quando, pois, há mística, suscetibilidade, fé, tudo são forças, porque as mesmas fraquezas naquelas se trocam, saindo-se do negativo para sua contraparte positiva. Aqui está, meus caros, por que venceu o cristianismo: “Homens e mulheres procuravam entusiasticamente o martírio como um sacramento, um «segundo batismo», um meio de perdão para os pecados e um caminho seguro para o Céu. Inácio de Antióquia, um dos notáveis mártires cristãos do Sec. II, designou-se a si próprio como “trigo de Deus” e anelava pelo dia em que pudesse ser «triturado» pelos dentes das feras e por elas transformado em puro pão de Cristo”²³.

Fechando, Árago, o livro que tomara para ler o ponto, continuou:

– É que o maravilhoso não se explica, e por isso se impõe pela fé, suggestionando, condicionando, vencendo, arrastando as massas, criando legiões de fanáticos, escrevendo a História, movendo o mundo. É assim que diz o Dr. Osmard Andrade que “não foi difícil a **Cristo** hipnotizar as massas levando-as ao auge da alucinação”²⁴. A multiplicação dos pães e dos peixes seria uma alucinação coletiva, como a que se vê nos palcos teatrais, onde hipnotizados tomam parte num banquete imaginário; a pesca maravilhosa, idem. A ressurreição de Lázaro, para não se falar das outras, foi um condicionamento de efeito pós-hipnótico; Lázaro entraria em catalepsia por três dias. As aparições de Cristo seriam alucinações visuais, chegando a serem tácteis, no caso de Tomé. E conclui este médico que prega que morreu acabou: “Trocando-se uma coroa de espinhos por outra de louros, fez-se um herói de um milagreiro. E quando a turba alucinada «viu» em fenômeno de delírio e auto-hipnose coletiva seu mártir materializar-se, o herói santificava-se «per omnia seculo seculorum»”²⁵.

– Eis – prossegue o sábio – que tudo é crença, tudo fé, tudo suscetibilidade, tudo sugestão, tudo hipnotismo, ou explicável pelo hipnotismo. Hoje, os que falam em termos de ciência, como Karl Weissmann, recomendam não se dizer ao paciente que tenha fé, mas, confiança; que é suggestionável, mas sensível²⁶. Eis como se trocam as palavras, sem lhes mudar os sentidos; ter confiança é igual a acreditar e ter fé; e ser sensível, suscetível, é o mesmo que suggestionável, crédulo, ou, para usar as palavras do Dr. Osmard, isentas de eufemismos, ser do “tipo nervoso débil, desequilibrado, instável, com predomínio dos processos inibitórios”²⁷, ou ainda, como diz noutro lugar, ser “material humano doente”,

²³ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, IV, 827 - 828

²⁴ Dr. Osmard Andrade Faria, Hipnose e Letargia, 5

²⁵ Dr. Osmard Andrade Faria, Hipnose e Letargia, 5

²⁶ Karl Weissmann, O Hipnotismo, 75 - 76

²⁷ Dr. Osmard Andrade Faria, Hipnose e Letargia, 122

“com predominância histérica ou neurótica”²⁸. A ciência, deste modo, tendo trazido a fé para os seus laboratórios de biologia e de psicologia, tem demonstrado que andara certo Cristo, em curar pela fé, sem recursos químicos. Se por isto ele era um milagreiro, não o são menos os médicos que lhe seguem o exemplo, sugestionando, para curar.

E interrogou o sábio, ao tempo em que estirava os braços doloridos pelo esforço do remar:

– Se, pois, Chilon, tudo isto é hipnotismo, que é hipnotismo?

– Responda-o o Dr. Osmard Andrade – retrucou Chilon – que escreveu dizendo: “Ouçamos agora, novamente, a pergunta dos defensores da gênese sugestiva do fenômeno hipnótico: **Hipnose é sugestão?** Claro que é. Não duvidamos disso. Mas respondam por nós, os leitores: **E sugestão, o que é?**”

29

– E que é? Chilon – insistiu o pensador.

– Responde o médico, em todo o capítulo 7.º desta obra, que sugestão é reflexo condicionado, ou arcos nervosos formados ao estímulo das palavras.

– Quê? – replicou Árago, fingindo surpresa. – sugestão é reflexo condicionado? Ora, ora, meu Chilon!... os reflexos condicionados, ou arcos nervosos são mecanismos neurológicos prontos para responder ao estímulo desencadeante; ao passo que **a sugestão é o ato de preparar estes mecanismos** que, depois, se chamam condicionamentos. Aquilo que é sugestão, agora, no momento da gênese dos arcos nervosos, será reflexo condicionado no futuro. **Sugestão é o momento genético dos reflexos condicionados; é reflexos formandos**, e não, **reflexos formados; é reflexos com-di-cio-nan-dos**; e não, condicionados.

E pondo-se o mestre a acariciar a cabeça duma águia de bronze que tinha sobre a mesa, argumentou:

– Os reflexos condicionados podem formar-se também pela persuasão, pela compreensão, pela educação. Qualquer aprendizado, sem nenhuma exceção, é uma rede de reflexos condicionados. Quaisquer hábitos, quaisquer técnicas, quaisquer habilidades, quaisquer aprendizados são condicionamentos reflexivos formados pela repetição, são caminhos nervosos, são circuitos neurogênicos, são tramas de fibras associativas que cada vez mais se reforçam e engrossam pela repetição. A massa branca cerebral é só fibras associativas que se formam pelo esforço do ato, e se engrossam pela repetição deste; é por esse mecanismo que se formam os hábitos, os caracteres, os destinos; eis como a educação forja o homem, e como a inteligência cresce continuamente, se posta sempre em exercício. Inteligência não é só número de células nervosas, senão também volume de massa branca. Se a cabeça duma criança for posta dentro dum capacete rígido, para não crescer, conquanto o número de neurônios não diminua, a inteligência não se desenvolve. Por isso, “no decorrer dos anos o cérebro, ao crescer, vai provocando um ligeiro afastamento dos ossos cranianos. O crânio humano pode, de acordo com a lei do exercício, aumentar de circunferência nos últimos decênios da vida. Tanto o crânio de Goethe como o de Gladstone cresceram mesmo depois dos 50 anos. No crânio de Kant na idade de 82 anos as suturas ainda eram móveis enquanto num microcéfalo elas se fundem já na adolescência”³⁰. Como o número de células cerebrais não aumenta, o crescimento do cérebro só se pode dar pelo aumento das fibras associativas; estas, em aumentando, exigem espaço forçando a expansão da caixa craniana. Seria esta a causa do estalo ocorrido na cabeça de Vieira, Chilon?

– Francamente, prezado Árago, nada posso asseverar a respeito...

– Mas concorda você, em que a educação seja reflexos condicionados?

– Ah! Isso ninguém pode negar, visto ser essa mesma a definição ensinada nas escolas, sendo isto assunto pacífico entre pedagogos e educadores: educação é reflexo condicionado.

²⁸ Dr. Osmard Andrade Faria, Hipnose Médica, 443

²⁹ Dr. Osmard Andrade Faria, Hipnose e Letargia, 123

³⁰ Fritz Kahn, O Corpo Humano, I, 140

- Logo – tornou o sábio – ela também é hipnotismo, ou seja, sugestão?
- Essa generalização é um abuso, um absurdo!...
- Mostre-me, você, então, onde está o abuso ou absurdo!
- Está na generalização, ora, essa!
- Todavia, se a regra não era geral, por que a não particularizou, então, o Dr. Andrade?
- Ah! Isso é lá com ele, prezado Árago... e só com ele...; nada de apertos comigo!...
- Que nada! exclamou, o pensador, com uma risota zombeteira – deste garrote não se escapa.

Aristóteles, em criando a lógica, deixou expresso, entre seus princípios meridianos, este axioma: duas coisas iguais a uma terceira, são iguais entre si. E as duas coisas podem ser educação e hipnotismo; e ambas são iguais a uma terceira que é reflexos condicionados. Portanto hipnotismo é educação!...

- Então, como escapar a este arrocho? – interrogou Chilon.

– Ah! Pinoteiem! bradou, o dialeta, a rir... – escapem agora, eu quero ver, a esta chave danosa de pescoço, com que no caratê se garroteia e estrangula o contrário!...

– Impossível! – acudiu Chilon, por si e pelos outros – não sabemos como afrouxar este garrote com que o senhor aflige e esgana o doutor!

– Continuemos, então, a ver isso – tornou o mestre: os reflexos condicionados, mesmo em hipnose, todos entendemos o que sejam; não, todavia, os condicionandos, porque sua gênese envolve confiança e fé na autoridade de quem fala, e tanto que o sujeito pode dormir, por causa da monotonia de quem fala, sem, contudo, estar em “rapport” com ele. Os maus oradores fazem dormir, porém, o sono é natural, e não hipnótico, pois quem dorme ao som de arengas monótonas, perde o ouvido, não havendo, em tais casos, a preservação do ponto vígil de Pavlov. Nas sessões práticas do espiritismo os médiuns entram em transe pela auto-hipnose, aproveitando a monotonia do ambiente, conquanto nem sempre aceitem o comando do doutrinador, nem deste recebam sugestões, pelo que tomam, por sua parte, fazer estrepulias, com ou sem espíritos comunicados. Para formar quaisquer condicionamentos num cão, são precisas muitas repetições de sinais, em lugares isentos de ruídos perturbadores. Num homem, basta a palavra, ***quando este crê à palavra, por confiar em quem a usa.*** É assim que distinguimos uma palavra da mesma palavra, só pela distinção das pessoas que a proferem. A diferença não está, por conseguinte, na palavra, em si, que é o sinal condicionador, mas na autoridade e prestígio de quem a pronuncia. Na explicação simplista dos discípulos de Pavlov não se contém este fator decisivo, que é o prestígio ou autoridade emanante do hipnotizador. Quem não tiver personalidade, firmeza de caráter a se irradiar dos olhos, dos gestos, das atitudes; quem for tímido, acovardado, corrido, fraco, hesitante; quem não tiver um ar de auto-confiança, de auto-determinação, de coragem, de valor, de audácia, poderá saber hipnotizar, que isto é fácilimo, todavia não fará sucesso. Na boca de Cristo o levanta-te e anda, teve a força e o efeito de um raio para o parálítico de Siloé. Se, pois, a palavra era esta para a cura, e o parálítico queria sarar; por que, logo, qualquer um não a proferiu, sarando o entrevado? É que a sugestão, como venho demonstrando, meus caros, não é reflexos condicionados, para ser reflexos condicionandos, e nesta diferença de tempos participiais está o busílis que o Dr. Osmard Andrade não pode destrinchar, visto exorbitar do campo em que, inegavelmente, tem competência. Hipnotismo é este participio presente que o doutor quer passar para o pretérito, como se pudesse haver passado sem o presente que o determina.

E espraçando o percuciente olhar pela pequena assembléia, continuou:

– Uma coisa é o acontecimento realizado; outra, o fazer-se dele. Uma coisa é o passado estratificado na forma; outra, o presente da sua formação, em que forças ignotas e várias a modelaram. Uma coisa é a anatomia; outra, a fisiologia que operou a gênese das peças anatômicas que são perfeitamente funcionais antes de funcionarem. Uma coisa são os reflexos condicionados; outra, os condicionandos.

– A evolução – continuou o mestre – está aí à mostra, e patente em cinco provas irrefragáveis que são: as paleontológicas, as anatômicas, as embriológicas, as dos órgãos residuais e as sorológicas;

todavia nem Lamarck com sua teoria da transmissão dos caracteres adquiridos, nem Darwin com a sua da seleção das espécies, nem Hugo De Vries com o seu mutacionismo explicam, a contento, como as coisas se passaram. E por que? Porque uma é a coisa feita; outra, o fazer-se dela! O que são, pois, os reflexos condicionados, ou sugestão? São um ativo movimento de formações neurogênicas, em que vibra todo o sistema nervoso ligando circuitos aqui, desligando-os acolá, transpondo fibras ali para associá-las além. O que é presente agora, será passado daqui a pouco, e este mover-se febricitante de toda a usina neurológica é que se chama sugestão ou reflexos no ato mesmo de se formarem. E toda esta movimentação superfabulosa, que ignora a realidade patente para criar alucinações e delírios estupendos, se dá, única e exclusivamente, porque o paciente confiou, sem reservas, na autoridade de quem sugestiona; porque abdicou o comando sagrado de si mesmo, para dá-lo a quem julgou maior que si; porque abandonou-se, como criancinha tenra, ao inteiro cuidado daquele mais que pai; porque entregou-se de modo inteiro, incondicional, ao que cuida seja um condutor cujas palavras são lei, e, se proferidas contra a mesma Terra, fã-la-ia oscilar nos seus alicerces cósmicos. Tal é o que sente (visto que não pensa) o hipnotizando ao dar-se ao hipnotizador, para que este o possua, todo, inteiro, até as profundezas mais remotas do seu ego!... As cidadelas todas da personalidade vão rendendo-se uma a uma até que, nas profundezas do eu, no mais profundo sono, o vencedor de todas as resistências planta sua bandeira de vitória incondicional, que é o sinal hipnogênico. Basta a senha, agora, então, para que a muralha se abra, baixando a ponte levadiça sobre o fosso! E tudo isto acontece porque o paciente teve fé e creu à palavra, visto como ela provinha de um quase deus! As maravilhas estupefacientes do hipnotismo moderno, portanto, se alicerçam nos velhos enunciados de quem disse: Se tiverdes fé e não duvidardes, direis a este monte: ergue-te daí, e roja-te no mar... e ele o fará (Mat 21, 21).

E depois de tomar um fôlego, prosseguiu:

– O fundamento remoto da hipnose está no instinto gregário, jacente no homem, e que o força a seguir a quem o supera; e para conhecer este fundamento preciso se faz descer às profundezas do homem, remontando-lhe o passado, e isto se consegue, observando o comportamento dos símios e antropóides. “Se quiseses entender o homem, dirige-te ao macaco”³¹. E é dirigindo-nos aos macacos que ficamos sabendo que “os símios são «esquizóides», isto é dominados em parte pelo cérebro primitivo e em parte pelo cérebro recente; em consequência, animais gregários e contraditórios, com tendência para vencer o gregarismo da sua natureza; observam-se assim, nos primeiros degraus da escala, hordas numerosas e rigorosamente organizadas; nos graus intermediários, clãs reduzidos e dispersos; e entre os antropóides e o homem, simultaneamente o rebanho e os indivíduos. O símio normal, como todo animal gregário, gosta de que haja quem pense e resolva por ele; quer ter um guia que segue cegamente. Os mais fortes os mais astuciosos, os mais ambiciosos do rebanho se aproveitam dessa fraqueza e arvoram-se em «chefes», que desempenham para a galeria o papel de «pai do povo», e são na realidade tiranos, exploradores da fraqueza dos símios medianos, para exercer um terrorismo e gozar todos os privilégios dum monarca. Os inferiores da clã são submissos e bajulões; em consequência, todo macaco importante vive cercado duma coorte de criaturas venais. As piores são as macacas. Estas enxameiam em torno do paxá; coçam-lhe horas inteiras o pêlo, beijam-lhe as orelhas, oferecem-se. Como os símios praticam os contatos sexuais «more bestiarium», a macaca mostra-lhe, à guisa de «cumprimento simiesco» o traseiro, gesto que entre os homens se considera expressão de pouco caso. O macaco-chefe costuma receber as homenagens devotas da sua corte com ares típicos de grão-senhor, simulando indiferença, ou esquivando-se absolutamente; contudo, as momices da macacada são gratas ao seu coração, porque o símio é vaidoso, desmedidamente vaidoso. Pode gastar horas enfeitando-se; e não há gorro de truão que lhe pareça bastante impróprio para o enterrar na cabeça e julgar assim mais do que os outros. Tudo o que brilha o encanta; e nada lhe merece mais respeito do que um uniforme. Por este motivo, costuma-se fardá-lo; um

³¹ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 448

dos mais famosos símios amestrados percorria o mundo, com o nome de «general Tom». Nos trópicos é comum vê-los associarem-se aos soldados e tornarem-se «mascotes» do regimento. Esses macacos “militarizados” depressa aprendem a diferenciar o oficial do soldado raso; adulam o primeiro e não escondem o seu pouco caso ao segundo. Assimilam até os preconceitos raciais e tratam os negros como se eles – os símios – pertencessem a uma raça superior. Com o mesmo orgulho se avêm com subalternos, ordenanças, jornalheiros, porque no exército se consideram membros da casta dos oficiais, e em casa como «senhores»³².

E prossegue Árago com a leitura de Fritz Kahn:

“Os símios são, na maior parte, animais gregários. Os antropóides, pelo contrário, vivem individualmente. O homem situado na árvore genealógica entre as duas espécies, traz em si os característicos de ambas. Daí a quarta fórmula: «A espécie humana divide-se em dois tipos: animais gregários e indivíduos independentes»”.

“A fórmula «gregários e indivíduos» esclarece o estranho aspecto biforme da história humana onde sobressaem do fundo da massa anônima, da pretensa «história dos povos», as biografias de personalidades isoladas, com pontos de prata num damasco”.

“A massa tem por seu turno as suas fórmulas próprias, estudadas antes de tudo com grande inteligência e bem expressas pelos franceses, como por exemplo aquela segundo a qual tanto a clareza de raciocínio quanto as inibições do homem civilizado diminuem em proporções matemáticas com o aumento do número dos participantes. Estão aparentemente em jogo forças afins ao magnetismo para «eletrizar» a massa e fascinar o indivíduo, de modo que ele aplauda quando a «claque» bate palmas; corra quando, numa hora de «pânico», todos fogem; ajoelhe, quando os demais dobram os joelhos; e até, por uma causa que não o interessa absolutamente, marche com «entusiasmo» para a morte. O orador que, do alto da tribuna, em moldura suntuosa (simiesca) fala à multidão, consegue em meia hora, de dez mil pessoas reunidas, o que não obteria dos indivíduos em dez mil anos”³³. Mais:

“Segue a fórmula: «Os animais gregários são medrosos, cobardes, não se dão ao trabalho de pensar, não querem assumir responsabilidade»”. “A maioria dos homens – escreveu Bertrand Russell – prefere deixar-se matar a pensar. A história o atesta”³⁴. Mais ainda este outro passo:

“Aí temos, pois, a imagem do homem, à luz da ciência moderna: um primata que não é símio nem antropóide, mas um primata de espécie peculiar, meio animal gregário e meio indivíduo solitário, com muitos traços simiescos, alojando no crânio dois cérebros que fazem dele um esquizóide incomparavelmente superior às demais criaturas pelo cérebro recente, e merecendo incontestavelmente o título de «rei da criação»”³⁵.

E depondo o livro de Fritz Kahn sobre a mesa, concluiu o filósofo:

– Aqui está, meus caros, a causa remota da hipnose. Já nos macacos temos o retrato grotesco das sociedades humanas. Nesta caricatura já deparamos com o líder individualista que se impõe e sugestiona, e com a massa gregária que segue obediente, submissa, sugestionada. O instinto de sujeição por parte do gregário, e o de comando por parte do individualista, formam a base do processo hipnológico. Os homens nascem sugestionadores e sugestionáveis, conforme sejam individualistas ou gregários, e mais pode, em hipnose, um individualista sem técnica, do que um gregário com ela, pois a técnica não faz, mas esmalta apenas o que a natureza criou. E por isso valem tanto os “manuais práticos de hipnose”, como os livros para fazer escritores, ou poetas, ou filósofos. Do mesmo modo como os manuais da “arte de escrever” não fazem escritores dos que não o são por natureza, também os “manuais de hipnologia” não formam hipnotizadores dos tipos humanos gregários, ainda que tragam eles diplomas de médico. Por isso, como já

³² Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 448 - 449

³³ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 493

³⁴ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 493

³⁵ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 499

dizia o Dr. Bertran Rubio, “a gente nasce hipnotizador como nasce colorista”³⁶. Olhem, meus caros, um bando de moleques brincando, e vejam como entre eles há um chefe! Esse é o sugestionador por natureza, embora sem técnica!...

Foi o sábio até um canto da sala a fim de tomar um copo d’água numa jarra, depois do que continuou:

– Os intelectualistas e estudiosos, treinados na auto-análise, são individualistas, resistentes à hipnose, porque deixaram de ser rebanho para ser pastores. Eles é que orientam e guiam as massas, mais com o encanto da sua fama e prestígio, do que com suas persuasões. Conhecer a gênese da hipnose, por conseguinte, é remontar à formação do instinto gregário do homem, instinto que o força, na frase de Aristóteles, a ser “um animal social”. É Aristóteles ainda o que diz: “Só pode viver isolado quem for um bruto ou um deus”. Um deus é um gênio, um individualista, um solitário, um guia de massas; e um bruto é um anormal, um cretino, um idiota, no qual só a animalidade impera desenfreada. E esta minha assertiva está correta, porque é o mesmo Aristóteles quem diz que “a natureza do homem normal fica mais próxima dos animais do que de Deus”³⁷. Se o homem normal é um quase bruto, que será o sub-normal? E é somente a esses dois extremos da sociedade, o sub e o super-normal, que a vida impõe a amargurosa solidão. O gênio é um solitário, assim como o cretino, um por excesso e outro por falta de capacidade. É impossível uma sociedade só de guias, e não também de guiados; além disto os guias se desentendem sempre, porque individualistas, e por isto “os gênios se harmonizam tanto entre si como a dinamite e o fogo”³⁸. E como o instinto gregário se acha fraco no gênio e ausente no cretino, por isso ambos não se deixam hipnotizar. O idiota não se concentra mentalmente, e por isso não dorme; o gênio, conquanto se concentre, também não dorme; e por que? Porque ele, em sendo guia, pela própria natureza, e não, guiado, não crê à palavra do hipnotizador, desrespeitando a sua autoridade. O idiota por falta, e o gênio por excesso de capacidade mental; o cretino por não ter consciência do social, e o gênio por tê-la em demasia, a ponto de exigir para si o direito inalienável de ser o centro ou guia do rebanho de medíocres. Se, pois, alguém deve comandar, que durma, então, o hipnotizador (dentista ou médico) que é um ninguém, e não ele, gênio, visto ser impossível fazer preocupar-se a águia com o arrulhar monótono dum pombo!...

E fazendo uma pausa, para tomar um fôlego, prosseguiu:

– Nisto reside, meus caros, a causa distante da hipnose ou sugestão. O Dr. Osmard explicou bem o mecanismo, a fisiologia nervosa dela, o modo como ela se dá, mas não o que é, nem a causa que a origina. Desde que os primatas se reuniram em tribos ou grupos sociais um chefe surgiu do seio da massa, naturalmente, por causa do seu valor indiscutível, e se impôs, como autoridade civil e religiosa. O hipnotismo, que é sugestão, data desse tempo em que os poderes se enfeixavam numa só mão. O mesmo princípio natural que impôs a agregação das células dos animais coloniais em órgãos, e destes, em organismo, e tudo sob o comando dum órgão central e diretor, o cérebro, esse mesmo princípio também obriga as unidades humanas a se associarem sob o comando dos ótimos. Cada homem tem no seu cérebro recente (o córtex) um aparelho coordenador e diretor, e aquilo que este córtex *julgar ser o melhor*, todo o organismo o aceita sem relutar. Este “julgar ser o melhor” é relativo, visto que depende da ciência, do saber de cada um; por isso, aquele que, dentre todos, souber fazer mais altamente este julgamento do que seja o melhor, esse será o árbitro e o guia do organismo social. Assim aconteceu outrora, e terá de suceder ainda, donde vem que o governo teria de ser formado dos ótimos, como queria Platão; de acordo com este pensador, só os filósofos deveriam governar, e não como é em nossa plutocracia mascarada de sociedade democrática, em que só mandam os medíocres endinheirados. O supremo poder deve corresponder à suprema sabedoria; no entanto os altos postos de comando estão absolutamente vedados aos melhores,

³⁶ Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, 83

³⁷ Will Durant, História da Filosofia, 100

³⁸ Will Durant, História da Filosofia, 69 - 70

visto que estes se confundem com os demagogos vulgares, os quais se impõem à credulidade das massas destituídas totalmente de senso para julgar e escolher. O mesmo princípio coletivista que é coesão, no nível molecular da matéria, que é gravitação entre os sóis, que é organização entre as células, que é associação entre os homens, é o que determina que o superior coordene e conduza, e que o inferior seja comandado e conduzido; que o mais apto governe, e que o medíocre obedeça; que o mais sábio, com saber “melhor julgar”, seja o melhor julgador imposto à credulidade da maioria. Esta aceitação de fé, este voto de confiança do menor para com o maior, é a base sobre que se assentam os processos hipnológicos os quais começam com a mãe que nina o filho no berço, e culmina com Cristo, centro da História, que faz a humanidade caminhar para os seus destinos cósmicos!...

E depois de espreguiçar-se, esticando os músculos doridos, concluiu o pensador:

– Esta é a razão por que se torna impossível monopolizar o hipnotismo, como querem os doutores; fazer isto é como se pretendesse meter em bujões o ar atmosférico... para vendê-lo, racionado, depois, aos consumidores humanos!... Nunca se viu campanha mais ridícula e utópica! Onde houver um maior e outro menor, o primeiro sugere, e o segundo segue, hipnotizado, ainda que de olhos abertos. E tudo ocorre sem se precisar falar em hipnotismo, nem em sugestão, contra o que todos já estão mais ou menos prevenidos. Pretender monopolizar a sugestão é querer assegurar, legalmente, a exclusividade de ser guia e condutor de massas; fosse isto pelo valor pessoal incontestado, outorgado pela natureza soberana, eu estaria contente; mas que se obtenha este favor graças a um pedaço de papel a que chamam diploma, fácilimo de se obter tendo papai rico?! E que um broqueador de dentes, só por esta sua habilidade de caruncho, possa ter autoridade sobre mim Árago Pandagis, a ponto de me dizer que o dente não me vai doer mais, e só por isso não dói?! Seria possível que os Cristos milagreiros agora sejam tantos, que os temos em cada médico e em cada dentista... que andam por aí?! Que misteriosa arte tem esses pardais, que com seus monótonos chilreios fazem dormir até os falcões em seus poleiros?!

E respirando numa pausa continuou:

– O hipnotismo, como tenho demonstrado, não é só um recurso médico; sobretudo ele é o instrumento dos condutores de povos, e, por isso, não pode ser monopolizado por uma classe... mesmo que seja a mais importante. Precisam dele o vendedor, o sacerdote, o mestre, o chefe político, o reformador de religiões. E só os cientistas e filósofos não o necessitam por jogarem com persuasões como venho fazendo, e não com sugestões; não peço nunca a fé de ninguém, visto que imponho a todos a verdade dissuasiva!...

E pondo Árago, os olhos numa águia de bronze, orgulhosamente pousada em seu pedestal de rochas, e este, sobre a mesa, concluiu, a sorrir, satisfeito, e a sacudir a cabeça vitoriosamente:

– Este, meus amigos, é o calcanhar de Aquiles da obra do Dr. Osmard Andrade, e não aqueles pontos apresentados por seus opositores. Ninguém conseguirá derrotar o doutor, se pretender, como quiseram alguns, que espiritismo nada tem a ver com hipnotismo. Para vencê-lo, é preciso superá-lo, ultrapassar-lhe a tese, demonstrando que a quase identidade entre hipnotismo e espiritismo decorre do fato de ambos se fundarem na fé e no princípio da autoridade, donde vem que o hipnotismo é o processo genético de todas as religiões. Se só os médicos e dentistas puderem hipnotizar, então é certo que terão de fechar-se todas as igrejas e centros espíritas, porque a sugestão não somente é a base, como ainda a constante mística de todo processo religioso. Haverá alguém, Chilon, que possa desfazer este fundamento, sobre que assento todo o meu arrazoado?

– Impossível! Essa base é inexpugnável! E além disso, vê-lo combater é como assistir ao temeroso “caratê” nipônico! Sua lógica, de tão clara que é, se nos impõe como axioma, sendo de admirar que o doutor tivesse querido erigir sobre ela um edifício de ciência, quando ela só permite a construção dum edifício de fé! É completamente vã a pretensão do médico ao querer torcer esta verdade solar em proveito exclusivo da sua classe!...

– Logo, hipnotismo não é reflexos condicionados, como quer o doutor?

– Não – tornou Chilon – que se o fosse, confundir-se-ia com educação. Pela educação os reflexos custam muito a se instalar; é preciso repetir os estímulos para que os reflexos se fixem, como fazia Pavlov com seus cães. Por isso nos diz, a pedagogia, que o aprendizado se baseia na repetição. Pela hipnose os reflexos se instalam de súbito desde que, como o senhor há demonstrado, o paciente creia e tenha fé. Portanto, o hipnotismo é este modo rápido de se construir reflexos; é reflexos condicionados para usar suas palavras, e a gênese destes envolva um puro ato de fé do paciente para com seu sugestionador. Os hipnotizadores chamam “sujet” ao paciente, porque seria revoltante chamá-lo, em português, de sujeito, isto é, de obrigado, de dominado, de subjugado. “Rapport” quer dizer ligação, conexão, porém este também não é bem o termo, porque “rapport” dever-se-ia derivar de “sujet”, visto que ele não passa de sujeição, de subordinação, de subjugação, de dominação. “Rapport” não passa de eufemismo da realidade crua que é “sujétion”! “Rapport”, por conseguinte, não é “conexão atencional” como o definiu o Dr. Andrade, mas **conexão subordinativa**, “sujétion”, como bem o senhor o demonstrou, visto não ser só a atenção o que vale, mas, sobretudo, o espírito de submissão e de obediência crédula !...

– Está bem – disse Árago – então encerremos esta parte. Quando há esta fé, esta confiança ilimitada, este crédito moral, a “sujétion” está consumada, até sem palavras, e o “sujet” dorme com ou sem estímulos artificiais auxiliares, tais como ruídos monótonos, bolinhas de vidro para se olhar, passes mesméricos, etc. Quando o indivíduo não é sujeito, não se sujeita, não admite a superioridade do hipnotizador, e acha que **ele é nada**, inúteis serão as palavras para obter a conexão subordinativa, a sujeição, porque, conquanto haja atenção firme por parte do paciente, e ainda, decidida vontade de dormir, fraqueja-lhe a fé, e uma vizinha lhe sussurra no recesso da consciência, que o hipnotizador **não pode nada**, e só isto basta para inutilizar todos os esforços em aplicar palavras e estímulos artificiais. E se por causa destes estímulos e mais da monotonia das palavras, o sono vier, o indivíduo dormirá sono natural, perdendo os ouvidos, por desconsiderar a sugestão que lhe manda dormir, mas com os ouvidos abertos... É motivo de grande desapontamento e humilhação para um hipnotizador, o deparar com um caso destes, visto tratar-se de indisfarçável desprezo à sua pessoa. Pela recíproca, nenhum encômio e protesto de consideração lhe pode ser maior do que dormir alguém à sua ordem, e fazer, dormindo, o que ele sugerir... Nenhuma lisonja nos pode ser mais cara do que dormir alguém à nossa sugestão; esse é um reconhecimento tácito da nossa superioridade. Mas se, em dormindo, o sujeito perde o ouvido, prova nos dá, clara, insofismável, de que, em seu conceito, somos nada!... De modo que, como tenho fartamente demonstrado, tudo se resume em ter ou não ter fé e crédito. Com fé, tudo se realiza, como já o declarara Cristo inúmeras vezes; sem ela, nada se faz, ainda que o hipnotizador seja o mesmo Cristo... Agora sim, o doutor pode espiontear como quiser, que deste tronco não se escapa!...

E voltando o olhar para Chilon, interrogou:

– Está satisfeita esta parte do nosso discurso, ou devo prosseguir argumentando?

– Estou maravilhado da sua lógica e dialética, do seu engenho e arte. Gostaria de ouvi-lo mais sobre este empolgante assunto; porém me está ralando a curiosidade de conhecer o outro.

E Árago, depois de sentir com o olhar que Chilon falara por si e pelos outros, exclamou:

– Seja, então, como querem; ao outro ponto, pois, e com ele, encerremos o tema de hoje. Como é sabido, a palavra hipnotismo foi criada por James Braid para substituir o magnetismo de Mesmer. Não há, por conseguinte, magnetismo e hipnotismo, como alguns pretendem, porque uma coisa é a outra. Não são duas ciências, como pretendeu Alphonse Bué, em sua obra “Magnetismo e Hipnotismo Curativo”. Estava lendo esta obra desse autor, e parei no passo em que ele declara: “pela própria confissão dos partidários deste método, toda a terapêutica hipnótica se resumiria, pois, no seguinte: **opor uma desordem a uma outra desordem; etc**”³⁹. Parei aqui, porque isto é um anacronismo superado de há muito. Hipnotismo não é isto, absolutamente, e só a leitura daquela premissa sobre que se fundamenta todo o livro, tirou-me o

³⁹ Alphonse Bué, Magnetismo e Hipnotismo Curativo, 60

ânimo de tocar por diante com a leitura. Segundo este autor, “a única coisa que diferencia o Hipnotismo do Magnetismo é *a maneira de regular o sonâmbulo* e a natureza dos processos empregados para estabelecer este adestramento”⁴⁰. Ora essa! Ao sonambulismo se pode chegar por qualquer processo ou maneira, e isto não é razão para que um sonâmbulo seja magnético, e outro, hipnótico. Nenhum processo ou maneira de se fazer uma coisa, pode mudar a natureza ou essência da coisa; pintos nascem de galinhas e pintos nascem de chocadeiras, sem que uns e outros se distingam. Não podendo achar a distinção entre os dois métodos, escreve Alphonse: “a todo o momento, quem se acredita *magnetizador, hipnotiza*; e quem julga simplesmente *hipnotizar, magnetiza*”⁴¹. Depois disto, só mesmo chamando o Sr. Bué para nos dizer quais os pintos nascidos de galinha, e quais os de chocadeira!... É que, meus caros, magnetismo e hipnotismo são palavras sinônimas, e ambas equivalem a sugestão. E isto facilmente se poderá comprovar pela história do hipnotismo.

– Com que nega, então, o mestre, que haja o magnetismo curador? – interrogou Hierão Orsoni. – Nega então que haja um fluido exsudado pelo médium passista, que reconstrói ao doente as partes lesadas, revitalizando as células no recesso dos tecidos e órgãos?

– Nada de confusões, Hierão! Para Mesmer o magnetismo lhe vinha das estrelas; depois passou a cuidar que vinha de si próprio. Ele creu nisto, e pregou o que tinha por verdadeiro; e esta verdade suposta produzia efeitos por sugestão. Charcot caiu também nesse engano; disse ele que o magnetismo dum eletro-ímã, produzido pela corrente elétrica dum pilha, fazia convulsionar suas histéricas. Mas ele falava em voz alta para a assistência, e as histéricas, ouvindo-o, reagiam conforme suas previsões, e não por causa de magnetismo nenhum. A sugestão é que funcionava e não o magnetismo.

– E como se demonstrou isso? – tornou, pressuroso, Hierão.

– Um dos discípulos de Charcot esvaziou-lhe o ácido das pilhas, sem que ele o soubesse, pelo que não houve eletricidade, nem magnetismo; contudo se deram as convulsões esperadas, porque Charcot declarou que elas iam dar-se, ao ser ligada a corrente!... Charcot e Mesmer foram vítimas do princípio da autoridade; ambos erraram por crer no grande Paracelso que tinha em alta conta o ímã. “Entusiasmado com os surpreendentes efeitos dos seus tratamentos magnéticos, chegou a proclamar o ímã, «o monarca dos mistérios»”⁴². Igual ao “mistério” do ímã está a metaloterapia defendida até por Cesare Lombroso em sua obra “Hipnotismo e Espiritismo”, recentemente reeditada pela LAKE. O ouro, a prata, o chumbo, etc, eram bons outrora para curar enfermos; e porque hoje perderam suas virtudes milagreiras, caíram da moda! Vejam, meus caros, como em ciência também há moda!... Tal com muitos médiuns passistas que andam por aí, sem fluidos nenhuns, cujas curas, como nos casos anteriores, são pura e simplesmente devidas à sugestão!

– Mas o senhor não crê, então nos fluídos curadores?

– Que quer? Hierão! Você me pede fé?! Mas eu sou um filósofo, que não um místico!... Mas fique você aí com seus fluidos curadores, que são coisa diferente daquele magnetismo de Mesmer da pré-história do hipnotismo.

– Contudo – obtemperou Chilon – eu gostaria de ouvi-lo um pouco sobre este assunto.

– Está bem, Chilon; então me responda: você chama fluido ao ectoplasma das aparições espíritas?

– E que outro nome hei de dar àquele material exsudado pelas cavidades naturais dos médiuns de efeitos físicos?

– Não seria esta matéria teleplásmica – tornou o sábio – a que possibilita a cura de algumas enfermidades, seja pela revitalização das células doentes, seja pela eliminação das impurezas tais como grânulos de cálcio dos músculos, e cálculos dos rins, bexiga e fígado? Quero dizer: este fluido é o meio

⁴⁰ Alphonse Bué, Magnetismo e Hipnotismo Curativo, 43

⁴¹ Alphonse Bué, Magnetismo e Hipnotismo Curativo, 43

⁴² Jefferson Gonçalves Gonzaga, Hipnose Médica, 12

empregado pelos espíritos para fazer estas retiradas de impurezas, nas chamadas operações espirituais. Se é que espíritos podem retirar (graças ao ectoplasma fornecido pelos médiuns) um relógio, por exemplo, de dentro de uma caixa forte fechada com duplo ou triplo segredo, que muito é que retirem cacos de vidro e tachinhas das bocas dos comedores de vidro, e pedras dos rins, bexiga e fígado dos doentes? E por que não poderiam, de igual modo, fazer a ablação de partes doentes dos órgãos, consistindo nisto as chamadas operações espirituais sem o emprego de instrumentos cirúrgicos do nosso plano?

– Penso que o senhor deu em cima da coisa!

– Logo, ectoplasma é magnetismo, visto que um e outro é fluido?

– Tem que ser – anuiu Chilon.

– Acha, você, então, que o tal magnetismo animal é o mesmo fluido teleplásmico produzido pelos médiuns de efeitos físicos?

– Não pode ser outra coisa.

– E admite, você, que esse fluido possa produzir todos os fenômenos hipnóticos, independente da palavra e da sugestão?

– Ah! Isso, agora, é que não: porque os fluidos agem na parte física, como os medicamentos, no passo que o hipnotismo age na mente, para só depois refletir no físico por comando nervoso. O hipnotismo desencadeia as funções por um processo intrínseco, que começa no moral, pela aceitação da autoridade do operador por parte do paciente, conforme o senhor o demonstrou; depois o processo se torna mental, pela compreensão ou interpretação da linguagem de quem sugere; depois, nervoso, por formar arcos reflexos; finalmente é físico, porque, ao estímulo das palavras, aparecem respostas orgânicas. Eis como se pode esquematizar a cadeia dos acontecimentos: moral → mental → nervoso → físico. Já a fluidificação teleplásmica seria somente um fornecimento de material reconstrutor, como se fora um medicamento extrínseco, assimilado de fora.

– Está bem Chilon – acudiu o mestre. – todavia se aceitara eu tais coisas por certas, só porque o disseram grandes autoridades, e não porque o comprovei pela experiência ou alcancei pela razão, então, eu teria de abandonar o convívio dos filósofos que me são caros, para me ir sentar entre os crendeiros. Por isso, só aceito o que vimos há pouco, se o puder comprovar... De duas coisas, porém, tenho certeza: uma é que esse magnetismo que você descreveu não é o de Mesmer, porque a saída dele do operador esgotá-lo-ia. Ora, Mesmer era tão inesgotável que, para atender às multidões, usava a “tina magnética”; a segunda é que não era nada disso que Kardec entendia ao falar de magnetismo. Quando Kardec fala em magnetismo, referia-se ao de Mesmer, Puységur, e outros, o qual podia produzir sono e sonambulismo artificial. Kardec fala em magnetismo, porque esse era o nome corrente no seu tempo. Quem de vocês, aí, tiver alguma dúvida sobre este ponto, que leia os artigos do mestre espírita insertos na “Revista Espírita”, reunida no Volume I, pela LAKE, páginas 181, 293, 296 e 334, respectivamente, com os títulos: “Os Banquetes Magnéticos”, “Emprego Oficial do Magnetismo Animal”, “O Magnetismo e o Sonambulismo Ensinados pela Igreja” e “Independência Sonambúlica”. Fora estes, há, ainda: “O Magnetismo Reconhecido pelo Poder Judiciário”, transcrito no Vol. II, página 286 de “Revista Espírita”, Editora LAKE.

E largando estes dois volumes sobre a mesa, tomou de outro, dizendo:

– Aqui n’“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XXVI, página 313, sob o título “Mediunidade Gratuita”, está o seguinte: “O médico dá o fruto de seus estudos, feitos muita vez à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos: não tem o direito de vendê-los”.

E voltando-se para Chilon, exclamou o filósofo:

– Aí está, Chilon, que para Kardec, médium curador não é idêntico a magnetizador.

– É... mas Kardec diz, aí, que “o magnetizador dá o seu próprio fluido”; logo, há fluido!

– Assim pensava Mesmer, e Kardec tinha de ler pela cartilha daquele. Além disso Kardec fala em *fluido magnético* e *fluido salutar dos bons espíritos*. Como é isto? Com o primeiro se obtinha sonambulismo e êxtase, e, com o segundo, a cura dos males?

– Se o mestre mo permite – atalhou Hierão – queria mostrar o que achei, aqui, no “Livro dos Médiuns” pág. 189, parágrafo 175. Diz aqui que os médiuns curadores empregam o magnetismo! Se o empregam, por que não são chamados também magnetizadores?

– Ora, meus amigos! Vocês estão aí a achar incoerências em Kardec! Atrás disse ele que o magnetizador dá o fluido seu, próprio, ao passo que o médium curador transmite o fluido salutar dos bons espíritos. Se o fluido salutar vem dos bons espíritos, não é do médium curador. E se é do médium curador, não vem dos bons espíritos!... Que bagunçada é essa?!

– Achei aqui! – gritou Benedito Bruco, que tinha “As Obras Póstumas” nas mãos. – Diz aqui: “O poder magnético é puramente orgânico; pode, como a força muscular, ser dada a todos, até ao homem perverso; etc” (pág. 37). O que se depreende da leitura deste parágrafo 52, é que o médium curador seria um magnetizador potencial, possuidor de fluidos, mas sem a técnica para aplicá-los. Este, em sendo utilizado pelos bons espíritos, tem seus fluidos próprios combinados com os deles, o que significa um aumento de poder.

– Está confuso! Exclamou o filósofo. Primeiro havia *o fluido magnético* do magnetizador, de uma parte, e *o fluido salutar dos bons espíritos*, de outra. O magnetizador, assim como faz o médico, podia vender os seus serviços... e fluido. Já o médium curador não podia vendê-lo, porque não era seu, pois *o fluido salutar* vinha dos bons espíritos. Mas agora o médium curador também possui *fluido magnético*, como os magnetizadores; todavia, quem o aplica, combinado com os seus, são os bons espíritos. Logo, o médium curador também pode cobrar, visto que o fluido é seu, pelo menos em parte, e os serviços, também, seus. E depois que os bons espíritos usarem seus *fluidos magnéticos* em passes mesméricos, ele aprende a técnica que lhe faltava, e fica, também, magnetizador. Antes era médium curador; agora virou magnetizador; antes não podia cobrar *o fluido salutar dos bons espíritos* combinado ao seu *fluido magnético*; agora pode cobrar o seu *fluido magnético*, ainda que combinado ao *fluido salutar dos bons espíritos*?... É ou não é uma baralhada?!

E vendo, o mestre, que ninguém se atrevia a levantar a voz, visto estarem todos desnorteados, atônitos, rematou:

– Está bem. Deixemos este assunto de lado. Os médiuns curadores são utilizados pelos bons espíritos para darem passes e curar, mas não para produzirem todos os passos do aprofundamento inibitório, indo até ao sonambulismo mais profundo. Este sonambulismo, provocado magneticamente, segundo pensava Kardec, é o mesmo que o natural (Livro dos Espíritos, 227 - parág. 427); e o êxtase, segundo ele, não passa dum sonambulismo ainda mais profundo (op. cit. parág. 439). No parágrafo 172 (cap. XIV) do “Livro dos Médiuns”, diz Kardec: “Pode considerar-se o sonambulismo uma variedade da faculdade mediúnica, ou, melhor, são duas ordens de fenômenos que freqüentemente se acham reunidos. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. O que ele externa tira-o de si mesmo; suas idéias são, em geral, mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais dilatados, porque tem livre a alma. Numa palavra, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e o que diz não vem de si. Em resumo, o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, enquanto que o médium exprime o de outrem. Mas, o Espírito que se comunica com um médium comum também o pode fazer com um sonâmbulo; dá-se mesmo que, muitas vezes, o estado de emancipação da alma facilita essa comunicação”.

E metendo o dedo indicador dentro do livro, substituindo um pedaço de papel que marcava outro ponto, prosseguiu:

– Como estamos vendo, meus amigos, o sonambulismo, conforme o entendia Kardec, é um estado de desdobramento da consciência, podendo servir ou não às comunicações dos desencarnados. Daí o haver sonâmbulos magnéticos e médiuns sonâmbulos. Este ponto se esclarece mais ainda, quando Kardec trata do caso da exploração econômica da mediunidade. Diz ele aqui, no parágrafo 312: “Não estão no mesmo caso os sonâmbulos que empregam sua faculdade de modo lucrativo. Conquanto essa exploração esteja sujeita a abusos e o desinteresse constitua a maior garantia de sinceridade, a posição é diferente, tendo-se em vista que são seus próprios Espíritos que agem. Estes, por conseguinte, lhes estão sempre à disposição e, em realidade, eles só exploram a si mesmos, porque lhes assiste o direito de disporem de suas pessoas como o entenderem, ao passo que os médiuns especuladores exploram as almas, dos mortos”.

Fechando o livro, e encarando a todos, concluiu Árago:

– Pelo visto, todos estes fenômenos apresentados sob a rubrica de magnéticos, são os mesmos que, modernamente, se chamam hipnológicos. Está certo isto, Chilon?

– Está!

– Agora então, Chilon – tornou o sábio – como estou cansado de discorrer, fale você um pouco...

– Mas falar o que?!

– Leia este papel no qual transcrevi, inteiro, o capítulo de Allan Kardec, inserto na “Revista Espírita”, reunida no volume I pela editora LAKE. Atualizando o artigo do mestre espírita, em todo o lugar que estava **“magnetismo”**, eu pus **“hipnotismo”**. Também destaquei muitas partes, ora com grifos, ora com versais para posterior comentário. Tome o papel e leia-nos o que está escrito.

– Todavia, prezado Árago – disse Chilon, pegando o papel – não seria isso pretender corrigir a obra da Kardec?

– Não é corrigir, mas atualizar. Kardec não podia empregar um termo ainda não em uso.

– Se magnetismo é hipnotismo – obtemperou Chilon – por que não deixar que fale Kardec a seu modo? Além disso está aí Vitélio Biberão vigilante, no que ele chama “defesa da Doutrina”, e dele virá, na certa, uma réplica, senão de argumentos, ao menos de sarcasmos e xingos!...

– Eu concordaria com você, Chilon, se não houvesse os confusionistas que pretendem seja magnetismo uma coisa, e hipnotismo, outra. Haja vista a obra de Alphonse Bué retrorreferida. Quanto ao mestre Biberão... que me escarneça e xingue, pouco me importa isso... Eu não tenho nada com defesa de Doutrina nenhuma; meu compromisso é com a verdade, e só a ela busco descobrir. Se a Doutrina não estiver concorde com a verdade, pior para a Doutrina!... Quem, pois, quiser me enfrentar, terá de o fazer em campo aberto, usando as armas da racionalidade, da dialética e da lógica. Explosões emocionais, xingos e sarcasmos são armas de fanáticos e místicos, que não me fazem moça. Galileu também, quando demonstrou, pela experiência, estar errado Aristóteles, foi ridicularizado pelos sabichões da época... Ora, os sabichões!...

A estas palavras resolutas e dissuasivas de Árago, Chilon se pôs a ler o que se achava datilografado na folha que tinha nas mãos:

"Hipnotismo e Espiritismo – Allan Kardec" – “Quando apareceram os primeiros fenômenos espíritas, algumas pessoas pensaram que esta descoberta, se assim podemos chamar, iria desferir um golpe de morte no hipnotismo e que ocorreria como nas invenções: a mais aperfeiçoada faz esquecer sua predecessora. Tal erro não tardou a se dissipar e prontamente se reconheceu *o parentesco próximo das duas ciências*. Com efeito, *baseando-se ambas na existência e na manifestação da alma, longe de se combaterem, podem e devem se prestar mútuo apoio: elas se completam e se explicam mutuamente.*

Entretanto seus respectivos adeptos discordam nalgum ponto: certos hipnotizadores ainda não admitem a existência ou, pelo menos, a manifestação dos Espíritos; pensam que podem tudo explicar pela só ação do efeito hipnótico, opinião que nos limitamos a constatar, reservando-nos para discutir mais tarde. Nós mesmos a partilhávamos a princípio; mas, como tantos outros, tivemos que nos render à evidência dos fatos. Ao contrário, os adeptos do Espiritismo são todos concordes com o hipnotismo, todos admitem sua ação e reconhecem nos *fenômenos sonambúlicos* uma manifestação da alma.

Esta oposição, aliás, se enfraquece dia a dia, e é fácil prever que não está longe o dia em que *cessará qualquer distinção*.

Tal divergência nada tem de surpreendente. No começo de uma ciência ainda tão nova, é muito fácil que cada um, olhando as coisas de seu ponto de vista, dela forme uma idéia diferente. As ciências mais positivas tiveram sempre, e têm ainda, suas seitas, que sustentam ardorosas teorias contrárias; os sábios criaram escola contra escola, bandeira contra bandeira e, muitas vezes, para sua dignidade, as polêmicas se tornaram irritantes e agressivas para o amor próprio ofendido e ultrapassaram os limites de uma sábia discussão”.

Neste ponto da leitura, Chilon foi interrompido por Árago, que disse:

– Seria bom pôr em grifo toda essa parte, Chilon, para que tenham mão sobre si os polemistas espíritas que, ao invés de argumentarem, escarnecem e xingam.

– Penso ser completamente inútil essa providência, pois desaforados existirão sempre, com seu público de involuídos que os aplaudem, apesar do que mandou Cristo, e do que recomendou Kardec.

– Você tem razão – tornou Árago – ninguém pode dar o que não tem; é próprio do cordeiro o balir, e do cão, o ladrar. Toque, pois, por diante, com a nossa leitura.

“Esperemos que os sectários do Hipnotismo e do Espiritismo, melhor inspirados, não dêem ao mundo o escândalo de discussões muito pouco edificantes e sempre fatais à propagação da verdade, seja qual for o lado em que ela esteja. Podemos ter nossa opinião, sustentá-la e discuti-la: mas o meio de nos esclarecermos não é nos estraçalhando, processo pouco digno de homens sérios e que se tornaria ignóbil desde que entre em jogo o interesse pessoal.

O hipnotismo preparou o caminho do Espiritismo, e os rápidos progressos desta última doutrina são incontestavelmente devidos à vulgarização das idéias sobre a primeira. *Dos fenômenos hipnóticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas há apenas um passo; sua conexão é tal que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar do outro.*

Se tivermos que ficar fora da ciência do hipnotismo, nosso quadro ficará incompleto e podemos ser comparados a um professor de Física que se abstivesse de falar da luz. Contudo, como *o hipnotismo já possui entre nós órgãos especiais justamente acreditados*, seria supérfluo insistirmos sobre um assunto tratado com superioridade de talento e experiência. A ele não nos referiremos, pois, senão acessoriamente, mas suficientemente para *mostrar as relações íntimas das duas ciências que, na verdade, NÃO PASSAM DE UMA.*

Devíamos aos nossos leitores esta *profissão de fé*, que terminamos prestando uma justa homenagem aos homens de convicção que, enfrentando o ridículo, o sarcasmo e os dissabores, dedicaram-se corajosamente à defesa de uma causa tão humanitária. Seja qual for a opinião dos contemporâneos sobre o seu proveito pessoal, opinião que é sempre mais ou menos o reflexo das paixões vivazes, a posteridade far-lhes-á justiça: ela colocará os nomes

do Barão Du Potet, diretor do *Journal du Magnetisme*, do Sr. Millet, diretor da *Union Magnetique*, ao lado de seus ilustres pioneiros, o Marquês de Puységur e o sábio Deleuze. Graças a seus esforços perseverantes, o hipnotismo, popularizado, fincou o pé na ciência oficial, onde já se fala dele aos cochichos. Este vocábulo passou à linguagem comum: já não afugenta e, quando alguém se diz hipnotizador, já não lhe riem nas bochechas” (pág. 95).

– Aí está, meus amigos - prosseguiu Árago. - É o próprio Kardec quem afirma que as duas ciências, “longe de se combaterem, **PODEM e DEVEM** se prestar mútuo apoio: elas se **COMPLETAM** e se **EXPLICAM MUTUAMENTE**”. Mais:

– “Dos fenômenos hipnóticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas há apenas um passo; sua conexão é tal que é, por assim dizer, **IMPOSSÍVEL falar de um sem falar do outro**”. E mais adiante afirma “que, na **VERDADE**, não passam de **UMA**”, as duas ciências. E tudo isto Kardec declara ser sua “**PROFISSÃO DE FÉ**”.

E depois de uma pausa, concluiu o mestre:

– Observaram? meus caros, como Kardec afirma ter o hipnotismo uma base comum com o espiritismo, em oposição ao que sustenta Vitélio Biberão ao dizer que o hipnotismo se fundamenta na sugestão, e que no espiritismo não há sugestão nenhuma? Notaram? Como prognostica o codificador da doutrina não estar “longe o dia em que **cessará qualquer distinção**”, entre hipnotismo e espiritismo? Viram? Como o “bom senso encarnado” confessa ser esta sua declaração de identidade entre hipnotismo e espiritismo, a sua “**profissão de fé**”? Acaso podem os Biberões ser mais kardecistas que Kardec? Sirva isto de advertência aos que acham que **o espiritismo nada tem a ver com o hipnotismo!**

Não queiram tais discípulos ser maiores que seu mestre, pois não é próprio das eras e cipós subirem acima do tronco suporte.

E arranjando os livros na estante, como a mostrar que a palestra terminara, concluiu o pensador:

– Diante do exposto, fica evidente que os espíritas, quanto a esta parte, andaram descuidosos. Considerando o mediunismo como sendo uma face, o hipnotismo será a outra do espiritismo, visto que ambas concorrem a formar a mesma cara; por esta razão Kardec afirma que, na verdade, as duas ciências “**não passam de uma**”. O quadro do espiritismo, por conseguinte, segundo o mesmo Kardec, está incompleto, porquanto cada espírita age como se fora “um professor de Física que se abstinhasse de falar na luz”. É que o transe mediúnico é o mesmo transe hipnótico; não é o espírito comunicante que provoca o transe, mas, o médium que se coloca naquele estado, para que o espírito, sintonizado à sua mente, transmita sua mensagem, como se fora um caso de telepatia. O hipnotismo desenvolveu-se paralelamente ao espiritismo; porém, como “**não passam de uma**”, as duas ciências, nada melhor do que as teorias científicas do hipnotismo para explicar o transe mediúnico. E pela parte moral, espiritismo é auto-educação, é renovação, é elevação. E nisto nada supera o hipnotismo como método ascético, visto como por meio dele, podemos nos condicionar do jeito que o desejarmos. Este capítulo é o da “hipnopédia” que quer dizer: hipno = sono; pédia = educação. Não é o budismo que deve vincular-se ao cristianismo, aqui no ocidente, como método ascético, como pensam alguns; a fórmula é cristianismo mais hipnopédia. A vantagem maior da hipnopédia está em que ninguém se arma contra ela, por ser apenas método científico aplicado a vencer o eu inferior, sede dos impulsos anti-sociais; já contra o budismo todos se encarniçam, não só por ser uma religião sem Deus (!), como ainda por causa dessa doutrina pregar a rebelião contra os desejos, com o fito exclusivo de anulá-los, até que a consciência, não desejando absolutamente nada, se dissolva na Mente Cósmica, como a gota d’água no mar o que é o mesmo que atingir o não-ser. Na individuação está a causa da dor, porque aquela é um corpo de desejos; pela anulação dos desejos se desintegra e se dissolve a individuação, e com esta desindividuação cessa toda a dor. Mas é isto que Cristo prega? A anulação da consciência pela ausência total do querer? O último desejo a ser vencido é o de viver, aliás, de todos os demais. Logo, o budismo é um suicídio

paulatino que culmina com a morte total, ou não-ser. Não é à-toa que Schopenhauer exalta o budismo!... Mas Cristo diz ser a mesma vida, donde vem que ele é anti-budista, porque, se a plenitude de Cristo é a vida, a plenitude de Buda é a morte, o nirvana, o não-ser. Como, pois, juntar estes dois contrários? Como andar o carro, se metemos, assim, na mesma canga dois bois, mas em vez de emparelhados, em oposição? Cristo diz o que se tem a fazer, mas não dá o método ascético para o conseguir; na hipnopédia, e não no budismo, temos esse método.

E depois de suspirar pesaroso, numa pausa, prosseguiu:

– Pena é, meus amigos, que eu não tivesse podido publicar um livro que escrevi sobre este assunto. Dei-lhe o nome de “Hipnoespiritismo”, e nele relatei todas as experiências que fiz neste sentido durante muitos anos, inclusive a de submeter os desencarnados a processos hipnológicos. Como não dispunha de recursos para a edição, procurei um editor espírita, em São Paulo, disposto a dar-lhe os direitos autorais; todavia esse editor, com sua sabedoria de almanaque, foi discutindo meu livro, sem mesmo o ter lido (!)... Falou-me de Charcot, de Richet, de Lombroso, etc., fazendo-me sentir que chegara tarde, visto ser este assunto coisa velha. Ora, eu tenho a consciência de que renovo as coisas em que me ponho a lucubrar; haja vista estes serões nos quais deixo impresso, inegavelmente, a marca da originalidade. Além de inédito, esse meu trabalho é prático, objetivo, para ser seguido em todos os centros espíritas. Essa obra também vai para o sótão ou porão, fazer companhia às outras, onde as liquidarão as traças e os ratos. Se, todavia, como estou prevendo, tudo vier a inutilizar-se... paciência! Esta não será a primeira nem a última coisa boa que se perde no mundo...

– O mestre me permite um aparte? – Perguntou Hierão Orsoni.

– Pois não, meu caro, pode falar.

– Acho que suas palavras sabem a orgulho e vaidade, visto ferirem os meus ouvidos acostumados à doutrina espírita que manda ser humilde, modesto e discreto...

– A consciência do próprio valor não é orgulho, nem vaidade, meu nego, e querer passar por menos do que se cuida ser, é hipocrisia; logo seus ouvidos foram feridos com a sinceridade de minhas palavras, por estarem eles viciados em ouvir hipocrisias que são as humildades fingidas e as falsas modéstias. Ora, eu sou um filósofo, e o que tenho a dizer, digo-o, abertamente, não me preocupando com o que venham pensar de mim os outros. O filósofo, a exemplo de Sócrates, é um sujeito que despreza a opinião estulta das massas ignaras e fanática, porque possui sua própria censura racional, filha da mais alta lucubração. O que ele afirma é produto de estudo profundo, e não deve estar bitolado pelo que podem pensar os Hierões, os Vitélios, os Trivelinos, os Pigargos, os Pangolins. E se quer você um exemplo autorizado do que falo, tome-o de Cristo que se dizia mestre, e senhor, e enviado de Deus para a salvação do mundo. “Eis aqui está quem é maior do que Salomão”, dizia ele; “eis aqui está quem é maior do que Jonas” (Luc 11, 31, 32). Dizer isso, no tempo de Cristo, é como se dissesse, hoje, entre católicos: eis aqui está quem é maior que o papa...; ou entre espíritas: aqui está quem é maior que Allan Kardec! Advirta então o seu Cristo, Hierão; censure-o, por ser assim tão imodesto e vaidoso!...

– Desculpe-me Árago... não se agaste comigo... não tive intenção de ofendê-lo...

– Não me agasto, meu nego. Você também foi sincero em me desaprovar. E o tom por que falo, é apenas o meu estilo rude e forte, e não, agastamento...

E depois de um breve silêncio, disse o mestre:

– Encerremos por hoje, não é Chilon?

– Não senhor!

– Ué! Por que não!?

– Porque o senhor deixou para hoje também o fato para os hipnólogos. O senhor prometeu fazer falar uma autoridade para os espíritas, e um fato para os hipnólogos. Falta o fato.

– É verdade!... Já me ia esquecendo disso, Vamos a ele, então:

E antes de principiar, foi à estante a fim de pegar um livro; depois de consultar um cadastro, onde anotava as coisas importantes das leituras que fazia, procurou no livro o ponto, exclamando em voz baixa, de si para consigo:

– Está aqui!... – e, em voz alta, para todos: – Quando Puységur, fugindo ao método convulsionário de Mesmer, conseguiu, no camponês Victor, um sono lúcido e calmo, a que deu o nome de **“sonambulismo artificial”**, diz a história do hipnotismo que Victor “chegou mesmo a indicar um tratamento para sua própria enfermidade, tratamento esse que obteve pleno êxito, valendo-lhe o completo restabelecimento. Nesse estado, **Victor parecia reproduzir pensamentos alheios, muito superiores à sua cultura rudimentar**”⁴³. Destaquei, como estão vendo, a parte que diz: **“sonambulismo artificial”**, por ser este o nome com que Puységur batizou este fenômeno hipnótico. E é a este, e não outro, que se refere Kardec, sempre que fala em sonambulismo. De igual modo destaquei a parte que diz: **“Victor parecia reproduzir pensamentos alheios, muito superiores à sua cultura rudimentar”**.

E fechando o livro, comentou:

– Que fenômenos teriam ocorrido com Victor? Não podia ele, dormindo, saber mais do que sabia, acordado, e isto porque, segundo a tese materialista, nada existe na consciência que não tivesse passado pelos sentidos: se, pois, soube mais dormindo que acordado, uma de duas: ou lhe transmitiam esse saber de fora, ou o saber lhe vinha de dentro, das profundezas do subconsciente. Se vinha de dentro, fica demonstrada a tese espírita (platônico-cristã) da transmigração das almas por corpos diferentes, ou seja, a reencarnação; e a ciência do camponês rústico fora adquirida noutras vidas. Se, todavia, a sapiência lhe vinha de fora, uma de duas outra vez: ou havia de ser telepatia de vivo ou comunicação de desencarnado. De Puységur não podia provir a idéia, e a ciência do remédio que curaria o camponês, porque, se aquele o soubesse, não iria aplicar, para a cura, o hipnotismo. Então, de onde veio a ciência a Victor? Se de si mesmo, onde e quando haurira essa ciência e cultura superiores? Nas existências pregressas? Ou seria que Victor falou impulsionado por alguma entidade amiga desencarnada que o queria curado, e por isso o curou, de fato?

E depois de uma pausa, em que o mestre observava o efeito de suas palavras, concluiu:

– É que aqui, meus caros, por esta ou por aquela parte, o hipnotismo se baralhou com o espiritismo. O camponês Victor mostrou ser o que Kardec classifica de **médium sonambúlico**. As tais duplas, triplas e múltiplas personalidades são, às vezes, puras comunicações espíritas; mas os psicólogos ainda não atinaram com a coisa. Para silenciarem eles a uma das tais “personalidades”, usam conselhos, persuasões e, finalmente, o pedido para que se afastem. Não é nisto mesmo, precisamente, que se cifra a doutrinação espírita dos desencarnados perturbadores?

– Este foi o fato, prosseguiu o pensador, que prometi aos hipnólogos, pertencente à história do hipnotismo. Acho que agora podemos parar, por hoje, não podemos?

– Agora podemos – tornou Chilon.

E todos se puseram a despedir-se entre si, indo cada um para sua casa...

III - Os perigos da fé

Após o estudo que Árago fez do enigma da fé, sob o título “Karde e o Hipnotismo”, uma semana passaram todos sem os costumeiros serões. É que Árago fora convidado por alguns amigos de Paranaguá, para fazer lá umas conferências. Levava consigo Dona Cornélia e Chilon, pois os prazeres da vida, para o

⁴³ Karl Weissmann, O Hipnotismo, 18

serem, de fato, precisam ser partilhados com as pessoas queridas. Visitaram também Antonina, de onde, ao voltar, aportaram em Itaqui, Guaraqueçaba e Ararapira. Fizeram sua viagem, sem pressa nenhuma, em barco motorizado, em que levaram petrechos de cozinha, mantimentos, barracas, camas portáteis, etc. Dona Cornélia assumira o comando da cozinha assando ou fritando as caças e os pescados. Foi um passeio magnífico que fez a Chilon ver, como Árago sabia gozar sua vida no exílio a que se impôs, para conformar sua vida com sua filosofia de renúncia da riqueza e do poder.

A canoa singrava as águas não longe da costa, para que todos pudessem gozar do espetáculo maravilhoso que a natureza exhibia ali. Tufos de verdura atulhavam aqui e ali as fozes dos riachos sem conta que desciam rumorosos, para o mar, e lírios-do-brejo destacavam-se do verde-escuro pela brancura de suas flores. Mais além, orquídeas formosas pendiam dos galhos das grandes árvores, e, no chão, líquens e musgos tapetavam o solo, vindo recobrir até as pedras da costeira. Samambaias e brotos de famílias variadas irrompiam pelos desvãos das pedras, e onde os troncos anosos faziam deitados, apodrecidos, os cogumelos armavam seus guarda-sóis.

A cantilena monótona das maretas que vinham quebrar-se nas pedras da costeira, fazia maior ainda a sonolência que o mormaço criara. Assim o sentia Chilon, não acostumado àquele clima quente e úmido; mas Árago mostrava-se vivo e ágil, deixando supor que estava plenamente integrado a seu meio.

Na divisa dos Estados São Paulo e Paraná, onde se situa Ararapira, a serra do Taquari desce abruptamente no mar, e a floresta densa, ali, recobre as asperezas do solo. Palmitos, indaiás e imbaúbas dão sua nota alegre ao concerto verde da floresta, impondo, os primeiros, suas folhas pontudas, e as últimas, suas folhas recortadas e branquicentas.

Finda essa semana de recreio, encontraram-se, de novo, os estudiosos, na sala da biblioteca, para prosseguirem no estudo do enigma da fé, agora visto através de novo prisma. Foi Chilon, quem, usando da palavra, interpelou o filósofo:

– Esclarecer-me-á, hoje, o mestre, se a fé é um bem, ou um mal? Minha dúvida quanto a esta parte, não se desfez, pois Lumbaio usa a fé alheia em proveito próprio, e foi por crer e ter fé que Tonhão Porcelo lhe caiu nas malhas...

– Procedamos – disse Árago – este estudo por partes; faremos cerco à dificuldade, e a iremos, depois, apertando, até que lhe possamos dar o xeque-mate. Diga-me, Chilon: A eletricidade é um bem, ou um mal?

– Depende do emprego que dela fazemos.

– E a pólvora? – tornou Árago.

– Também.

– Logo, a eletricidade – prosseguiu o pensador – assim como a pólvora, são neutras, podendo ser bem ou mal empregadas, não é?

– Tal é como penso.

– Sabe você de alguma coisa que seja um bem ou um mal e si mesma?

– Não... não sei...

– E o Bem, será bem em si mesmo, e o Mal, mal em si mesmo?

– Agora a coisa se complicou – tornou Chilon – eu acho que o Bem é bem, e o Mal mal, em si mesmos. Qualquer coisa é o que é, não podendo ser outra. Assim a eletricidade, a pólvora, o Bem e o Mal são o que são e si mesmos, não podendo ser outra coisa do que são.

– Ora, se como você diz – adiantou o pensador – o Bem é bem em si mesmo; o mesmo acontecendo com o Mal, que não pode ser outra coisa diferente do que é; então você acha que o Bem não pode servir aos objetivos do mal, nem este ser usado para o bem?

– Isso mesmo – tornou Chilon! – Acho impossível que o Mal sirva aos propósitos do Bem, e este, aos do Mal, porque se isto sucedesse, ambos, Bem e Mal, se desvirtuariam, pois cada coisa é o que faz. O Mal faz mal, e não, o bem; pela recíproca, o Bem faz sempre o bem, e só o bem, e nunca, o mal.

– O Bem, Chilon, e o Mal são princípios, e por isso não podem ser concebidos, assim, vazios; alguma coisa há de estar a cavaleiro desses princípios, enchendo-os, dando-lhes realidade objetiva. Assim, Bem e Mal só podem ser concebidos em relação a alguma coisa. Diante disto, pergunto: a caridade é um bem, ou, um mal?

– Ela é um bem, isto é axiomático!

– Logo, de acordo com sua definição, ela não poderá servir aos fins do mal?

– Sustento que não. A caridade que viesse a produzir algum mal, deixaria, por isso mesmo, de ser caridade.

– Então, ouçam, todos, o que vou narrar, ocorrido, não faz muito, aqui em Cananéia: Havia uma viúva remediada de bens, com três filhos, sendo um deles já rapaz. Chamava-se este Antonio Lucano, e sua mãe, Sandra. Ambos cuidavam numa casa de negócio de secos e molhados, eram muito religiosos, tementes a Deus e, sobretudo, muito caridosos.

– Um dia – prosseguiu o mestre – apareceu aqui um forasteiro maltrapilho com uma doença nervosa que o fazia trêmulo. Pediu este pousada na casa de dona Sandra. Ela e o filho resolveram que não deveriam receber em casa o forasteiro mendigo. Mas este, tremendo sempre, entortando a boca de um lado, falou, meio a gaguejar:

– Cristo, senhora, foi o que me mandou aqui, dizendo-me: “aquela mulher é caridosa”. E agora me manda dizer-lhe que, no seu Evangelho, está escrito: “Aquele que receber a um destes pequeninos, a mim é que recebe, e quem o recusar, a mim é que recusa”. Eu, na minha doença e miséria, represento a Cristo que lhe bate à porta pedindo pão e agasalho!...

– Estas palavras, meus amigos, fez a boa mulher chorar de vergonha, por ter pretendido negar assistência ao mendigo. Mandou, por isso, fosse arranjada uma cama no sótão, e para lá encaminhou o infeliz, depois de jantado. Alta hora da noite, o mendigo forasteiro abriu a porta, para dar entrada a mais três companheiros, e os quatro assassinaram a dona Sandra, a Antonio Lucano e às crianças, roubando todo o dinheiro achado em casa, não se falando ainda nas depredações que fizeram no armazém... Antonio, antes de expirar, relatou tudo isto à polícia que nada, até agora, pode fazer. O mendigo, meus caros, era um artista consumado, mestre na arte de representar, e usou a caridade de dona Sandra e a do filho para lhes fazer mal.

E continuou o mestre, após espreguiçar-se na cadeira:

– Outro caso, ocorrido noutra parte, é de um sujeito que se fingiu ferido, numa estrada, para assaltar, com seus camaradas ocultos no mato, a um pobre chofer de caminhão que, caridosamente, parou o veículo para o socorrer. Os casos de exploração do bem pelo mal, meus caros, encham os jornais.

Chilon que acompanhava, atento, a dissertação do mestre, concluiu, sacudindo a cabeça, em sinal afirmativo:

– É verdade... O bem pode servir aos propósitos do mal!...

– Pela recíproca, atalhou Árago, o mal pode servir ao bem. As dores do mundo, que são males, existem para corrigir-nos, a dar crédito ao que afirmam os espíritos. Alguns há, mais exaltados, que fazem apologia da dor, bendizendo-lhe os golpes salutares. Mas se lhes perguntarmos por que sofrem os animais inferiores, embatucam, de pronto, nada respondendo de razoável. As doenças, dizem, são um bem, visto nos fazerem sofrer e purgar os pecados. Mas todos correm a curar-se, tão logo a dor os punja para os redimir; com certeza, então, não querem a redenção, pois “é certo que não ama muito a sua dor quem a deseja diminuída ou aliviada. Quem pede remédio ao que padece, não quer padecer”⁴⁴. E se diz uma coisa, e faz outra, não crê, ao que diz; e quem prega aquilo em que não crê, é hipócrita! Logo, cantar loas à dor e buscar-lhe remédio, é absurdo que só pode caber no bestunção de alguns místicos. Deste modo, a medicina, com aliviar as dores ao homem, prorroga-lhes o tempo de sua salvação, tornando-se, por isso,

⁴⁴ Vieira, Sermões, 3, 366 - Ed. das Américas

um mal, ao invés de um bem, como geralmente se supõe. Este argumento é para os místicos; mas para os não místicos há este outro:

– Se não houvesse medicina, como a não havia nos tempos recuados, os fracos e imprestáveis morreriam, sobrando só os fortes, visto ser este o modo como opera a natureza que dizem sábia, em relação aos animais. Porém, a medicina, usando de seus recursos modernos, opera esta seleção antinatural, antieugênica, dos piores, dos fanados. Depois vem a guerra e completa o processo, por matar os melhores e úteis, deixando vivos os imprestáveis para a luta. A medicina, a guerra e a ausência de eugenia se incumbem de criar uma raça de nulos; a medicina salvando e fazendo sobreviver os piores; a guerra matando e destruindo os melhores. Antigamente havia mais guerras que hoje; porém, não havia, então, medicina, e os fracos também pereciam. Houvesse hoje tantas guerras como outrora, o mundo se encheria mais depressa de restolhos humanos; ainda mais que estes se reproduzem muito, e os melhores, pouco. Querem saber por que se enche a Terra de medíocres? É porque a genética só serve para melhorarmos a raça aos animais; o homem é livre de casar-se por amor, e o amor não é eugênico, visto permitir uniões de gênios com costureiras, no dizer de Nietzsche.

– Estas três causas – prossegue o filósofo: – ausência total de eugenia; assistência médica integral dada ao falho e fanado; e seleção dos melhores para a matança nos campos de batalha; estas três causas concorrem a produzir uma raça de nulos, quanto à biologia. Depois vem a pedagogia e completa, e dá remate à obra, instituindo cursos para os mal dotados, e deixando os gênios entregues à própria sorte. Assim o gênio terá de abrir caminho por si mesmo, enquanto os restolhos recebem todos os benefícios possíveis desde o berço até o túmulo, podendo eles, eles sim, reproduzir-se à vontade... para encher o mundo de nulos. “Se Kepler, Galileu e Newton tivessem morrido na infância” (diz Bertrand Russell), “o mundo em que vivemos, seria muito menos diferente do que é em relação ao mundo do século XVI”⁴⁵. Mas todos procedem como se o mundo não precisasse de gênios, e sim, só de medíocres.

– Ora – concluiu o pensador – indiscutivelmente certo, como é, que a medicina opera esta seleção às avessas, seria ela um bem ou um mal? Não seria melhor, mais natural, darmos razão a certos místicos que permitem às doenças fazerem suas ceifas em larga escala? Acaso não são coerentes consigo mesmos tais místicos, se for verdade que a moléstia e a dor são o chicote abençoado de Deus, que força ao transviado a reentrar na senda? Se isto é verdade, por que correm atrás de médicos os espíritas que cantam loas à dor? E por que não conhece medicina a natureza bruta, e se a conhece, onde estão, logo, os doutores tartarugas, peixes e sapos? E havendo medicina para o homem, como é que ele não é o mais sadio dos animais? Não é verdade incontestemente que todos somos doentes, nenhum homem havendo que não traga uma enfermidade ou distúrbio? E se alguém há que me refute, dizendo-se sadio, perguntar-lhe-ei se não possui dentes cariados, pois os animais não os tem... e se os tivessem morreriam! A medicina é um bem ou um mal, Chilon?

– Ah! Depois dessa sarabanda ou rodopio, já não sei o que dizer!...

– Mas chegou a compreender a relatividade das coisas, pelo que há dois modos de se as encarar?

– Isso sim, agora compreendo; agora sei que o Bem e o Mal são, como a eletricidade e pólvora, inócuos e neutros em si mesmos, podendo ser usados numa ou noutra direção as quais se convencionou chamarem bem e mal.

– Ora – replicou Árago – se até o mesmo Bem e o mesmo Mal são inócuos em si mesmos, dependendo apenas do modo como são empregados, que dizemos da fé?

– Está entendido – exclamou Chilon! – A fé, como quaisquer outras virtudes, é indiferente, não sendo nem boa nem má; o bem e o mal dela dependerá somente, como os casos anteriores, do modo como for empregada.

⁴⁵ Bertrand Russell, O Elogio do Lazer, 150

– Pronto! – rematou Árago. – Você mesmo se respondeu. A fé não é nem um bem, nem um mal em si mesma, podendo ser usada nas duas direções que se convencionou chamar bem e mal. Estão satisfeitos todos só com esta premissa, à qual remontamos por indução dos fatos, ou querem que lhe deduzamos, agora, as conseqüências?

– Eu, de minha parte – tornou Chilon – quero as conseqüências, por desejar ouvi-lo discorrer...

Depois de Árago sondar com os olhos a todos os presentes, a fim de ver se devia ou não continuar, voltou-se para Chilon e lhe pediu:

– Defina, então, você, a fé, como já o fez antes, para chegarmos a este mesmo ponto por outros caminhos.

– A fé é a convicção formada sem o concurso das provas científicas, ou dos fatos, ou da demonstração lógica. O homem crédulo, sugestionável, confiante, de fé, é aquele que forma sua convicção só por ouvir dizer.

– Definiu bem – disse Árago. – O pensamento positivo se contrasta com o místico, do mesmo modo como a razão se opõe à fé. O pensamento científico, exato, unifica os homens, enquanto que as fés os separam....

– Não compreendo como possa ser isso – objetou Orsoni – se os homens de ciência vivem em polêmicas!?

– As polêmicas surgem – tornou o filósofo – na hora da interpretação dos fatos; todavia os fatos mesmos não dão motivo a polêmicas. Já com as fés tudo é contraditório, e as mínimas coisas dão causa a se fazerem divisões. E cada um tem a mais absoluta certeza de que a sua é que é a verdade, estando todas as demais em erro. Responda-me Chilon: qual é a característica primacial que diferencia o homem de fé do de ciência?

– No homem de fé predomina o sentimento sobre a razão, no passo que, no de ciência, predomina a razão sobre o sentimento. O homem de ciência busca entender a verdade, enquanto que o de sentimento procura senti-la. O homem sensitivo-emotivo sente que aquela é a verdade, e esta intuição lhe vem sob a forma de convicção absoluta, indiscutível, a qual se chama fé. Já o homem de ciência somente forma sua convicção após ter observado os fatos com calma, e passado tudo pela peneira da razão.

– Você fixou bem os caracteres diversificativos do racional e do místico. E o filósofo, em qual desses extremos o coloca?

– Em nenhum. Ele é o equador entre esses dois pólos opostos ciência e fé; o meio entre os extremos. Não só é um cientista, como, também um místico; não possui ele só intuições, mas, também, racionalidade e erudição suficientes para controlar, pela dialética e pela lógica, os dados da intuição.

– Bem deduzido e bem exposto – retorquiu o mestre. – tem razão Bertrand Russell ao escrever isto que vou ler: “A ciência procura reunir os fatos em feixes, mediante leis científicas; tais leis, mais do que fatos originais, são a matéria bruta da filosofia”⁴⁶. Mais: “Para ser um bom filósofo, é preciso que se tenha grande desejo de saber, combinando com grande cautela quanto ao que se julga saber; deve-se, ainda, possuir penetração lógica e o hábito do pensamento exato”⁴⁷. Mais ainda: “A filosofia é, assim, uma atividade contínua, e não algo em que possamos atingir, de uma vez por todas (...) a verdade final pertence ao céu, e não a este mundo”⁴⁸.

E fechando o livro, continuou o filósofo:

– Eis, de fato, que é o meio entre extremos, o lugar do filósofo. Todavia, tenhamos presente que a existência desses extremos é uma abstração, porque, na verdade, todo homem é meio filósofo, isto é, oscila entre os extremos, não sendo absolutamente nenhuma coisa, nem outra. Está, pois, com a verdade Medeiros e Albuquerque quando afirma: “Mesmo no domínio da Inteligência é uma tola presunção a dos

⁴⁶ Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 8 - Cia. Ed. Nacional

⁴⁷ Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 9 - Cia. Ed. Nacional

⁴⁸ Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 9 e 10 - Cia. Ed. Nacional

que dizem que já passou a época do *Magister dixit*. Mas cada um, se consente em submeter-se, também, por seu lado, quer submeter os outros ao seu poder: nós herdamos em proporções desiguais, tanto a tendência ao comando, que faz os chefes, os iniciadores, os que dirigem e sugestionam, como a tendência à submissão, que faz os soldados, os prosélitos, os que obedecem e se deixam sugestionar”⁴⁹.

– Deste modo, como eu ia dizendo, e Medeiros o confirmou, todo o homem é meio entre os extremos. Mas existe os tipos extremados da razão e da fé. Levados esses tipos ao extremo absoluto, pela abstração, podemos dizer que o homem de ciência é cabeça, no passo que o de fé é sentimento, coração. Todos concordam com este emprego figurativo de palavras, pelo qual tomo cabeça por razão, e coração, por sentimento?

– Concordamos – anuiu Chilon – após verificar ser essa a opinião de todos.

– Quer dizer – concluiu Árago – que um homem é tanto mais de fé, quanto menos usa a cabeça, e tanto mais de razão, quanto menos se deixa guiar pelo sentimento. Se assim é, diga-me, Chilon, quando é que um homem é todo fé, todo credulidade, todo sugestionabilidade?

– Penso que é quando não tem cabeça, e sim, só coração ou sentimento; quando ele abdicou da faculdade de pensar por si mesmo, transferindo esta tarefa para outrem, ao qual segue de olhos fechados. O homem é todo fé, quando a razão dorme; quando a censura racional não fiscaliza, não corrige, não atua...

– E em que estado poderíamos dizer que um homem perdeu a censura racional, tornando-se absolutamente crédulo?

– Só hipnotizado, prezado Árago, só hipnotizado é que um homem pode aceitar de fé até absurdos; só neste estado é que crê nos impossíveis que lhe são sugeridos, e por isso faz rir a toda gente nas platéias.

– Concorda, você, então, que o estado hipnótico é o da exaltação da fé até o seu paroxismo?

– Isso não padece dúvida. O hipnotizado confia no seu hipnotizador com tal força, que tudo o que este diz, aquele vive, alucinativamente. Nada define mais a fé do que a hipnose, porque hipnose é fé! .

– Acho, meus amigos, que agora chegamos ao ponto alto da nossa discussão – sentenciou o mestre. – E para subirmos a esta altura, de onde tudo se descortina, procedemos como os alpinistas que só mudam um pé, quanto tem bem firmes o outro e as mãos. Nosso procedimento, por conseguinte, além de lógico, é o de conexão de idéias, de sorte que ninguém há que não nos entenda; e procedemos com tanta cautela, que nada afirmamos sem examinar os termos antecedentes da proposição; seguimos, portanto, a técnica do pensamento exato, e por isso nossos argumentos se impõem por si mesmos não podendo ser refutados... logicamente.

E depois de o mestre tomar melhor cômodo na cadeira, prosseguiu:

– Vimos já que a fé, em si mesma, não é nem bem nem mal, como também, não são nem boas nem más, a eletricidade e a pólvora. No uso que fizemos destes poderes é que está o bem e o mal. Ora, a fé, no seu paroxismo, se chama *estado hipnótico*. Logo, pelas definições vistas atrás, o hipnotismo, que é fé, não é nem bem nem mal, podendo, contudo, ser empregado para o bem ou para o mal.

E voltando-se para Chilon, interrogou-o:

– Você já leu, por acaso, nalgum livro sobre hipnotismo, um capítulo intitulado: “Os perigos do Hipnotismo”?

– Como não! Qualquer livro sobre hipnotismo traz esse capítulo!...

– Muito bem, Chilon! Folgo em sabê-lo! Mas como esse capítulo está em todos os livros, como você me diz, sobre ele não precisamos discorrer. Aproveitemos o nosso tempo e esforço para estudarmos “os perigos do hipnotismo” que não se acham relatados em livros nenhuns...

⁴⁹ Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, 79

- Quais são esses?
- Calma, Chilon – retrucou o pensador – acenando também com a mão! Responda-me, como vem fazendo: o hipnotismo não ficou atrás definido como sendo fé, ou credulidade, ou sugestão?
- Sim, ficou.
- Neste caso, em que é que a gente pode crer sem reservas, sem risco de perigo? Acaso será nalgum Lumbaio?
- É certíssimo que quem crer em Lumbaio estará perdido!
- Suponhamos, todavia, tornou o filósofo, que Lumbaio fosse médico ou dentista, e que, portanto, tivesse estudado o cérebro humano por miúdo; agora, então, não haveria perigo em se lhe submeter?
- Santo Deus!... O perigo seria agora ainda maior! Pois se Lumbaio condicionou Tonhão Porcelo, estando este de olhos abertos, que mais não faria se o persuadissem a os fechar? Tornando minhas suas palavras de há dias, repito que toda a ânsia de qualquer hipnotizador está em fazer que seu paciente feche logo os olhos, e os não possa mais abrir, para que todo seja ouvidos, e nada, vistas. Com se fecharem os olhos a consciência fica às escuras, o senso crítico dorme, a censura racional se inibe, aceitando o paciente, de fé, enganos e mentiras que lhe quiser impingir o hipnotizador!
- Bravo, Chilon! Honra você, e muito, o mestre que tem!... É isso mesmo! Só os que nos superam moralmente nos merecem fé e crédito, e não às avessas. Veja lá, por conseguinte, quem for a dormir, se o hipnotizador tem estatura moral, pois mais vale isto que meros conhecimentos científicos, que dão aptidão, mas não, moralidade, isto é, tornando o homem mais apto, por isso mesmo o faz mais perigoso. Victor Hugo disse em prosa, e Guerra Junqueiro o repetiu em verso altissonante, que as cadeias se demolem com escolas. Grande engano! Ambas podem coexistir lado a lado, como é nos Estados Unidos, por exemplo, onde há “gangsters” doutores. Nada há pior do que os atos de selvageria quando executados com técnica científica e requintes de cultura. Ser crucificado é nada perto dos métodos modernos de torturas sem matar, como faz a polícia bolchevista, a dar crédito em Victor Kravchenko. As grandes metrópoles estão cheias de crimes perfeitos, os quais, por serem perfeitos, não se descobrem. Contudo há muita gente tola que crê ser impossível existir crimes perfeitos... Os políticos salafrários que ocupam o poder em todos os países, em sua maioria, tem cursos universitários. A escola os devia ter feito bons, mas os fez piores! É que a escola instrui, mas não forma o caráter, e o homem culto, se perverso, é mil vezes mais danoso do que a pobre besta feroz, porém estúpida, que vive na sarjeta. Por causa de tudo isto, entre a anestesia química e a hipnótica, conforme for o médico, é preferível a química, que dá inconsciência total, à hipnótica, que deixa a porta aberta a todos os condicionamentos...
- Todavia – objetou Chilon – o Dr. Osmard Andrade, prevenindo esta possibilidade de abuso, recomenda não se hipnotizar nenhuma mulher sem a presença de parentes.
- Ora, meu Chilon! Você possui uma bela memória para guardar, porém, sua inteligência é tarda em criar o novo. Não vê que essa é só uma prevenção de fachada para salvaguardar a ética profissional? Não vê que tal ética, que manda tomar essa providência, é só uma ética de aparências, para iludir e enganar?
- Muito surpreso, alheio e enleado, confessou Chilon:
- Não atino com o ponto que desmascara a pretensão do médico!...
- O médico, ou o dentista, hipnotiza u’a mulher na presença de familiares, e com isto fica salvaguardada a ética profissional. Todavia, ninguém repara, como você o não viu, que um e outro planta na paciente um sinal de sono, um sinal hipnagógico, para a fazer dormir quando quiser, e isto, depois, longe das vistas fiscalizadoras dos parentes. É o próprio Dr. Osmard Andrade o que diz: “Um paciente sinalizado é um paciente trabalhado, é um paciente hipnotizado daí por diante”⁵⁰. Basta, portanto, um

⁵⁰ Dr. Osmard Andrade Faria, Hipnose Médica, 181

gesto discreto do médico ou do dentista, por exemplo, como coçar a orelha, e pronto: a paciente já cai em sono profundo!...

– Que parente estaria vigiando a jovem hipersensível na praia de Tramandaí, quando esta tomava banho de sol e de mar com seu dentista hipnotizador Marcos Hochheim? Bem disse este “que o sensível «cai na conversa», por mais absurda que ela seja”⁵¹. Uma vez que este dentista é de opinião que a religião não “é necessária para manter a ordem social”, visto que esta ordem pode ser “mantida pela polícia”⁵², nada mais fácil do que levar a moça na “conversa”, como de fato a levou, tendo, porém, o cuidado de não deixar que as coisas se tornem num caso de polícia! E quando, à página 114, ele nos fala em “bons princípios de moral”, simplesmente pretende levar-nos também “na conversa”, porque os princípios de moral precisam fundamentar-se, necessariamente, sobre alguma base... que não medo da polícia..., e esse algo em que a moral se apoia, ele intentou destruir!...

– Mas que lanzudo que eu sou!... que onagro!... Pois não é que não enxerguei esse ponto de extrema vulnerabilidade!... Contudo a salvação pode estar noutro lugar.

– Qual é?

– U’a mulher honesta não se permitirá abusos nenhuns, mesmo hipnotizada, tendo em vista, como é certo, que a censura moral não dorme.

– E essa tal de censura moral, como se forma?

– Pela educação, ora essa!

– Logo, se ela é formável, é reformável também, tornou o filósofo; sendo a censura produto da educação, por isso mesmo pode ser desfeita pela deseducação. A censura moral também é um condicionamento; criá-la, pois, ou destruí-la, é só uma questão de tempo, de repetição, de paciência... Além disto, o hipnotizador pode enganar a censura, fazendo-se passar pela pessoa amada da paciente. As alucinações eróticas sugeridas, como quaisquer outras, são puro engano e mentira, porém, que se tornam vivamente reais para quem vive as sugestões. Desde que o paciente dorme, e até que se acorde, é ludibriado e enganado despidoradamente; e mesmo depois de desperto, fica sujeito aos efeitos pós-hipnóticos, podendo sentir alegria e gozo à simples lembrança do hipnotizador, se para isto estiver condicionado. Pode-se, deste modo, provocar alucinações agradáveis, fazendo crer à paciente que está num piquenique com seu amado... e... etc. e tal... Neste caso, o hipnotizador se torna o ópio da paciente, e este ópio não só vicia àquele a quem se aplica, como também ao aplicador... vocês me entendem!...

E depois de uma pausa – prosseguiu o mestre cananeano:

– Assisti, certa vez, a uma sessão pública de hipnose de palco. A certa altura o hipnotizador sugeriu aos pacientes que o telefone estava tocando; vários deles sucessivamente, atenderam o telefone, e quem falava na outra ponta da linha era o próprio hipnotizador. E fazia-se passar, perfeitamente, por namorada do hipnotizado, em todos os pormenores. Suponhamos agora, meus caros, que fossem mulheres, que não moços, as pacientes; não passaria, igualmente, por namorado e esposo delas, o hipnotizador?

E sem dar tempo a que se manifestassem os presentes prosseguiu:

– Diz Jefferson Gonçalves Gonzaga em sua Hipnose Médica, que “todo bom hipnotizador precisa saber contornar os pontos de vigília; do contrário não saberá manejar os casos, tão comuns na clínica, de suscetibilidades excessivas, idéias preconcebidas contra o hipnotismo, etc” (página 58). Esses pontos de vigília constituem a defesa do hipnotizando dentre os quais se inclui a sua censura moral. É assim que, diz Gonzaga, “se, em uma experiência feita com 10 prostitutas, lhe dermos ordens para que se dispam, elas facilmente obedecerão, por força do hábito; porém, a mesma sugestão, feita a 10 senhoras respeitáveis, produzirá reação contrária em todas elas, porque a ordem dada fere os seus princípios

⁵¹ Marcos Hochheim, Cristo, o Hipnotizador, 87 - 88

⁵² Marcos Hochheim, Cristo, o Hipnotizador, 66

morais” (op. cit. 58). Mas “todo bom hipnotizador precisa saber contornar os pontos de vigília”, não é, Chilon?

– Isso é o que diz o autor citado há pouco...

– Então, de que vale a tal de censura moral, se pode ser contornada, iludida e enganada? A única garantia do hipnotizando está na moralidade do hipnotizador. “É claro (diz Jefferson) que poderá haver uso indevido, ou melhor, abuso da hipnose por algum hipnotizador competente, porém de baixa moral, mas, neste caso, a deficiência reside na moral do hipnotizador e não na ciência que ele deveria saber honrar” (op. cit. 58).

– Pelo que estamos vendo – conclui o filósofo – o problema da hipnose se transfere para o plano moral: e há só duas morais no mundo que são a de Sócrates, Platão e Cristo de uma parte, e a de Trasímaco, Maquiavel e Nietzsche da outra. A primeira se funda na religião, na sobrevivência da alma e, como consequência, apregoa a bondade e o amor; a segunda se alicerça na natureza que nos circunda, sendo, por conseguinte, a moral da força e da astúcia. Ora, o Dr. Osmard Andrade prega que morreu acabou, que Deus é pura invenção da estupidez humana, e que Cristo não passava de um milagreiro! Logo, se sua moral não é a de Cristo, terá de ser a de Nietzsche!... Que mulher estaria em segurança então, estando sob suas garras?... Eu sei que ele vai corcovear para livrar-se deste açaimo que lhe aplico...; mas tenha ele então presente isto: em saindo a campo, que não se esqueça de mostrar, muito direitinho, tintim por tintim sobre que base se assenta seu edifício ético! Ai dele se, como fazem muitos, exibir essa edificação suspensa... no ar!...

E pondo-se o mestre a coçar a cabeça, hesitante, advertiu:

– Todavia, meus caros, para estar em paz comigo mesmo, preciso deixar claro o seguinte: o Dr. Osmard Andrade, ou qualquer outro, não é o que prega, mas, o que vive. E vive segundo a sua formação em moldes cristãos, pois não me cabe na cabeça que seus pais e mestres fossem todos maquiavélicos e nietzscheanos. E como o homem é determinado pela educação desde o berço, pode vir a ter idéias contrárias à sua formação e conduta. O homem pode viver de um modo, e pregar outro, sendo que suas pregações criam outras vivências. E do mesmo modo como Nietzsche não foi nietzscheano, nem Epicuro, epicureu, concedo que também Osmard não seja osmardiano. Assim o Dr. Osmard, conquanto seja de formação cristã, prega o materialismo de consequência nietzscheanas. A moralidade dele, como vida, como conduta, está fundada em Cristo; a moralidade decorrente da sua doutrina, da sua idéia, é a mesma de Nietzsche. Por esta causa, dissocio o homem em dois, sendo que a um aborreço, e a outro, prezo. Entenderam?... Nada tenho contra o homem eterno, que estimo, e sim contra suas idéias temporais que me desagradam. Nada tenho contra o Dr. Osmard, senão contra o osmardismo que é a tendência que possivelmente, poderia tornar-se dominante. Eu não julgo nem condeno o homem, que isto foge a alçada do filósofo; julgo seu juízo, ou seja, o pensamento que ele emitiu. Todas as vezes, portanto, que a ele me referir, tenho em vista sua ideologia, que não a sua pessoa humana prezada sempre, e sempre respeitável. Logo, a conclusão minha que pergunta: “que mulher estaria em segurança então, estando sob suas garras?”; esta conclusão, digo, precisa ser relacionada com a idéia, que não com o homem. Suas garras, deste modo, são as que ele arma nos seguidores seus. Sinto que ele, pessoalmente, é inofensivo; porém, perigoso pela idéia, com armar os discípulos seus de garras temerosas. Esta declaração me era necessária à paz de consciência!

– Suas conclusões são inexoráveis – concordou Chilon.

– Nada pois – tornou o sábio – tenho contra o homem, que respeito e prezo, e sim contra suas idéias materialistas. Minha luta é contra o materialismo satânico, que pode fazer do homem um demônio consumado... À toa não foi, meus caros, que Mefistófeles aconselhou ao “rapazola” estudasse medicina, e diz: “O essencial da medicina é fácil” (...) “e cada qual por fim... pilha o que pilha. Saber aproveitar as circunstâncias é que se cifra o saber” .

“Co’o mulherio é que mais se precisa habilidade.

Os seus ais-ais e ui-uis, perene tema de eternas variações, curam-se todos coa mesmíssima droga. Ao que sabe ser magano à socapa, inda a primeira há-de vir que resista; é que um sujeito com Carta de Doutor merece crédito, e a arte que ele pratica excede a todas. Anos empata um suplicante avulso em vencer nicas; um Doutor fez tudo no primeiro rompante: pede o pulso, dão-lho logo; tacteia-o brandamente, regala-se a estudá-lo, e vai no entanto co'o meigo olhar incendiando a linda; depois, sem má tenção, num falsos pejos apalpa-lhe a cintura, a ver não traga demasiado aperto no espartilho”

(Goethe, Fausto, 117 - 118, Vol XV - Clássicos Jackson)

E fechando o livro em que lera o trecho, rematou:

– Se tal faz o tal, sem hipnotismos, que mais não faria com ele?!... Considerem agora esta outra parte: entre os diplomados há os estritamente médicos, no dizer de Sócrates, que são os curadores de doentes, e há os mercenários da medicina, que são os ganhadores de dinheiro (Platão, A República, 33 - Atena Editora). Conhece você, Chilon, alguém que seja estritamente médico?

– Não... nunca vi um desses... conquanto admita que eles existam, como exceções. Haja vista a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, integrada por altíssimos valores não só da medicina, como também do idealismo espírita.

– É claro, meu nego, que há gloriosas exceções; mas na sua esmagadora maioria, os médicos são gente como toda gente, com a mesmíssima psicologia. Seria maravilhoso que os médicos não fossem gente, mas apóstolos da caridade e da ciência a um tempo, como são os daquela sociedade a que se referiu você. Todavia, para os ganhadores de dinheiro, sem religião e com uma ética profissional de aparência, o tal de juramento de Hipócrates não passa de um juramento de hipócritas, não acha.

– Sem dúvida.

– Como pode o médico levar a sério o juramento, se zomba dos deuses que toma por fiador da jura? Que vale jurar por Apolo, Asclépio, Higiéia e Panacéia, por quantos mais deuses há no Olimpo? Que vale dizer: “eu juro manter a santidade e a pureza da minha vida e da minha arte”? Na boca de Hipócrates o juramento é jura; na boca do médico materialista o juramento é fórmula vazia!

– Então o médico, a um pretexto qualquer pode condicionar o seu cliente, ou melhor dito, o seu paciente, o seu subjugado, a sua vítima, a lhe trazer o dinheirinho de contado, todos os meses... Se, como diz Miguel Couto, citado pelo Dr. Osmard Andrade, “não há doenças, há doentes”, o médico pode cultivar com carinho estes doentes, como quem trata duma roça. Para isto, basta aumentar-lhes as dúvidas e temores mórbidos já existentes, fazendo-os crer que ele, médico, é seu único arrimo e toda a sua salvação!... De vez em quando, em cada cidade, os médicos adubam a roça, organizando as tais “semanas médicas”. Aí, então, assustam a todos com lhes falar do câncer, dos males do coração, do fígado, etc., declarando sempre, invariavelmente, que todos precisam consultar seus médicos amiúde. Quem tiver um carocinho nalgum ponto do corpo, deve procurar seu médico para o apalpar... Isto, como bem o definiu Nelson Luz, são tarrafadas com emprego de tarrafas de malhas largas. A miudagem não interessa, pois os pobres não vão aos saraus chiques das tais “semanas médicas”... Eis, aí está, como os senhores doutores Lumbaios poderão ter um ordenado líquido e certo, livre até de imposto sobre renda. E assim, meus caros, o povo é o rebanho de crendeiros, e os médicos, os tosquiadores. Tanto que cresce um pouco a lâ... vejamos o que acontece:

– Vai o senhor Doutor se impondo de mansinho;
Falando suave, amima e nina com carinho.
Até que tem domada toda a resistência
Que nenhuma agüenta a tamanha insistência.
E quando tem, granjeada, a fê da freguesia,
Aplica, agora, a ciência alta, e zás... tosquia!

– Isso é que é falar claro e bonito – exclamou Chilon! – Até parece Goethe ao qual o senhor imitou nesse verso!

– Tornemos então à prosa, que poesia é luxo, no dizer do Prof. Silveira Bueno. A propósito do que vinha dizendo, conta o autor da “Arte de Furtar” que um filho recém-formado em medicina, querendo superar o próprio pai, também médico, na arte de Esculápio, aproveitou-se da ausência deste para curar, de vez, a um dos seus muitos doentes crônicos. Tornando o pai da viagem que fizera, e ciente do ocorrido, diz assim ao filho: “– Não viste tu selvagem, que enquanto se queixava das dores, continuavam as visitas, e se acrescentavam as pagas? Secaste o leite à cabra que ordenhávamos”⁵³.

Fez uma pausa o filósofo, para gozar com seus companheiros de estudos, o efeito desta bela fala clássica, depois do que continuou:

– Para quem, pois, não tem temor de Deus, e acha que morreu acabou, quaisquer caminhos levam a Roma. Haja vista as chamadas “Clínicas Espíritas” (como era aquela, por exemplo, da Rua do Grito – Ipiranga – São Paulo) que são, como disse o Prof. Levino Mello, “arapucas de exploração da doutrina” espírita.

– Bem certo andou o experiente e arguto judeu Marcos Hochheim ao afirmar que “um hipnotizador competente não encontra grande dificuldade, em convencer um hipersensível a lhe entregar seu dinheiro”⁵⁴.

E continuou o pensador de Cananéia:

– O hipnotismo teve o seu berço no misticismo primitivo, tendo sido sempre empregado pelos sacerdotes de todos os tempos e de todas as religiões. Está fundado sobre a fé e confiança na autoridade do reputado maior, funcionando sempre de cima para baixo, e não, vice-versa. A sugestão, que é fé, se opõe à persuasão, e pode ser definida como ***o ato pelo qual se faz a uma pessoa aceitar uma idéia qualquer, independente de exame***. Por isso é que São Paulo define a fé, que é sugestão, como sendo ***“o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se vêem”***⁵⁵. Ora, é da lógica primária, elementar, que duas coisas iguais a uma terceira são iguais entre si; e como hipnotismo é sugestão, e sugestão, fé, segue-se, necessariamente, que hipnotismo é fé. Mas a fé é religião; logo, hipnotismo é religião. Quem, pois, assistiu, um dia, a uma sessão de hipnose de palco, ou qualquer outra, teve sob suas vistas ***o fenômeno da gênese de todas as religiões no tempo e no espaço***. Foi por isso que Bechterew escreveu “que a convicção entra, por assim dizer, pela porta da frente e a sugestão pela dos fundos”⁵⁶. E quais, Chilon, são as pessoas que nos entram pelas portas dos fundos?

– Só devem entrar por essas portas as pessoas íntimas, de nossa absoluta confiança. A porta da frente é para as pessoas estranhas que ficam sob nossa vigilância, ao passo que a dos fundos serve às pessoas íntimas nas quais confiamos sem reservas.

– E há, você, por certo, de convir comigo que entre as pessoas de confiança pode não se encontrar o materialista e materializado profissional de medicina, sem convicções nenhuma superiores,

⁵³ Antônio de Souza de Macedo, A Arte de Furtar, 16 - 17

⁵⁴ Cristo, O Hipnotizador, 145

⁵⁵ Epístola aos hebreus, 11, 1

⁵⁶ Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, 209

sobre as quais possa fundamentar a ética. A moral de quem apregoa que “morreu acabou” e que “a matéria é tudo”, só pode ser u’a moral de fachada! Toda a moral, sem nenhuma exceção, é uma cúpula que fecha um edifício o qual se sustenta, necessariamente, sobre alguma base; é sempre, invariavelmente, abóbada, e, nunca, alicerce. E, pois, qual será o sustentáculo da chamada ética profissional em medicina? Seria, somente, a coerção social extrínseca? O pavor do ridículo? O medo da polícia? Mas, então é só ludibriar a sociedade e burlar a lei, e para isto basta falar em tom altissonante de ética, de moral, como se isto representasse alguma coisa, ainda que suspensa no ar!... Quem nos afirmar que o homem criou Deus, e não, o contrário, como todos supõem; que nada mais existe além da infinita e inexaurível matéria; que o pó é o ponto extremo, começo e fim do eterno círculo ou roda-mó do fatalismo que tudo mói e remói, tornando os mundos pó, e deste pó fazendo mundos, em eterna recorrência nietzscheana..., não nos venha, depois, falar de moral, que isto é zombar da nossa inteligência, por cuidar que todos somos lorpas!... Não tenham dúvidas, meus caros: para essa gente, “ser pobre é ser parvo”, como já o concluía Mefistófeles⁵⁷, e por isso é que “um judeu, podendo, e um Rei lêem pelo mesmo brevíário”⁵⁸.

A esta altura entrou Anidra na sala com a bandeja de xícaras de café e o bule. Quando fez menção de retirar-se, disse-lhe Árago para deixar tudo ali, e prosseguiu:

– O hipnotismo ou fé paroxísmica, tão exaltada por Cristo, é coisa maravilhosa, tanto ou mais do que o anel do pastor Giges, que a este fazia invisível ou visível, conforme pusesse o engaste e a pedra para dentro ou para fora da mão. E que se seguiu disto? Seguiu-se que indo Giges ao palácio, prestar contas do rebanho ao rei, em lá chegando, “seduz a rainha, e, cúmplice dela, assassina o rei e assenhoreia-se do reino”⁵⁹. Vejam lá, meus amigos, se tal anel pode estar na mão do supremo injusto que é o que parece justo sem o ser. A virtude maravilhosa estava no anel; contudo foi o pastor o que se aproveitou da maravilha. Assim com o hipnotismo, ou clímax da fé, maravilhoso, belo e bom em si mesmo, sem perigo nenhum, se empregado por um Sócrates, por um Cristo, mas perigosíssimo, se usado por um Giges, por um Lumbaio, sejam estes camelôs ou pastores, sejam médicos ou dentistas!...

– De maneira, meus caros – continuou o mestre – que nenhuma coisa pode ser mais danosa do que crer no doutor, visto ser ele um materialista confesso, e prega que “morreu acabou”. Ora, o que confiar nele, acaba não só dormindo à sua sugestão, como ainda aceitando toda sua doutrina materialista, de conseqüências danosíssimas.

E depois de meditar um pouco, levantou a mão, o filósofo, com o dedo indicador em riste, como a pedir atenção, ao tempo em que dizia:

– Relampeou-me na mente neste instante o caso que passo a relatar: Havia, numa casa de saúde, um enfermo que raciocinava, por este modo, deitado, em sua cama de costas: O doutor me disse, através de seus livros, que não há outra vida, além desta, com as conseqüentes penas e recompensas futuras; logo, para que hei de insistir em viver, se a vida me é sumamente aborrecida e cheia de sofrimentos?! E mesmo que venha a sarar desta enfermidade, acaso posso escapar à pobreza, à miséria, em que sempre vivi? É verdade que tenho mulher e filhos; mas esta preocupação que me rala, só existe porque respiro! Tanto que tenha os olhos vidrados, adeus preocupações! Adeus sofrimentos! Adeus vida amaldiçoada que me impuseram, pois não pedi para viver!...

– Assim está pensando o doente, continua Árago, quando entra o médico no quarto, a fim de vê-lo; examina-o aqui e ali, e depois pergunta:

– Como vai, Pelório?

– Chi!... doutor..., ando ruim! Até lhe queria pedir me desse um chazinho-da-meia-noite!...

– Que é isso, homem?! Eutanásia é proibida por lei... e além disso tenho minha ética profissional que a proíbe também!

⁵⁷ Goethe, Fausto, XV, 149 – Clássicos Jackson

⁵⁸ Goethe, Fausto, XV, 181 – Clássicos Jackson

⁵⁹ Platão, A República, 63 – Atena Editora

– Ora essa, doutor! Que diabo é isso de lei e de ética? Que nada! Tudo isso é léria! A coisa fica só entre nós!... E depois que o senhor e eu tivermos morrido, quem é que vai saber dessa violação da lei e da ética? Morreu acabou, como o senhor o diz, acertadamente, e por isso, a lei e a ética são só para inglês ver!...

– E como é que você sabe ser essa a minha convicção? – perguntou o doutor, admirado da argúcia do doente.

– É que li seus livros... “Hipnose Clínica” e “Letargia Hipnótica” livros que o senhor escreveu baseado na doutrina do seu mestre Dr. Osmard Andrade Faria. Conheço, não só estes dois livros da sua autoria, como também, os dois do Dr. Osmard que trazem o título de “Hipnose Médica e Odontológica” e “Hipnose e Letargia”.

– Está bem, meu velho, essa é a verdade mesmo. Porém, quanto a matá-lo, não está em mim o fazer... Minha missão é curar, que não tirar a vida.

– Mas o senhor vai tirar-me a vida – retrucou Flamínio Pelório...

– Como? Se me recuso a isso?

– É que vou suicidar-me... estou firme neste propósito!

– Bem... mas então, isso é por sua conta, não me cabendo culpa nenhuma!

– Não é assim, doutor! O senhor vai matar-me pelas minhas próprias mãos, porque cri na sua doutrina, e agora reconheço que viver, ou pobre ou doente, é uma besteira!... De modo que o senhor tem por missão curar com o escalpelo, e matar com a pena. Como médico o senhor cura alguns, e como escritor, mata a muitos, como me vai matar a mim, irremediavelmente, visto que não me poderá, jamais, desviar da doutrina que aceitei por verdadeira, e na qual creio, agora, de fé! Com ter feito de mim um bióforo, o senhor vai matar-me, e isso, pelas minhas próprias mãos!...

E arfando o peito um pouco de cansado, prosseguiu:

– Eu, doutor, se tivesse saúde, venderia caro minha vida, porque iria ser um guerrilheiro comunista, um sabotador, e faria ver a esses ricos que vivem em ócio, o quanto lhes custa escorchar os desgraçados como eu. Poria bombas-relógios em suas casas e indústrias, fazendo voar tudo pelos ares... Mas como não valho nada, tenho de destruir-me sem proveito nenhum para ninguém, exceto o exemplo que deixo para ser imitado pelos pobres e doentes que chegarem a ler suas obras!...

– Schopenhauer, contrapondo-se a Leibnitz demonstrou ser o nosso “o pior dos mundos possíveis”. Todavia, como escreve Ernst Haeckel “nem Schopenhauer nem o mais notável dos pessimistas modernos, Eduard von Hartmann, tiraram as consequências práticas desta doutrina, as quais consequências seriam negar a «vontade de viver» e pôr um termo aos sofrimentos pelo suicídio”⁶⁰. E continua Haeckel: “Se, pois, o infeliz nascido do ovo fecundado não encontra no decurso da existência a felicidade a que podia aspirar; se a vida, ao contrário, só lhe traz miséria, doença e sofrimento, é absolutamente incontestável e fora de dúvida que ele tem direito a pôr-lhe fim pela morte voluntária, pelo suicídio”⁶¹. O senhor, depois do que escreveu, não pode negar que “a morte voluntária, que põe fim aos sofrimentos, é um ato de libertação”⁶². Donde vem que “todo o homem que possuir verdadeiramente o amor do próximo, deve prestar, a quem sofre sem esperança, a possibilidade de se libertar pelo suicídio”⁶³. Matamos os animais domésticos, nossos amigos, quando eles sofrem de mal incurável. “Do mesmo modo (diz Haeckel) temos o direito, e até, se quiserem, o dever de pôr termo aos sofrimentos dos nossos semelhantes atingidos por doenças cruéis e sem esperança de cura, quando eles nos pedem que os libertemos do mal?”⁶⁴. Haeckel é pela pura e simples eliminação espartana dos imprestáveis, e acrescenta:

⁶⁰ As Maravilhas da Vida, 114

⁶¹ As Maravilhas da Vida, 115

⁶² As Maravilhas da Vida, 115

⁶³ As Maravilhas da Vida, 116

⁶⁴ As Maravilhas da Vida, 118

“Quantos sofrimentos e despesas podiam ser evitados se nos decidíssemos a aliviar do fardo da vida os incuráveis”⁶⁵. Como vê, doutor, asselei com doutrina autorizada as conseqüências inevitáveis que se inferem da sua filosofia. Logo, se o senhor quiser ser um homem bom, humanitário, compreensivo, sobretudo lógico, tire-me a vida!

– Mas, homem de Deus! O suicídio é uma covardia!... E sua mulher? E seus filhos?!...

– O senhor me fala de Deus? Se houvesse Deus, sua obra e suas criaturas teriam um sentido... um telefinalismo... Ora, se tudo fica pó e nada, como o senhor me afirmou, este é o fim extremo e o começo de todas as coisas!... Se houvesse, então, Deus, tenho de supô-lo um louco que brinca de fazer e desfazer mundos!... Comigo Deus não brinca, porque, em lhe descobrindo o plano de aniquilar-me, anticipo-me, e o decepçiono. Se todos fossem como eu, Deus deixaria de zombar do homem com fazê-lo sonhar estrelas e padecer infernos!... Se, como o estou demonstrando, posso burlar o plano divino, com fazer-me cinza e nada, antes que ele o decrete, não posso ser homem de Deus, como o senhor me chamou, mais por retórica do que por fé!...

E arquejando, continuou Flamínio:

– Quanto à minha mulher, digo-lhe que é velha e feia. Agora não... mas quando eu estava bom de saúde sempre desejei ter dinheiro fácil, como aí o senhor, para dá-lo àquelas belezas dos apartamentos só de um quarto... mas que?! essas juritizinhas são aí pro peito do doutor... bem o sei!... Já que não posso ter nada na vida, então, mato-me, que em morrer faço melhor negócio.

– Além disso – prosseguiu Pelório – minha mulher e meus filhos só existem para mim, porque estou vivo; morto, tudo morre comigo!... E que me chamem de covarde, pouco me importa isso! O senhor já viu algum defunto protestar contra injúrias? Depois que o senhor me abriu os olhos, provando-me que a vida se acaba no pó da sepultura, pretender convencer-me agora de que devo viver, sendo pobre e doente, é cometer um absurdo! O senhor precisa ser mais coerente, e praticar o que prega! Se a morte é o fim, alcançá-lo depressa é melhor do que viver sofrendo! Por isso lhe pedi me matasse, sem nem pensar que o senhor me viria com essa bobagem de ética e de lei! A conseqüência natural da sua doutrina é de que os médicos não precisavam existir, porque eles prolongam a vida, e viver é absurdo, visto que até os mais felizes sofrem. Os ricos compram alívio para as dores físicas, não, porém, para as morais... O senhor já não tem lido que artistas famosos, escritores e multimilionários célebres costumam suicidar-se? Se até estes fazem isso, como não o fazem os que, como eu, sobre ser pobres, sofrem? Se todo o homem nasce chorando; se a maioria vive suando como burros acorrentados às carroças dos poderosos; e se todos morremos gemendo, não sei para que possa servir a vida! Só mesmo para quem é rico e poderoso ela se justifica, e para eles é até de utilidade que eu tenha religião, pois enquanto vivo de esperanças e busco o céu, eles tomam conta da Terra... No fim todos morremos e damos em nada..., como o senhor o diz, mas quem creu ficou logrado! Ora, se todos os miseráveis como eu, que lhe dão o sustento, se suicidassem, o senhor já imaginou o seu apuro, e também o dos ricos? Todos teriam de trabalhar de enxadas nas mãos, sendo-lhes, também, melhor morrerem!... E que beleza, para os animais, se todos os homens morressem! Ficaria a Terra inteirinha só para eles... que ignoram que a vida é um absurdo; e só por isso vivem e querem viver!...

– Eis, doutor – prosseguiu o enfermo – a descoberto, o fundamento econômico, sobre que repousa sua ética profissional, que o proíbe de praticar a eutanásia. Fazer isto seria cometer a loucura de ceifar a lavoura verde, ainda em flor!... Prolongar a agonia do rico e condenado à morte, com balão de oxigênio e óleo canforado, é um jeito certo, seguro, de fazer a roça produzir. Fosse o doente pobre, e eu queria ver se o deixariam ou não, morrer em paz!...

Depois de uma pausa em que Flamínio Pelório parecia coordenar novas idéias, continuou:

⁶⁵ As Maravilhas da Vida, 120 - 121

– Resumindo e enfeixando sua doutrina numa frase, temos: ***o fim supremo da sabedoria é o nada!*** Tudo nasce, cresce, desenvolve-se até o homem, e chegando este à plenitude do saber, descobre a absurdidade da vida e suicida-se. É assim que, pelo eterno retorno, as civilizações saem da barbárie, e para ela retornam de novo. Saem dela vencendo, a custo, a ignorância que as religiões tentam manter, e retornam a ela pela libertação intelectual, pela cultura, ceticismo e suicídio. Não é um suicídio simples, porque cada um que se resolve a morrer, busca que outros o matem, como fazem os admiráveis “gangsters” das grandes cidades, e os guerrilheiros rebelados contra uma velha ordem, bolorenta, como a nossa. É preciso derribar o velho e caduco, para erigir em seu lugar o novo, o qual, por sua vez, será desalojado por outra ordem, não melhor, mas diferente.

– Um exemplo histórico e recente do que lhe falo, temos no revel Fidel Castro que se revoltou em Cuba contra o governo do Batista. Derrubado este, Fidel assenhoreou-se do poder, fazendo-se cercar de outros iguais a si. E como as massas humanas são constituídas de carneiros e de lobos (*homo homini lupus*), sendo lobos todos os que têm capacidade de reação e de luta, e, carneiros os pacíficos de gênio e os acovardados que se conformam com qualquer vida, mesmo a de escravos, Fidel mandou fuzilar todos os que fossem lobos do meio do rebanho cubano, de sorte que ele, sendo lobo também e, assessorado por outros lobos, administra, agora, absoluto, a tirania, em nome dos mesmos carneiros. Tal, também, doutor, se faz na atual Rússia bolchevista e na China vermelha, onde os governos são donos de tudo, e o povo, de nada. E assim como no Egito da idade de ouro, o povo miseravelmente escravo fez pirâmides (!), que são túmulos (!), para guardar as múmias ressequidas dos faraós, também o escravo povo russo de hoje moureja na roça, nas indústrias e nas minas, para que seu governo possa brincar com Tio Sam de soltar foguetes e empinar satélites. E por isso me rio quando algum carneiro lobo me pergunta candidamente: se na Rússia, na China e em Cuba as coisas são tão ruins, por que o povo então não se rebela? É só rindo mesmo, doutor, só rindo... pois quem já ouviu falar de alguma rebelião de carneiros? Os que se podiam rebelar já o fizeram e foram todos mortos... E de quando em quando se fazem lá novos expurgos, por ser preciso liquidar com os novos lobos que vão surgindo no meio da carneirada! Deste modo, a eterna vigilância é o preço do poder, e na Rússia, e em Cuba, e na China vermelha todos tremem desde o primeiro lobo até o último cordeiro! Fidel Castro e os mandatários da Rússia e da China são todos suicidas, porque um dia cairão nas dentuças de outros lobos que, metidos em peles de ovelhas, sorrateiramente, se acercarão do poder. Mas todos os que mandam, enquanto vivem, ***vivem!***... o senhor me entende, não é!? Quem, pois, está em cima come, e quem está bem embaixo passa fome; e isso é em Cuba, na China, na Rússia ou aqui! Por isso Cristo disse: “os pobres tê-lo-eis sempre convosco”... ao que, eu acrescento: os poderosos, também, sobre vós, para vos escorchar para vos fazer suar e sofrer!... Quem tem razão é o arguto Trasímaco que disse: “Minha doutrina é que a justiça é simplesmente o interesse do mais forte”. E prossegue: “E não é fato que em toda a cidade a força superior reside nos governantes? Ainda mais: Cada governo tem leis adequadas a seus interesses: democráticas, nas democracias; despóticas, nas aristocracias, e assim por diante. Ora, quando assim procedem, não declaram os governos que o que é do seu interesse próprio é justo para os súditos? E não punem a quem dessas normas se desviar como réu de ilegalidade e injustiça? Portanto, meu caro (Sócrates), o que digo é que, em todas as cidades, a mesma coisa, que é o interesse do governo estabelecido, é justa. E a força superior, ao que presumo, se encontra do lado do governo. Donde se conclui, por correto raciocínio, que a mesma coisa, isto é, ***o interesse do mais forte, é por toda parte o justo***”⁶⁶. E assim doutor, o forte se mantém no poder enquanto pode, e, em caindo, exclama: “Acta est fabula”!...

E fitando o médico com olhar percuciente, rematou Pelório:

– Por esta causa, o suicídio fino, sábio, heróico, é aquele do “gangster”, do sabotador e do guerrilheiro que se dispõem a viver em estado de guerra, como o pregara Zaratustra. Este o suicídio de

⁶⁶ Platão, A República, pág. 28 e 29 – Atena Editora

que lhe falo, nobre, alto e complexo. Contudo, não podendo eu participar deste nobre suicídio coletivo, do “gangster” e do guerrilheiro indômito, pratico o suicídio despretenso e simples dos inválidos. Tendo eu, pois, descoberto esta suma verdade neste leito de hospital, completo agora o meu ciclo, desaparecendo para sempre!

E dando o doente ao rosto um irônico ar, e pondo nos olhos triste lume, prosseguiu:

– Eu, doutor, em lendo seus livros, confesso que tive uma reação mística, cuidando que o senhor não passava de um lunático, e que imortalidade e céu deveriam, de fato, existir, para se corrigirem lá os males e erros deste mundo. É que eu tinha em mente o padre Vieira que começa assim um sermão: “O Batista em prisões! Logo há de haver outro juízo e outro mundo. Provo a consequência. Porque, se há Deus, é justo; se é justo, há de dar prêmios a bons, e castigo a maus: no juízo deste mundo vemos os maus, como Herodes, levantados, e os bons, como o Batista, oprimidos: segue-se logo que há de haver outro juízo e outro mundo: outro juízo, em que se emendem estas desigualdades e injustiças; etc.”⁶⁷. E continua o padre mais adiante: “Um dos principais fundamentos de nossa fé é a imortalidade das almas, e a nossa injustiça é a mais evidente prova da nossa imortalidade. Se os homens não foram injustos, pudera-se duvidar se eram imortais; mas permite Deus que haja injustiças no mundo para que a inocência tenha coroa e a imortalidade prova. Quem pode duvidar da imortalidade da outra vida, se vê nesta a maldade de Herodes levantada ao trono e a inocência do Batista posta em prisões?”⁶⁸. Como lhe dizia, estava com estes pensamentos de Vieira em luta contra os de sua obra, quando parou, na minha frente, um roceiro que trazia pelo cabresto um cavalo velho portando dois jacás de laranjas na cangalha. Nem reparei que o homem me oferecia laranjas a comprar, tão absorto me achava em meus pensamentos profundos. É que, pensava eu, se o padre tem razão, deve haver também um céu para cavalos, visto que estes brutos sofrem, neste mundo, a tremenda injustiça de serem castrados, de trabalharem sob o chicote, por nada, a vida toda, e de irem para o corte, na velhice, quando imprestáveis. E como não me cabe na cabeça possa haver um céu de cavalos, outro de burros, outro de bois, etc. desisti da idéia de que, como quer o padre, pudesse haver algum céu de homens, só porque João Batista, sendo justo e bom, fosse preso e morto, e Herodes, injusto e mau, permanecesse no trono. Eu também poderia usar os argumentos do padre dizendo: se existe Deus, há de ser justo; e se o é, há de premiar os cavalos, os burros e os bois, metendo-os nos céus, e jogando os carroceiros e carreiros todos nos infernos!...

– Os que nascem aleijados e deformados nesta vida, prosseguiu Pelório, dizem, alguns, que é por causa dos pecados doutras vidas. E os animais monstregos que morrem na mais absoluto desamparo, e só por isto não perambulam, por aí, como os deformados humanos, que pecados pagam? Por causa destas considerações, abrandou-se-me o furor místico, passando eu a ser seu discípulo!... O senhor tem razão mesmo: morreu acabou! E eu é que não vou ficar aqui, perdendo meu tempo em viver, quando me posso descansar já, no pó, no nada!...

E cerrando, Pelório, duro, os punhos, nos ouvidos, num espasmo de paixão, suplicou, em voz estertorosa:

– Doutor, ajude-me a morrer!... Só o senhor pode fazê-lo sem dores para mim!... A vida é a maldição que recebi um dia dum Criador cruel, que se compraz na agonia de suas criaturas! Conquanto esteja eu na metade da vida, já me sinto um Ashverus curvado ao peso duma eternidade. Schopenhauer estava certo ao perguntar: “Por quanto tempo ainda seremos conservados neste muito-barulho-para-nada, nesta aflição contínua que nos leva à morte?” Perguntando o rei Midas ao deus Sileno, qual o melhor destino de um homem, teve isto por resposta: “Miserável raça de um dia, filhos do acidente e da aflição, por que me forçais a dizer o que melhor não fora dito? O melhor dos fados é inacessível – não nascer, não ser. Depois, o melhor dos fados é morrer cedo” 389. Até Salomão, que vivia em orgias e banquetes

⁶⁷ Vieira, Sermões, 11 – pág. 355 - Ed. das Américas

⁶⁸ Vieira, Sermões, 11 – pág. 356 - Ed. das Américas

contínuos com mil mulheres, acabou concluindo ser melhor o dia da morte que o do nascimento (Ecl 7,1). Se até ele sendo inteligente, e rei, e rico, e gozador da vida achou isso, por que devo eu viver?

E quedando a olhar para uma mancha azul de remédio na colcha branca do seu leito, filosofou Flaminio:

– A vida é uma tragédia eterna e infinita em que um ser esposteja e devora o outro para o gozo de Deus, porque, se ele fosse pai, e não, carrasco, ter-me-ia feito a mim insensível para não sofrer. Uma vez que me pôs por sina atroz o ser comido dos homens e dos vermes, que o fosse, então, sem terrores, martírios e fadigas. Ainda que inocente, Deus me condenou às galés da vida, quando me podia ter deixado continuar na imobilidade do não-ser! Deus! Ó Arquétipo eterno do sadismo e da maldade! “Como ousaste interromper o repouso do nada, para fazer surgir uma tal massa de desgraças e de angústias?”⁶⁹. Oh! Por que turbilhonar o pó de que sou feito, criando esta ilusão de ser que agora, errante, sofre?

“Deus Criador, pedi-te porventura
Que do meu barro me fizesse homem?
Pedi-te que das trevas me tirasses
Ou me pusesses em jardim tão belo?
Como não concorreu minha vontade
De modo algum para a existência minha,
De mais razão, de mais justiça fora
Que em meu antigo pó me convertesses...”

Milton, Paraíso Perdido, canto X

– Uma vez, porém, que a Suma Crueldade me soprou o movimento, a razão, o melhor dos fados é chegar agora mesmo ao fim! Um pouco de clorofórmio, então, na minha veia... Ali está a seringa... e a agulha de injeção!... Complete sua estupenda obra, sendo bom, ao menos uma vez! Eu vivo...; e a vida me rala o coração, e punge, e gela o peito, pior do que sentir o ferro de Longuinhas rasgando o lado de Jesus!... Isto de grande e de profundo alcancei da sua formidável obra: o Universo é o inferno único onde a vida é torturada até a extinção do ser que a porta. Por isso, do vegetal ao homem, todo o ser vive à custa de outro ser que é atormentado e morto, donde vem que a vida é toda feita de martírios. Disto se conclui: ou não há Deus, como o senhor, brilhantemente, o diz, ou ele se deve chamar: *o Sádico...* Que Deus é sádico, todas as religiões o entenderam muito claramente, desde o início, e por esta razão, todas, sempre, lhe fizeram sacrifícios. A paleontologia, alumando as cavernas pré-históricas, pode constatar a extensão de todo o horror: o sacrifício humano sempre foi o expediente usado para aplacar a ira do Deus, sempre sedento de sangue, e desejoso de torturar suas vítimas. Os homens inteligentes de todos os tempos e de todos os lugares, observando a natureza, descobriram a constante temática que domina todos os movimentos desta sinfonia-mor. Deus, na natureza, compõe, variando quatro temas básicos: de uma parte, em tonalidade maior, força e astúcia; da outra, em tonalidade menor, martírio e morte. Logo, arrancar, por força, uma criancinha tenra dos braços maternos para a sacrificar, deve ser, de fato, estupendo para esse Deus famélico, sempre, insaciavelmente, cruento, formidável!

“Molque adiante vem, monarca fero,
Tinto de humanas vítimas no sangue,
Nunca farto de lágrimas maternas,
Posto que – dos tambores, dos adufes

⁶⁹ Schopenhauer, As Dores do Mundo, 28

C'ô turbulento estrondo, – não se ouvissem
Os gritos das misérrimas crianças
Arrojadas (oh! dor!) às labaredas
Em honra de seu ídolo iracundo!”

Milton, Paraíso Perdido, canto I

– Que gozo inaudito não sentirá, o Todo Poderoso, ao ver a mãe arrancar os próprios cabelos enlouquecida de dor, e o pai rasgar as vestes e escabujar, no chão, tentando achar no peito o próprio coração para o arrancar!... Ó nojo! Ó maldição!... A história da humanidade, desde que o primata superior se equilibrou nas patas traseiras, está cheia de flagelações e martírios, e a própria Cruz de Cristo foi entendida como um holocausto exigido pela Justiça de Deus que precisava vingar-se da desobediência de Adão. Primeiro faz Deus a Adão ignorante e falível; como se isto não bastasse, mete no paraíso a serpente diabólica para o tentar. Caído Adão, vem a sentença baseada na justiça do Leão!... E se Deus não for Leão, é Águia, pela astúcia e rapina! Ou melhor ainda: é Leão alado com cabeça maquinadora de homem. Eis aí está a imagem fiel do Deus verdadeiro – a Esfinge – a dizer a Édipo: “Homem efêmero, viajero obscuro, sombra que passa, pó que anda, e só por isso se cuida ser... Eis que estou sobre ti, e por isso, desespera!”

– Por isso, doutor, a única piedade que conheço é a morte! A idéia da sobrevivência da alma far-me-ia pensar na eternidade da vida e, por conseguinte, na perenidade da dor, bem conforme com o sadismo divino. Mas não. O instinto de conservação é prova iniludível de que a morte é o fim extremo; é ele a última barreira, em que o animal se detém, receoso. Só pode ultrapassá-la o homem que pensa, o que raciocina, e com isto vence o instinto com que o Eterno gozador mantém as suas criaturas vivas, para flagelá-las. Se a morte não fosse o fim, e houvesse outra vida, o instinto de conservação não teria propósito; provo: porque não se precisa preservar do aniquilamento aquilo que é indestrutível. Assim como jamais ninguém pensou em proteger o diamante contra a corrupção, porque ele é incorruptível, de igual modo, se a vida fosse inextinguível, não se precisaria defendê-la com o instinto. Se não houvesse o instinto, pudéramos duvidar que a morte fosse o fim; mas como ele existe, então é certo que a vida é preservada pelo instinto por ser perecível, extinguindo-se com a morte. Se Deus, por conseguinte, pretende conservar viva as suas criaturas, forçando-as a defender-se por meio do instinto, então é certo que, sem este, a morte viria, de imediato, prejudicar-lhe o plano. Então, porque a morte é o fim total, preciso é defender a vida com a barreira do instinto.

– As próprias religiões, doutor, nascem desse anseio de sobreviver, por isso que elas estendem a conservação do indivíduo para além da morte. Com este artifício, solertemente insuflado por Deus, sua possibilidade de gozar a tortura do criado se amplia, porque, no ponto em que a razão enfraquece o instinto e o anula, a asnidade religiosa o reforça, fazendo os homens sofrerem, estoicamente, não só os horrores desta vida, senão também os terrores de se perderem na outra, onde cuidam que a dor se recrudescerá como que elevada de potência. Assim se sofre, não só as dores reais desta vida, como ainda, por antecipação, as imaginárias da outra. Tal o tributo que pagam os religiosos por ter fé e crer. Todavia, nós, homens de ciência, como o senhor e eu, estamos livres deste ônus pesado, e sabemos que, contra o instinto, está a razão que pode vencê-lo de vez. Temos a consciência de que, sendo o instinto o limite, podemos transpô-lo para sempre. Daí o ter dito eu que *o fim supremo da sabedoria é o nada!* Porque a sabedoria se ocupa de vencer os instintos todos, e o mais tenaz deles é o de conservação. Por conseguinte, além do extremo limite do saber está o suicídio, e com ele, a doce entrada no nirvana do não-ser!

– O senhor declarou – continuou Pelório – como mestre que é, inigualável, que os santos e os demônios só podem caber no bestunto dos estúpidos. Portanto, somente os estúpidos crêem na existência deles. Ora, o senhor e eu não cremos em santos e demônios; logo, não somos estúpidos. E se num pólo

colocarmos os religiosos, os estúpidos crendeiros, com suas asneiras, no outro estaremos nós, os inteligentes, com nossa sabedoria. A pedra-de-toque com que se há de avaliar os homens é o saber se crêem, ou não em santos e demônios. Se crêem são estúpidos; se não crêem, sábios. O senhor e eu, por conseguinte, somos sábios; quem o suspeitaria? E possuímos a suma ciência, porque estamos no limite extremo do saber, além do qual é o nada. A quem, como nós, chegou até aqui, só falta o salto final no não-ser. Eu o faço agora, e o senhor, quando as coisas lhe andarem mal. Por isso, doutor, não se esqueça nunca de ter sempre à mão uma boa dose de algum veneno fulminatório, porque nenhuma coisa pode perturbar a placidez e serenidade bovina daquele que sempre traz, consigo, uma ampola de ácido cianídrico para refugiar-se na morte, a qualquer momento, quando alguma fatalidade, como a tortura ou o câncer, o atingir! Então, é só mastigar a ampola... e cair no nada, para todo o sempre! Aí, então, se é eternamente feliz, porque na morte não há dor!...

– Buda, aquele grande comedor de arroz – continuou Pelório, afadigado – criou uma doutrina complicada para entrar no nirvana do não-ser, pela anulação de todos os desejos, através das reencarnações. Ora, todos os desejos nascem do desejo de viver; vencer, portanto, este desejo mor, é cortar à hidra todas as cabeças dum só golpe. Quem é que podendo erradicar de vez a árvore, vai perder tempo em cortar-lhe os galhos? Vem cá, Buda: tanto trabalho e cansaço, para nada?! Eis aqui está quem chega a nada, sem cansaço e trabalhos nenhuns!... Como vê, doutor, sou muito mais budista do que Buda, e mais radical do que Schopenhauer, pois tenho alcançado isto: a vida é referta de dores e tragédias, e só a morte não dói!...

– Espere, Pelório – atalhou o médico: – você vai dormir um sono muito calmo, tranqüilo, sereno, balsimificante, e quando acordar, estará outro, mudado, otimista, desejoso de viver!...

A estas palavras do médico, Pelório se pôs em guarda; e fazendo o gesto da banana, retrucou, de pronto:

– Aqui que o senhor me faz dormir! Conheço, de sobra, essa manha! O senhor me faz dormir com palavras suaves e repetidas, e depois me pergunta, estando eu dormindo, se estou escutando sua voz. E eu respondo que sim, com um aceno de cabeça. Daí, o senhor vai, e me planta uma porção de sugestões, dentre as quais, que eu gosto da vida, que sou um biófilo, que quero sarar, viver, que respirar é a coisa mais gostosa deste mundo, etc... Nada disso comigo! Não durmo... suas arengas me seriam inúteis, visto que me barriquei contra elas! Suas idéias maravilhosas contidas em seus livros me persuadiram, e por isso as aceitei. Não sou homem de sugestão, mas, de persuasão; sou homem de racionalidade, não de fé. Essa sua “conversa” me insulta, visto tomar-me, o senhor, por estúpido crendeiro que pode ser conduzido, de cambulhada, por sugestão. Não foi isto, precisamente, que dissemos dos religiosos que crêem... em santos e demônios, só porque alguma autoridade declarou que eles existem? E como é que o senhor quer agora submeter-me à sua autoridade, fazendo-me aceitar tudo de fé sem discutir, e sem as provas e demonstrações lógicas? Por que devo crer no senhor, e não em Cristo? Acaso não são estúpidos todos os que crêem no senhor, assim como os que crêem em Cristo? Eu me rio de Cristo, e, pela mesma razão, me rio agora do senhor, visto que ambos pretendem guiar-me em rebanho, e de antolhos, ao som plangente e cavo do córneo sofar! Aqui que eu durmo! O senhor vai matar-me: se o não fizer diretamente, como lhe peço, fá-lo-á pelas minhas próprias mãos, não tenha dúvida sobre isso!...

Concluída a narrativa de Árago, interrogou Chilon:

– E o doente suicidou-se mesmo?

– Sim! Enquanto o doutor foi tomar providências, para evitar o suicídio, Pelório atirou-se pela janela do edifício, vindo quebrar o pescoço contra o calçamento...

E concluiu:

– De maneira que o doutor se opõe a Cristo polarmente, visto que este promete a vida eterna, e aquele prega a extinção total. Eu sou a ressurreição e a vida, o que crer em mim, ainda que esteja morto viverá, diz Cristo; e o doutor proclama: o que crê em mim, ainda que esteja vivo morrerá, sendo, depois,

um desses mortos-vivos que andam por aí, da qualidade daqueles dos quais disse Cristo: deixa aos mortos o encargo de enterrar os seus mortos (Mat 8, 22 - Luc 9, 60). Meu reino não é deste mundo, diz Cristo; e o doutor objeta: não há reino fora deste mundo, e quem neste não tem posses, não tem nada e é nada! Vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu, promete Cristo ao moço rico. Guarda o que é teu, ó pacóvio, diz o médico, que mais falem fatos que prosa; só um otário trocaria ouro por quimera! O que estiver sobrecarregado e aflito, diz Cristo, venha a mim, que o aliviarei, com mostrar-lhe o céu. A mim é que venham, convida o médico, todos os aliviados dos pesados fardos que as religiões todas fazem carregar, e os ensinarei a serem gozadores da vida; e os que forem sem vintém e doentes, que venham buscar o desassombro nos meus livros, para poderem atirar-se pela janela dalgum arranha-céu, como muito bem o fez meu seguidor Pelório! O que crer em mim será salvo, anuncia Cristo. E o que tiver por certa minha doutrina, clama o anti-Cristo, estará salvo do céu que não existe, para a matéria cuja realidade ninguém contesta; e se alguém há, místico, tolo, ingênuo, que negue este fato, ao invés de discursos de vento, dê uma boa cabeçada nalguma parede, que mais vale u'a marrada desta do que todos os argumentos e livros do mundo que tentam sobrepor o sonho à realidade! Os que, pois, negam a realidade da matéria, e, conseqüentemente, da parede, que façam esta prova da cabeça! Tudo é possível ao que crê (Marcos 9, 23), sentencia Jesus, com o que concorda o Diabo ao dizer: isso mesmo! Isso mesmo! Eu que o diga!... Bem-aventurado aquele que crê, anuncia o Mestre, do que conclui o médico: acaso pode haver bem-aventurança maior do que a de Pelório, ao qual dei a coragem e a audácia para atirar-se pela janela e quebrar o pescoço? Descansou aquela vítima do Deus brincalhão, pois lhe dei a ela o destemor necessário para desferir sobre si mesma o golpe fatal que viria mais tarde, quando o Gato estivesse farto de atormentar o ratinho!... Bem-aventurados os que morrem, porque descansam no pó, no nada, “per omnia seculo seculorum”! E ai dos que crêem em Cristo, aquele milagreiro, pois sobre suportarem as aflições desta vida, temem perder-se na outra, e este temor basta a tirar todo o gosto de aproveitar as delícias desta! Ai dos que crêem em Cristo, porque não podem dar largas ao animal que somos, e nesta vida só têm aflições, e da outra temores! Bem-aventurados os que crêem em mim, e não, em Cristo, pois garanto que os faço dormir... e esquecer o céu quimérico, para terem os olhos bem abertos sobre as coisas da Terra, podendo ter tudo: riqueza e poder primeiro, e depois, vinho mulheres e canto... e podem cantar todas as mulheres que para isso não precisam ser poetas!... Aquele que crer em mim, se tinha antes fê em Cristo, deixa de tê-la; e como os que já não a tinham, vira gozador da vida... se isto pode, e se o não pode, estoura logo os miolos com uma bala... ou pula no viaduto... ou toma formicida!... Arrependei-vos, ó religiosos de todos os credos! Arrependei-vos de ter conformado vossas vidas com a estreiteza, e rigor, e renúncia do Evangelho! Salvai as aparências e tende um olho na polícia... mas, que diabo! Deixai a besta andar!... Refreá-la é criar o desinteresse pela vida, é criar neuroses e recalques danosos que vos fariam enfermar! Não é natural essa repressão que fazeis dos vossos apetites, dos vossos desejos! Todo o homem, por sua própria natureza, é um polígamo (Schopenhauer), e por isso lhe é impossível contentar-se com uma só mulher, como o exige a estulta sociedade! Ele é macho exatamente como o porco, o cão e o boi, ficando nevrótico se lhe reprimirem os apetites com falsas promessas de salvação! Sois neurastênicos porque viveis mortificando a carne por causa de um sonho vão! As renúncias e penitências que vos impondes, em troca de vãs utopias de salvação, vos têm feito melancólicos, neuróticos, hipocondríacos; por isso, como bem o disse Miguel Couto, apoiado em Hipócrates, “não há doença; há doentes”. É que vossas impulsões instintivas, com serem recalçadas de contínuo, introvertem-se, e por falta de escoadouro, esfrangalham-vos os nervos; disto se originam vossas perturbações neuropatológicas de todos os tipos, com reflexos em todo o cosmo orgânico. Eis aqui está a causa maior das vossas neuroses e hipocondrias, a causa de os homens serem animais doentes, no passo que gozam sempre de boa saúde os animais inferiores, sobretudo os selvagens, por estarem sem a sobrecarga das morais e dos complexos de culpa! Pretendendo buscar o céu ilusório, perdeis de vista a Terra; e contudo, depois desta vida é o nada, pelo que, aproveitá-la bem, seria o vosso melhor negócio! “Conjuro-vos, irmãos, a

permanecerdes fiéis à Terra e a não dardes ouvidos aos que vos falam de esperanças supraterestras”! (Nietzsche, Assim Falava Zaratustra, 396). Alegrai-vos! Se quereis sonhos lindos, eu vos posso dar, e basta crer-me para dormir!... Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos com tantos preceitos religiosos e coisas fúteis da fé, e vos aliviarei! Porfiai por entrar pela porta larga, que estreito é o carreiro e apertado o trilho que vos leva ao curral dos asnos! Vinde a mim, meu fardo sim é que é leve, porque para baixo todos os santos ajudam, com bem o dizeis! Vinde a mim todos, que vos cauterizarei as consciências para poderdes gozar a vida sem pesar nem temor! Erradicarei dela as palavras Deus, Cristo, imortalidade, esperança futura, por que estas coisas, com serem o ópio dos povos (Lenin, Marx), vos tem feito adormentar! Eia! Despertai-vos, ó pascácios! Ó lorpas, acordai!... Ou viver ou morrer! A vida é hedonismo, é gozo na matéria, e, na impossibilidade de tê-lo, atirai-vos, sem demora, dum arranha-céu!... Deus só existe, ó ingênuos, por invenção dos velhacos que precisavam explorar os tolos sem trabalhos e canseiras! Cristo, com ser um milagreiro, foi o maior deles, e os “santos” e os “demônios” não passam de petas! A única realidade verdadeira mesmo, está aqui nesta terra e matéria, em que piso e bato, neste instante, o pé, de onde todas as coisas saíram, e para a qual todas retornam, em eterno e vicioso ciclo, em eterna recorrência nietzscheana! O resto é léria! Só há esta coisa eterna e inexaurível: a matéria; só ela é capaz de tudo criar, inclusive de executar em si e consigo os inacreditáveis autoarranjos atômico-moleculares que são as células nervosas, capazes de produzir, no cérebro dos bobos, os atormentadores pensamentos relativos à existência de Deus! É incrível que até um Sócrates, um Platão, um Kant se tenham ocupado destas questões, visto que elas não passam de uma risível fantasia. Tão humilde é esta deusa matéria debaixo de nossos pés, e ao mesmo tempo tão altiva em nosso fabuloso cérebro sonhador de grandezas e de glórias! Bem andou Aristóteles em chamar ao homem “animal gloriosum” (sermões, 18 - 164), e este seu caráter específico se deve só a umas poucas gramas de massa cerebral que lhe forma parte do córtex! A matéria é a única deusa que tudo cria, e ordena, e eleva até o pináculo da razão e do saber, chegando a ser apoteose num gênio, e depois decai ao seu ponto de repouso, na imobilidade e anulação do nada, de onde se levanta outra vez, por si mesma, no ciclo de um novo ser que irá, também, chorar, e sofrer, e amar, e sonhar utopias, para, por sua vez aquietar-se no pó, no não-ser. Ainda que os mortos sejam múmias e seus túmulos, pirâmides, o tempo os dissipará, porque as areias, que já foram pedras, levadas pelos ventos, erodirão as faces das pirâmides, para que o ciclo se feche, e tudo seja pó!...

E fazendo uma pausa, prossegue o médico discípulo de Osmar Andrade, pela boca de Árago:

– O lamento do poeta, a lágrima do artista, as lucubrações do filósofo, o sorriso da criança, a caridade do santo, o furor condenatório do profeta, tudo é isto: **matéria!**... Em se arranjando ela em cúmulos estelares fica constelações; lá no céu negro, profundo, ela é constelações de sois; cá na escura caixa craniana dum herói ou dum pária, ela é constelação de estrelas celulares. Lá nas alturas se acendeu ela um dia num Sírio celeste, e aqui e agora, num leito funéreo, se apaga no cérebro dum gênio! Aquilo que fora consciência e alma, se evolva como os gases da chama numa vela! “A alma é função do organismo. Uma gota de sangue a mais ou a menos no cérebro faz um homem sofrer como Prometeu no Cáucaso, picado pelo abutre” (Nietzsche). A grande síntese, portanto, a grande verdade, está neste circuito de pó a pó; do pó que fomos aos pó que seremos: ***pulvis fuisti et in pulverem reverteris!***...

E depois de tomar um fôlego, prosseguiu, o médico-discípulo falando pela boca de Árago, tirando outras conseqüências da doutrina de negação e de materialismo de seu mestre:

– É fato o que vos digo, ó asnos! Nada mais existe além da matéria, e o espírito e a consciência são os últimos desenvolvimentos daquela fabulosa premissa: **a matéria**. E, pois, como tudo promana dela, não há livre-arbítrio, e sim só, determinismo. Vede se o provo:

– Sendo a matéria tudo, continua o médico discípulo, todo o ato criativo não passa de um movimento neurofisiológico que se apóia no processo físico-químico das células nervosas, e, conseqüentemente, da matéria de que estas células são feitas. Quer dizer, então, que aquilo a que damos o nome de pensamento e consciência, é um movimento surgido de um movimento anterior, que se originou

de um precedente, e por aqui vamos, até chegar à nebulosa primeva de onde tudo evoluiu. Esta, a origem remota do pensamento. E tudo o que surgiu da matéria, por muito que mude é matéria. Um pouco de iodo, portanto, a menos na tiróide pode fazer de um gênio um cretino; tudo se acha, assim, subordinado à matéria, determinado por ela, como venho demonstrando. Sendo assim, cada enunciado de Sócrates, cada pensamento de Cristo, cada verso de Milton ou Goethe, já se achavam potencialmente gravados naquela remotíssima supergaláxia primordial, que globalizava todo o Universo. Não disse bem: Sócrates, Cristo, Milton e Goethe, são aquela nebulosa modificada, donde vem que foi ela a que compôs filosofia, poema e tragédia num passo da sua evolução. Por idênticas razões, tudo o que escrevi nos meus livros são o resultado de um inexorável determinismo, contra o qual em vão será protestar... Aquilo que era só potência, outrora, tornou-se atualidade, hoje, e aquela nebulosa é a que fala em mim e pela minha pena, e o que digo são revelações do que lá, então, se continha, impresso. Ora, suposto que meus atos são determinados, não sou livre; e se o não sou, não posso ser responsável; e sendo, como sou, irresponsável, não sei o que faço. Enfurecer-se alguém, portanto, contra mim, seria o mesmo que protestar contra a chuva, o vento e o sol. Para os espiritualistas, o imediato corolário da consciência é o livre-arbítrio, e, conseqüentemente, a responsabilidade. Mas a consciência, segundo a doutrina do meu mestre e minha é determinada por fatores remotos de ordem material, fora do meu controle, e quando cuido governar os acontecimentos, nada mais faço do que andar na trajetória que eles me pré-traçaram, como ocorre com uma pedra que corta o espaço, descrevendo uma parábola. Então, o que julgo ser consciência é a resultante de todas as forças que impulsionam, deterministicamente, minha personalidade. Por este motivo não sou livre, nem responsável, nem passível de castigo, ainda mesmo que pratique um crime. Se o praticar, a sociedade me segregará do seu convívio, como faz aos loucos, não para me corrigir, nem para se vingar, mas, somente, para estar guardada das minhas possíveis ações criminosas.

– Por aqui, temos que o bem e o mal, prossegue o médico discípulo, são pré-determinados e relativos, sendo bem tudo aquilo que serve aos interesses duma maioria, e mal, o que atende só aos interesses duma minoria. Mas a minoria pode crescer e tornar-se maioria, e, ao contrário, a maioria, decrescer e tornar-se minoria. Então, aquilo que era bem fica mal, e o que era mal, bem. Cristo e Sócrates foram tidos por maus, e por isso, mortos pela sociedade que se tinha a si por boa. Mudaram-se os tempos, e Cristo e Sócrates fizeram legiões de adeptos que são, hoje, a maioria dos que se tem a si por bons. Se, pois, o bem e o mal dependem desta relação de utilidade para o meio social, no imaginário inferno, o Diabo é bom, e Deus, ruim; e no céu, também imaginário, bom é Deus, e o Demônio, mau. Todavia esta alternância de bem e de mal já se continha, em potência, no seio da nebulosa primordial, e, com o correr dos tempos, se transforma em ato. Bem e mal, por conseguinte, são coisas sem sentido fora das coordenadas históricas de tempo e de lugar. Se Cristo e Sócrates foram tidos por maus num tempo-lugar, e bons, em outro, segue-se, muito naturalmente, que os “gangsters” e os cangaceiros poderão vir a ser considerados bons, bastando que se façam maioria dominante. E como o ciclo que se abriu no caos, a este terá de retornar, pois aí está o berço e o túmulo da matéria, então talvez ainda se façam, de pedras e de bronze, estátuas grandes de Al Capone e Lampião. Talvez se erija um dia um templo a Judas Iscariotes como é aquele Centro Espírita de Franca, e haja quem não queira mais seja ele, pelos séculos a fora, o símbolo da traição! Um dia, Bruto não será o bruto, o matador de César, seu pai adotivo, para ser o protetor da República Romana, contra um provável ditador! Lampião e Al Capone não eram malvados, dirão muitos, mas desajustados sociais; e com tais desculpas, os maus vão sendo menos maus, para serem bons um dia, visto que o ciclo, em se fechando, passa por onde já passou em tempos idos! O precedente já foi aberto: falta agora fazer um herói de Calabar, e de Joaquim Silvério dos Reis, um zelador da ordem! A questão do bem e do mal se resume em vencer e fazer-se maioria, ou ser derrotado, tornando-se minoria; o que vence é bom, porque é forte; o que soçobra é mau, porque é fraco; nisto se resume a história. O bem, logo, reside na força, e o mal, na fraqueza; Trasímaco, Nietzsche e Machiavel tinham razão: ser justo e bom é ser forte. Por isso, um dia, a espiral, que agora é evolutiva, terá de fechar-se; e avançando

pelos tempos a dentro varrerá os setores outrora vividos por Hitler, Bismarck, César Borgia, Calígula, Herodes, Átila, etc., porque, assim como envelhece, caduca e morre a consciência, também envelhece, caduca e morre, primeiro a civilização, depois a vida, e finalmente a matéria! A matéria transforma-se em energia, e esta, condensando-se nalgum ponto ignoto do espaço-tempo, criará outra matéria para um novo ciclo, e assim “per omnia seculo seculorum”... É deste modo que tudo o que acontece agora, já ocorreu antes, e sobrevirá depois, indefinidamente por toda a eternidade!... É assim que tudo o que sucede já se achava escrito nas estrelas, como pensa o árabe, sendo certo, logo, que estava lá, que eu ia escrever meus dois livros que fizeram Pelório converter-se ao materialismo e suicidar-se. Como vêem, ó meus obtusos detratores, de acordo com minha doutrina, não tenho culpa nenhuma do que eu digo ou faço; cumprindo meu fadário, escrevi aquelas obras, constituindo eu mesmo numa prova eloqüente, de que minha doutrina é certa, e que a matéria é tudo... Então, porque minha doutrina é verdadeira, o determinismo é um fato; e porque o é, tenho por sina apoucar o mundo asnático dos religiosos com estas razões implacáveis!...

E pegando o pensador, da estante, os dois livros em que o médico discípulo plagiara Osmard Andrade, prosseguiu com o discurso mefistofélico do médico. No tempo em que falava, ia mostrando os pontos nos livros, grifados, em vermelho:

– Eu já vos disse que só um asno pode acreditar na existência de “santos” e “demônios”, e também, que foi o vazio interior dos ignorantes primitivos, que os forçou a criar Deus! Deus, portanto, ó parvos é pura invencionice humana, não passando da própria sombra do homem, a qual todavia, passou a guiar-lhe os passos! Esta sombra multiplicou-se em legiões de duendes, fazendo acovardar-se o homem, diante de que? Ó ironia! Ó sarcasmo! Acovardar-se diante da “grandeza da sua ridícula fantasia”. Esta quimera mais que fantasiosa é Deus, e, por mais absurdo que pareça, possui “incrível grandeza”, e tanta, que só um cérebro de gênio podia engendrará-la. Contudo, sendo eu mais que gênio, eu, o discípulo de Andrade, abarco-a, por inteiro, e a denuncio, não só como fantasia, senão também como ridícula, pelo que me rio dela com gargalhadas cósmicas, pois tais hão de ser as minhas, visto que as estrondeio contra Deus!... Contra os sete milhões e tantos de duendes agressores, o Deus-fantasia criou outros tantos defensores, e eis aí está como surgiram os santos! E os ministros e os pastores? Que vos direi deles? Digo-vos que Voltaire tinha razão: “o primeiro padre surgiu quando o primeiro velhaco encontrou o primeiro tolo”! Estes velhacos foram os que, “no meio de tantos cegos, conseguiram salvar um olho”! E o maior de todos é Cristo, ao qual não foi difícil hipnotizar as massas levando-as ao auge de alucinação. Trocando-se uma coroa de espinhos por outra de louros, fez-se um herói de um milagreiro. E quando a turba alucinada “viu” em fenômeno de delírio e auto hipnose coletiva seu mártir materializar-se, o herói santifica-se “per omnia seculo seculorum”! Ó estultícia humana! Ó cegueira! Bem disse Schiller o que escreveu meu mestre Osmard Andrade, escreveu este: “contra a estupidez humana até os deuses lutam em vão. Não é, pois, de admirar que o homem não consiga libertar-se cedo, ele próprio, dos deuses que criou e que agora o subjagam impiedosamente!” Epa! ... Que absurdo disse agora eu? Se citando meu mestre, afirmei, com Schiller, que “os deuses lutam em vão contra a estupidez humana”, como pude declarar, logo a seguir, na mesma frase, que estes deuses “subjagam o homem impiedosamente”? Se o subjagam, como então o querem libertar?!... É que... ai de mim!, como Nietzsche, estou chegando ao cabo extremo da razão, para abismar-se, como ele, no caos da loucura e do pó! Quão profundo era o meu seguidor Pelório que disse que *o fim supremo da sabedoria é o nada!* Ó fatalismo! Ó desgraça! Minha inteligência começa já a falhar, pelo que me convém ficar quieto para sempre, e fazer, por aqui, meu ponto final, retornando à cinza e nada de que sou feito: *Memento homo, quia pulvis fuisti, et in pulverem reverteris!*...

Depois de um suspiro profundo, comentou o sábio de Cananéia:

– Esta é a consequência moral das pregações do médico discípulo do Dr. Osmar Andrade Faria! Esta, a moralidade que aquele médico tirou dos livros osmardianos. Este, o estranho evangelho desse outro Zaratustra hedonita, que ainda surgiu sobe a Terra!... Este é o evangelho do médico discípulo, visto

que ele, não só dá excelência à matéria e nega o espírito, como ainda zomba de Cristo e dos que crêem neste, chamando-os a todos de estúpidos, visto acreditarem todos em santos e demônios. Uma vez que este médico discípulo de Osmard, se colocou na oposição de Cristo, ao lado da matéria, as conseqüências inevitáveis se tiraram por si mesmas, não precisando o médico discípulo de criar nada, porque os pensamentos se lhe arranjavam na mente segundo as leis da lógica, e as palavras lhe saíam fluentes da boca, com espontaneidade e força. Um cérebro eletrônico faria o mesmo se pudesse operar com dados filosóficos, em vez de matemáticos. Assim como os dados de um problema impõem seu resultado, também duma premissa se tiram as conseqüências inexoráveis. Mas deixemos este médico-discípulo de lado, meus caros, e continuemos com seu mestre Andrade. O pensamento filosófico, não difere do matemático; ele é como um desenvolvimento matemático em que, ao invés de símbolos e fórmulas, se usa palavras e conceitos. Dizer $2 \times 2 = 4$ é um truísmo, uma tautologia, porque 4 é um modo diferente apenas de dizer 2×2 , ou $2 + 2$, ou $3 + 1$, ou $6 - 2$, etc. Assim com a filosofia, onde tudo o que se disser é variação e repetição do que se contém na premissa posta por base do sistema. Trata-se, como vêem, de processo científico, e não da “indução fisiológica”, como lhe chama Bertrand Russell, para explicar a base dos reflexos condicionados. Se cada vez que um homem ouve um forte ruído, recebe, pouco após, um forte jacto de luz nos olhos, as pupilas se contraem por efeito da luz; mas, dentro de algum tempo, depois de algumas repetições, o ruído sozinho, sem a luz, fará as pupilas se contraírem. Os olhos aprenderam a reagir a esses estímulos associados, respondendo depois ao som, como se fora, este, luz. Esta é a forma pré-lógica, acientífica, do raciocínio primitivo do animal e do homem, chamado **“qui pro quo”**, que quer dizer: uma coisa por outra, isto é, depois disto, logo, por causa disto. O ruído antecipou a luz; logo, o ruído é indício seguro de que vem luz. O ruído é a causa, e a luz, efeito, para o olho que, por isso, reage de igual modo a ambos. Por que houve um cometa no céu antes da morte de César, por isso concluiu-se que outro cometa aparecido no tempo de Vespasiano, prognosticava-lhe a morte. Outras coincidências destas fizeram dos cometas coisas temidas, até há bem pouco tempo, por serem indícios certos de grandes desgraças. Esta lógica de acontecimentos e estímulos associados, que serviu de base aos raciocínios dos antigos, é a mesma pela qual se instalam os reflexos condicionados.

Pondo-se em pé, para desentorpecer as pernas, continuou o mestre:

– O trabalho da ciência não é tirar conclusões filosóficas, mas fornecer material (as leis) para que o filósofo as tire. A cadeia ascendente pode ser assim enunciada: os estímulos produzem sensação; as sensações se organizam em percepção; as percepções se organizam em conhecimento e ciência; as ciências se organizam em filosofia. As várias ciências, agrupando os fatos, procura induzir-lhes as leis as quais “são a matéria bruta da filosofia”, para usar a expressão de Bertrand Russell. Não é curial, portanto, que um pesquisador científico tire conclusões filosóficas de tão alta monta, partindo da observação, e ainda imperfeita, de um fato isolado. O fenômeno hipnótico vem sempre associado ao fenômeno espírita, porque o primeiro, como já o notara Kardec, serve de base ao segundo; por causa disto as alucinações hipnóticas guardam paralelismo com todas as mediunidades. Isto, de fato, dificulta o trabalho de pesquisa, mas não autoriza reduzir-se uma coisa à outra, como fez o médico. Dizer, igualmente, que 90% dos loucos internados nas casas de saúde mental passaram pelos centros espíritas e terreiros de umbanda é outro “qui pro quo”, nada recomendável a um pesquisador da verdade. Ainda bem que só “passaram”, e não, que são oriundos de lá. E se os centros e terreiros não enlouquecem os freqüentadores mais assíduos, por que haveria de enlouquecer os que por eles só “passaram”? E acaso também não “passaram” pelas demais igrejas, e ainda, o que é pior, pelos consultórios de médicos materialistas, incompetentes e exploradores, cujas opiniões são um arrematados caos? Ou me vai dizer o doutor que as opiniões desconcertantes dessas tidas por autoridades, não desorientam e enlouquecem aos que lhes assimilam as sugestões? Mas o doutor raciocina assim, com sua lógica primária dos reflexos: a passagem por centros espíritas antecipou a loucura; logo, a loucura proveio de ter passado pelos centros espíritas. Se este modo

de raciocinar fosse correto, sê-lo-ia também para este outro caso semelhante: um cometa antecedeu à morte de César; portando, a morte de César se deveu à influência funesta de um cometa. Ou este outro: o toque duma campainha, seguido de alimento, produz salivação num cão. Depois de várias repetições, só o toque da campainha, sem alimento, produz salivação: logo, o toque é alimento. E é? Para a "inferência fisiológica", sim, é, porque toma uma coisa por outra; porém, esta lógica é científica ou matemática, que serve às lidas ao cientista e ao filósofo?

– Mas eu sou um pensador, meus caros – continuou o mestre – e por isso meus raciocínios não que ser tautológicos, isto é, não de ser sempre os abarcados pela premissa; eles poderão ser variados e ditos de formas diferentes, como acontece na matemática, mas não poderão dizer outra coisa da contida na premissa. Por esta razão, o que eu disse do doutor fica assentado e sem controvérsia nem réplica, porque é apenas o desenvolvimento lógico e irrefragável da premissa materialista. E mais: o Dr. Osmard ou qualquer outra pessoa, sempre que me diz uma coisa, não me diz uma, senão muitas, por causa da **lei de correlação** descoberta por Cuvier que aplico à filosofia. Cuvier descobriu que quando um animal apresenta um caráter, de carnívoro, por exemplo, terá todos os outros caracteres também. Por esta causa, quando um de seus discípulos o quis assustar, fantasiando-se de diabo, e o despertou no meio do seu sono, à noite, o mestre não se perturbou.

– Eu sou o demônio, diz o discípulo; vim devorá-lo...

– Impossível, foi a resposta: você possui cornos e cascos... logo, é herbívoro!...

– Uma vista de olhos, prossegue o filósofo, de um biologista cosmonauta basta para sumariar toda a história biológica de qualquer planeta em que venha pousar sua nave espacial; porque, quando uma coisa for dum jeito, correlativamente as outras também o serão. É que a lei de correlação é lei da lógica, lei da coerência, lei da constância do enunciado em todas as partes do monumento que ele representa; é lei da harmonia das partes em relação ao todo, lei da ordem, lei da funcionalidade. Não é só na natureza que existe a correlação das partes para a unidade do todo: há isto também nu'a máquina mecânica, numa obra de arte, num sistema filosófico de idéias. Nunca, ninguém, por isso, consegue declarar só o que diz, senão que também afirma o que não diz, porque, em dizendo uma coisa, afirma tudo o que for a esta correlato. Diante desta verdade dissuasória, tudo o que hei afirmado da doutrina osmardiana está certo, porque correlato com seus enunciados basilares. Então, quando o doutor fez a primeira declaração, estes meus arrazoados se impuseram, inexoráveis, se bem que de modo implícito, por lei da correlação. E se ele me quiser contestar em prosa ou verso, terá de realizar o milagre inaudito de alicerçar as virtudes todas morais, graças às quais a sociedade existe, em alguma outra base que não o do Evangelho, visto que tudo deste se funda na existência de Deus, na sobrevivência das almas e na existência de prêmios e castigos póstumos. Por isso, saiba o doutor, e todos quantos com ele deliram, que construir um mundo bom sobre a premissa materialista, é tão absurdo quanto demonstrar a existência de um cão com escamas e cascos, ou uma ave de pelos e chifres.

Depois de perpassar os olhos pelos presentes, continuou o pensador:

– A Verdade é única, meus caros, e se fragmenta em verdades menores; e assim como as conseqüências duma premissa não podem estar contra ela, igualmente, nenhuma verdade menor poderá estar em oposição à maior da qual decorre. Ora, se alguma suposta verdade conduz ao absurdo, não será verdade, mas erro, visto não poder enquadrar-se na verdade unitária e total. Por esta causa, eu não tive necessidade de contrariar o doutor; meu método, pelo contrário, consistiu em dar-lhe corda, e tanta, até que ele mesmo se enleasse e caísse. As obras dele, no que foge à sua especialidade, são um caos. É que ele, não sendo filósofo, quis realizar o impossível de partir duma premissa, e construir coisa diferente do que ela impõe. Também o doutor caiu neste engano: cuidou que de ovos de cobra podia fazer chocar colibris; supôs que podia erigir coisa boa e de bem sobre a máxima de que “morreu acabou”. Resultado: sua pretendida bondade ficou só em retórica, e o zelo que aparentou não passa de pura ciumada de ovelheiro que teme de que seu rebanho lanzudo e gordo vá parar noutros apriscos! E se não for isto, a

ciumada vem de que ele desejaria ser deus sozinho, e muito a contragosto concorda em que os da sua classe também o sejam, e só a estes consente que possam, como ele, gozar o orgasmo do poder, a luxúria mental, quase erótica, que resulta da posse sua sobre suas vítimas. É verdade o que diz Karl Weissmann: “ninguém jamais se manifestou contra o hipnotismo próprio, senão unicamente contra o dos outros (...) É que hipnotismo é sugestão, e sugestão, prestígio. O prestígio, por sua vez, motivo de ciúme. Exige exclusividade”⁷⁰. Por isso, para o doutor, dever-se-iam fechar todas as igrejas e centros espíritas, por exercício ilegal da medicina; água benta, água fluida, homeopatia, passes magnéticos, gestos, preces, sugestões, tudo é hipnotismo e não pode ser aplicado senão por médico que estudou a anatomia do cérebro humano, embora absolutamente nada saiba sobre a sua neurofisiologia, no que concerne à gênese da fé. O doutor escreveu bem como médico e mal como filósofo, porque sua aventura científica implicou numa transposição indébita do plano empiriológico ou experimental da medicina, para o da metafísica, dando razão a Sócrates que diz: os artesãos, porque conhecem bem os seus ofícios, cuidam que tudo sabem. Textualmente: “Parece-me que também os bons artífices tinham o mesmo defeito dos poetas: pelo fato de executarem bem a própria arte, cada um pretendia ser sapientíssimo nas coisas de maior importância, e esse erro obscurecia o seu saber”⁷¹. Substituir todos os pastores, e padres, e presidentes de centros espíritas pelos médicos, eis aí com que sonha em vão o doutor; este seu pensamento utópico sim, que é uma “ridícula fantasia”..., e não, aquela de crer que tem de haver um Deus que tudo cria e ordena!

– Todavia – objetou Chilon – o doutor Andrade poderá dizer que essas conclusões não se contêm na sua premissa, de modo que todo esse arrazoado não passa de sofisma.

– Eu gostaria que o doutor me desse a honra de sair a campo para declarar que não disse, nem de modo implícito, aquelas conclusões que tirei da sua premissa. Voltaria eu, então, à carga, para exigir-lhe, em nome dos que têm cabeça de pensar, que explique por que devo ser humilde, tolerante, pacioso e perdoador de ofensas? Por que, ser honesto, caridoso e verdadeiro? Por que devo ter espírito de sacrifício e de renúncia, sendo altruísta, em vez de egoísta? Por que não devo afrouxar as rédeas à besta, “parte vil do meu ser”, que “sempre vem contrastar do espírito os arrojos.”? (Goethe). Por que devo manter-me nos limites da monogamia, como o impõe a lei, e o exige a sociedade? Por que fazer isto, se a monogamia é contra a natureza do homem, visto ser ele um macho como os demais machos que não se contentam só com uma fêmea? Acaso não é verdade que a mulher produz apenas um óvulo por mês? E não são duzentos e vinte e cinco milhões o número de espermatozóides duma só função do órgão masculino? Que nos querará dizer, com isto, a sábia natureza, senão que, num casal humano normal, há sempre muito homem para muito pouca mulher? E porque sobra homem e falta mulher, por isso, a fêmea é muito mais valiosa e prezada do que o macho, podendo este ser desperdiçado, enquanto aquela é protegida e resguardada com carinho. Por esta causa, como o notara Schopenhauer, a natureza cerca a mulher de defesas, pelo que ela é mais resistente já na infância, já na velhice, donde vem que há mais viúvas do que viúvos! O desperdício do elemento masculino, na natureza, já do pólen, já dos espermatozóides, já de seus portadores é fato científico inegável, porque a natureza sabe bastar um só macho para muitas fêmeas. Por causa disto o macho é feito para o trabalho perigoso, para o desgaste irreparável, para a luta de morte, para a guerra, e deve ser posto de lado ou sacrificado, tão logo fique fraco ou velho. A fêmea fica tanto mais valiosa e importante do que o macho, quando consideramos que todos os homens do mundo, menos um, poderiam ser mortos, e esse único, por meio da inseminação artificial, numa semana, poderia fornecer sêmen às mulheres da Terra, visto que seus gametas se contam por duzentos e vinte e cinco milhões em cada função normal do seu órgão viril. Já se fossem mortas todas as mulheres, menos uma, o mundo cairia na barbárie em dez anos, e depois de oitenta, restaria no globo somente uma família. Assim, porque sobra homem e falta mulher, a fêmea é muito mais importante para a vida do que o macho. Esta importância da mulher e quase nulidade do homem, vai levar o mundo ao matriarcado como é nos

⁷⁰ Karl Weissmann, O Hipnotismo, 3

⁷¹ Platão, Apologia de Sócrates, 23 – Atena Editora

Estados Unidos. Sem guerras, o domínio do homem terá chegado ao seu fim. Observando a natureza à qual pertence o homem, chegamos a esta conclusão:

a) A poliandria é anti-natural, visto ser impossível à mulher conceber de mais de um homem por ano.

b) O homem é, por sua natureza, polígamo, como todos os demais machos que podem fecundar muitas fêmeas.

c) É natural a seleção dos machos pela luta individual e pela guerra.

d) A paz, por conseguinte, se torna um absurdo, visto como a natureza previu a guerra criando meio a meio homens e mulheres. Neste sentido, Hitler foi um benfeitor da humanidade por descarregar as tensões genesíacas que assoberbam todos os homens. Precisaria, logo, houvesse mais e mais guerras, para restabelecer o áureo equilíbrio de mil mulheres para cada homem, como o entendia e executou em sua vida Salomão, o rei lascivo, “ilustre em tudo o mais, só nisto falho”⁷². Por que praticar, então, a monogamia, se morreu acabou? Sem recompensa nenhuma para quem viveu bem ou mal? Para que sofrer a tortura da carne, contrariando a natureza, se a matéria é tudo, e Deus não passa de pura criação da fantasia humana? Por que ser monogâmico de fato, se isto, além de tudo, é muito mais difícil de ser executado do que a renúncia total – a castidade? Os apedrejadores da mulher adúltera foram-se, porque todos eram adúlteros também, sem nenhuma exceção! Porque se as glândulas sexuais são impedidas, decididamente, de funcionar, o sêmen se compacta e endurece na vesícula, fazendo fique calmo o homem. Porém, em trabalhando, elas querem o funcionamento normal, e o virtuoso terá de impor-se, então, um regime de temperança impossível, no entender de Schopenhauer. Acrescente-se que nos ônibus, nos bondes, nos salões e saraus estão à mostra as pernas belas e os colos perfumados e claros para o fim exclusivo de uma provocação constante. Como se foram vitrinas e cartazes de propaganda, cada linda expõe e oferece seus dotes como sendo os melhores. E tudo isto dá nos nervos dos que se impõe a castidade ou a temperança monogâmica, fazendo-o sofrer tragédias e tormentos interiores, iguais aos de Santo Antônio. E diga-me, agora, o doutor: tudo isto faz bem à saúde do homem? E, pois, se não faz bem, e faz mal, por que devo então ser recatado, temperante monogâmico de fato, em vez de só de aparência, como quase todos? Mas a monogamia não é exigência da lei e da sociedade cristã? E não é contra a natureza? De onde, logo, a sociedade e a lei foram desencavar isso tudo, senão do Evangelho de Cristo, e não propriamente de Cristo, mas de Paulo, que aquele fazia parábola de fundo poligâmico, como é o caso das virgens loucas e das prudentes? (Mat 25, 1 a 13). E como pode o doutor estar com Paulo, pela monogamia e castidade, em oposição ao naturalismo e conseqüente materialidade que defende? Prove-me o doutor, então, que a monogamia, mais sacrificial que a inteira castidade, é corolário natural da sua doutrina, e prometo dar-lhe a mão à palmatória! Mas se mo não puder provar, terá de concordar que meus arrazoados são conseqüências naturais da sua doutrina, e não, sofismas. E do mesmo modo como examinei o problema da monogamia, posso estudar as outras coisas da moral cristã, e o farei, por miúdo, se preciso, para demonstrar que elas não acham base na natureza exterior, nem na do homem, nem nas obras do médico.

E depois duma pausa, para um fôlego, prosseguiu o filósofo:

– Ou o doutor é um filósofo, e, neste caso, deveria expor sua doutrina por inteiro, até suas últimas conseqüências, ou não é coisa nenhuma, sendo pura petulância sua fazer transposições indébitas do plano experimental para o metafísico. Por isso, uns homens como Sócrates, Platão, Espinosa, Kant, etc., que passaram a vida meditando sobre a essência das coisas e lutando pela descoberta da verdade, não serão, assim, sem mais aquela, destronados por um médico que se cuidou águia, só porque sentiu possuir asas de galo. Se, pois, quebra ele, agora, o peito no chão duro do terreiro, é porque pretendeu vôos altos, em vez de conformar-se com arrastar asas às suas galinhas!... Padecendo do vício de tirar conclusões

⁷² Milton, Paraíso Perdido, canto I

apressadas de fatos isolados, refere-se duas vezes, como já o vimos atrás que 90% dos loucos dos nosocômios passaram pelos terreiros de umbanda e centros espíritas, como se este recurso não fosse um de todos os tentados pelos parentes do enfermo, antes da internação inevitável nas casas de saúde mental. Não é que eu queira defender e apoiar as práticas esdrúxulas da umbanda e quimbanda, nem as do espiritismo kardecista mal orientado que grassa por aí; estes são males, de fato, que a sociedade sempre suportou, ao lado de outros ainda piores que se recrudescem em nossos dias, quais sejam, por exemplo, os do mercantilismo da medicina materialista e amoral, à qual (só desta falo, e não, da proba), dever-se-ia interditar o uso da hipnose por meio da imunização de todos os crentes. Visto que esta interdição não acha amparo na lei, podemos nós fazê-la, por meio da “vacina” anti-médica e anti-odontológica. Nenhuma revolução existiu na História que não tivesse nascido na cabeça dos filósofos. Eia! Pois, companheiros! Armemo-nos da palavra, e persuadamos as massas com nossos argumentos, levando a luz aonde os médicos querem escurecer com seus fumos; evitemos que os mercadores da medicina armem seus balcões nas praças para esfolar as gentes!...

Fez o pensador uma pausa prolongada para se descansar; e como desse mostras de ir continuar, Chilon deixou para mais tarde o que tinha a dizer. Acalmada que foi a tempestade de idéias que varriam o espírito do pensador, prosseguiu ele, ao tempo em que vagueava o olhar pelos objetos distantes, sem os enxergar:

– A crença na imortalidade da alma só não existe para os animais, porque eles, eles sim, são inconscientes e estúpidos. Todavia o homem, porque sabe tirar conclusões, acaba crendo, e esta crença lhe é tão necessária, que se ficasse provado, sem sombra de dúvida, por alguma ciência absolutamente infalível, que tudo acaba no pó da sepultura, nesse mesmo ponto o mundo se derrocara no caos, porque, então, Cristo seria substituído por Nietzsche no centro da História, ficando cumprida a profecia deste que anunciava que depois de si, o tempo se contaria por Antes de Nietzsche e Depois de Nietzsche. E um mundo segundo os esquemas de Trasímaco, Machiavel e Nietzsche não subsiste, por estar dividido contra si mesmo. A força não convence, e, sozinha, não unifica, senão, por pouco tempo. Por isso Ciro oferecia sacrifícios aos deuses dos povos que ia submeter pelas armas; Alexandre declarou-se a si mesmo um deus, e com esta mística, aliada às armas, abateu e avassalou as nações; os Césares fizeram de Roma a senhora do mundo, mas isto, vejam bem, com respeitar todos os credos e cultos dos povos conquistados. O cristianismo foi perseguido em Roma, não por ser uma religião a mais entre tantas, mas por pregar a igualdade entre escravos e senhores; e porque não ficou só nisto: a comunidade, por meio de coletas, organizava o resgate dos escravos fazendo-os livres. Com isto ficaram ameaçados os fundamentos econômicos do Império, ocasionando a reação feita por perseguições, martírios e cruzes. Porém, os cristãos desejosos de se livrarem desta vida, indo-se para a outra, deixavam-se matar com alegria, em vez de contra-reagir. O exemplo pegou, e os senhores, deste modo, enfraquecidos por baixo, não mais puderam conter a pressão sempre crescente dos bárbaros contra as fronteiras do Império. E caiu aquele colosso, vencido por uma idéia, fulminado por alguma coisa imponderável nascida do espírito de Cristo, e não da matéria!...

E acentuando ainda mais a combatividade normalmente expressa em seu rosto, exclamou o mestre:

– Acaso pode um escravo (como agora é o operário pobre, e o miserável trabalhador da terra) viver sem uma fé? Sem uma esperança? Querem ver o socialismo vencer hoje? Fundem-no no Evangelho ao invés de no materialismo de Marx e Lenin! O Evangelho dá chance a essa construção social. Imposto sobre renda progressivo não só limita o capital, como força a assistência social feita por particulares. Se hei de dar de comer aos parasitas do governo que me é ausente ou distante, então é dar amparo maior a meus operários cheios de filhos por educar, e também aos pobres dos asilos!... Além disto, que se organizem corporações como era na Idade Média, e deixem os Institutos de Previdência de ser meros cabides de emprego! A par desta ação política está Cristo mandando ao rico vender tudo o que possui a

fim de dá-lo aos pobres, para ter um tesouro no céu; quer dizer: trocar, progressivamente, os valores temporais pelos eternos. E se os donos da vida, de cima, não quiserem concordar com isto, os operários fermentados forçarão de baixo, porque, se não de passar fome trabalhando, é passa-la, então, em ócio! Greves, sabotagens, terrorismos, guerrilhas são o resultado destas pressões que farão a velha ordem em pedaços, se ela resistir, persistindo em não mudar, exatamente como aconteceu ao Império Romano, premido pelo ideal evangélico de igualdade entre os homens. E se num mundo cristão há tais pressões anti-evangélicas, forçando de baixo, que sucederia se nosso mundo fosse nietzscheano? Todo indivíduo superior, num mundo nietzscheano se decretaria: *a vitória ou a morte!*... E como é impossível a todos vencer, isto é, ficar de cima, então, a morte! Ora, quem se decreta que há de morrer, vende caro a própria vida, porque se me hei de acabar pelas minhas mãos, pensa ele, antes faço estragos com elas ao inimigo, forçando-o a que me destrua..., se o puder. Entre morrer e matar-se, é preferível a guerra ao suicídio; veja lá o doutor, se um tal mundo convulsionado desde as bases pode subsistir? Então a religião se torna necessária, ainda que tudo não passe de quimera. “Se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo”, já o dizia Voltaire, por ter chegado, em sua velhice, a esta verdade substancial, através de suas lucubrações de pensador! Mas o doutor não passa de técnico, que nem filosofastro chega ser, visto que se entusiasmou com sua pequenina verdade, cuidando fosse ela tudo. Não se contentando com nos dar ciência, e da boa, quis também dar-nos filosofia! Não lhe bastando explicar como a coisa se dá, quis dizer-nos, também, o que ela é, e o porque, e aí caiu, e dessa queda não se levantará, porque o chão aí é escorregadio, mais liso que sabão. Nesse terreno não se anda a pé rasteiro...; asas são precisas para sobrevoar o lugar!... Viciado no uso do microscópio cuidou que os nada são tudo, e saiu-se a gritar: heureka!... heureka!... Mas, achou o que? Que o espírito é produto da matéria, ora essa! E que “tudo o que da matéria se gera, nada poderá deixar de ser senão matéria”. Esta é a grande premissa assentada pelo doutor? – exclamou Árago Pandagis, alterando a vós e acendendo os olhos!

– Sim é – disse Chilon.

– Então que se havenha agora ele com as conseqüências que lhe tiro, impossíveis de serem verdadeiras. Os corolários desta premissa levam-nos ao caos, como venho demonstrando, e o caos é um dos sinônimos de absurdo, visto um e outro ser a negação da Lei, da Ordem, da Harmonia, da Beleza, do Bem, da Verdade, do Espírito de Deus, enfim. Absurdo e loucura são o caos mental, e a este ponto chegamos por desenvolver a premissa maior do médico. Ora, se a natureza segue uma lógica e obedece a uma Lei, como pode ser o caos e o absurdo a coroa desse esforço ingente em que labuta o criado e mais o Criador? Se há lógica nos meios, como não o haver no fim? Acaso não é só o fim que justifica os meios? E um fim absurdo justifica meios lógicos? E como podem meios lógicos conduzir a um fim absurdo? E, pois, se as conseqüências nos conduzem ao absurdo, que é o caos, como pode ser verdadeira a premissa sobre que tudo se assenta? É absurda também!... Logo, se os corolários finais são absurdos, é que a premissa maior é falsa, visto estar correta a cadeia de raciocínios. Se tal premissa é falsa, os arrazoados do médico, sim, é que são sofismas, valendo a verdade oposta que ele pretendeu refutar: então há Deus, e há imortalidade!...

– Viram? Meus caros – continuou o mestre – que em filosofia, como em matemática, se pode chegar a uma verdade pela redução ao absurdo? Eis aqui está o método *ab absurdo* lógico-matemático que consiste em demonstrar a verdade duma proposição, não diretamente, mas pelo considerar sua contraditória cujo desenvolvimento dá em absurdo. Minha proposição, não manifesta, é que há Deus e há imortalidade, e a contraditória, que nega a imortalidade e Deus, forneceu-ma o doutor. Aprendam este poderoso e dissuasivo método de raciocinar, vocês que, como eu, são pensadores: quando lhes apresentarem uma premissa, tomem sua recíproca e toquem por diante até suas últimas conseqüências, as quais, ou dão na Ordem e na Lei, ou dão no caos e no absurdo. E quando tudo deu no caos, como em nosso caso, a verdade está na premissa oposta àquela que se desenvolveu. Nada, por conseguinte, melhor para demonstrar as verdades do espiritualismo do que desenvolver as proposições do materialismo;

porque o materialismo nos conduz ao caos e ao absurdo, por isso, vale a recíproca, e a verdade está no espiritualismo que nos leva à Ordem, à Lei, à Deus. É assim que o doutor, sem o querer, nos forneceu os elementos para provar aquilo mesmo que ele pretendia negar; porque se não houvesse espírito (Princípio, Lei das coisas) não haveria nem mesmo a matéria, pois ela é arranjada e constituída segundo Leis que lhe preexistem ao nascimento e lhe sobrevivem à morte, e é axiomático que essas Leis não foram criadas nunca, nem poderão deixar de existir jamais. Esta é a natureza íntima das coisas que são produtos das leis que as formam. Não fugindo à regra, o espírito humano é uma unidade complexa feita desses espíritos menores que estão imanentes nas coisas, inclusive na matéria inorgânica. Sendo a mesma matéria produto dessas leis que a governam e plasmam, o organismo é um produto do espírito que o elabora e o conserva, e não vice-versa. Dizer que não pode haver pensamento sem cérebro é um truísmo igual a este outro: não pode haver marceneiro sem ferramentas. Por isso as ferramentas fazem o marceneiro? Sim, fazem, sem elas ele não se tornaria tal. E que é, então, que faz as ferramentas? É o marceneiro. Como é isto? Se o marceneiro é o produto das ferramentas, como é o produtor delas? Acaso ele é o produtor daquilo de que se torna, depois, o produto? Assim é. O marceneiro faz suas ferramentas para fazer-se a si mesmo, para realizar-se. Assim com o espírito; nas suas origens evolutivas ele cria seu corpo gelatinoso, seu instrumento, e por ele age no meio e sofre as reações deste. Este labor o torna mais apto a melhorar seu instrumento (corpo) que, por sua vez, age sobre o agente, aperfeiçoando-o. Por isso, do mesmo modo como o primeiro trabalho do homem é fabricar as ferramentas do seu labor, através das quais se torna marceneiro, o primeiro labor do espírito é formar seu corpo através do qual se torna evoluído. E nunca o espírito aparece como lei ou princípio vazio, isto é, sem seu veículo de manifestação. Daqui vem que mesmo desencarnado, o espírito possui cérebro, sim, senhores, e de matéria, considerada esta como qualquer tridimensional. E assim como as ondas hertzianas de comprimentos diferentes não se misturam, nem se interatuam, embora ocupem o mesmo lugar no espaço, também (*hic jacet lepus*) **matérias de raios de curvatura diferentes não se interferem**. Por isso há tantos espaços (matérias) ocupando o mesmo lugar, quantos são os possíveis raios de curvatura deles. A matéria cujo espaço tem raio de curvatura mínima é a pasta nuclear; e a cujo espaço tem raio máximo, é a que dá corpo e forma a um Serafim. Um dia, querendo Deus, estudaremos por miúdo este assunto. Agora nos cumpre não fugir ao tema que nos impusemos desenvolver.

– Dizer, portanto, que o espírito é um produto das funções orgânicas, prossegue o sábio, é fazê-lo a ele subordinado, e não, diretor; neste caso, que é que criou as funções que o determinam? Os órgãos? E que é que criou os órgãos? Acaso o princípio ou lei das alavancas também é um produto delas? Que é que existiu desde toda a eternidade, tal como o próprio Criador: foi o monjolo a socar milho no pilão, ou foi o princípio ou lei sobre que ele se fundamenta?

E limpando, o mestre, o suor da testa, com a manga da camisa, prosseguiu:

– O mundo e as coisas do mundo, nós compreendemos que hão de ser dúplice: de um lado temos que tudo deve consistir de uma realidade fora de nós, objetiva; de outro temos a representação subjetiva e ideal dessa realidade exterior. Nós somente conhecemos ambas: a subjetiva ideal e interior e também a objetiva real e exterior. Agindo uma sobre a outra, nossos conhecimentos se vão ampliando e um dia chegaremos a entendê-la por inteiro. Por isso nossos conceitos se mudam, sendo a ciência, não mera coleção de conhecimentos, mas um esforço constante para formar conceitos mais próximos à realidade objetiva; deste modo os conceitos evoluem, e cada vez mais nos acercamos da realidade subjacente nas coisas. Quando nossa concepção subjetiva ou imagem que fazemos das coisas, coincidir com a realidade objetiva subjacente nelas, então teremos alcançado a verdade. Este, o nosso caminho, que foi sempre o perlustrado pelos filósofos. Há também o caminho dos místicos que é o da adivinhação; mas esse poremos de lado. Cristo disse ter vindo dar testemunho da verdade; mas silenciou quando Pilatos lhe perguntou o que era a verdade. Ou ele não a sabia, ou não a podia explicar a Pilatos. A nós nos interessa sabermos para nosso gozo interior, ainda que, como Cristo, não possamos explicar por causa da pobreza

conceptual de nossos interpeladores. Será sempre impossível fazer a um asno entender a luz que ele enxerga muito bem, e só por isso cuida saber o que ela seja. É assim que toda gente pensa saber o que seja a matéria; e se lhes perguntarmos o que ela é, cada um nos falará somente *a respeito do que pensa da matéria*. A matéria é um problema insolúvel para um filósofo, e contudo, o mais ignorante dos homens cuida conhecê-la. Aquilo que ele pensa seja conhecimento, mais não é do que a sua opinião, isto é, a idéia que faz da matéria. A diferença entre um sábio e um ignorante está só nisto: nos conceitos que um e outro fazem do mundo. Um Sócrates chegou a compreender que nada sabia, e por isso foi tido por sábio. No ignorante há a certeza fanática, mística, de que seus conceitos são exatos, axiomáticos, e a isto, o ignorante chama de bom-senso. Já o sábio duvida de si e reconhece que seus conceitos são apenas um caminho para a verdade que ignora, e não a verdade mesma. A atitude do sábio é a da dúvida expectante; a do místico, a da certeza indiscutível. Mas nós, que somos filósofos, deixemos os místicos de lado, cada um a vozear sua verdade absoluta e única; para nós o caminho da verdade consiste na formação e evolução de conceitos. Quando nossos conceitos, que hão de ser profundos, coincidirem com a Realidade, seremos senhores da Verdade. Todavia, em qualquer tempo, a realidade do mundo e das coisas, para nós, será o reflexo dela em nosso espírito. Por isso é assunto pacífico entre os filósofos que não se pode conhecer a matéria de modo direto, no que ela é, objetivamente, e sim, só por meio do espírito que a observa e a concebe de modo subjetivo. O mundo é a física, e nossos conceitos, metafísica. Daí Kant afirmar que o mundo, para nós, é o que pensamos ser, e não, a “coisa em si”, independente de nós. Só conhecemos o mundo refletido em nosso espírito, como a paisagem num lago, e não a realidade mesma, objetiva, subjacente nas coisas. “O mundo é a minha idéia”, diz Schopenhauer. O mundo é a idéia que fazemos dele, e não ele, no que é, em si mesmo. Impossível, afirmam, entender a “coisa em si”, mas, somente, o que ela é para nós. Isto mesmo é o que pretendia dizer Descartes com seu enunciado: “Penso, logo, existo”. Existo, porque penso. Meu existir está subordinado a meu pensar. Primeiro está meu pensamento, e depois, minha existência. Não pudesse eu pensar, e não existiria. Sou a idéia que faço de mim. E assim como eu, todas as coisas são as idéias que faço delas. Se eu não pensasse, elas não existiriam para mim. Elas só existem, para mim, na medida em que as cogito ou penso. Elas hão de ser muito mais do quanto pode a minha concepção; para mim, porém, elas não são mais do que pode meu entendimento. Um gênio entende muito, e um idiota, pouco; mas nem um Sócrates poderá esgotar a realidade jacente nas coisas. Por isso, o mundo é a minha idéia (Schopenhauer); e penso, logo, o mundo e eu existimos (Descartes). Substituindo mundo e eu pelo seu equivalente matéria, temos: a matéria é a minha idéia (Schopenhauer); e penso, logo, a matéria existe (Descartes).

– Todavia o doutor Osmard pensa o contrário disto, e começa, modestamente, assim: “O homem pensa e por isso descobre que existe (cogito, ergo sum) mas se percebe que pensa falta-lhe descobrir porque pensa”⁷³. E acrescenta tímido: “Aos neurofisiologistas, aos filósofos, aos tratadistas, enfim, cabe a responsabilidade de esmiuçar o problema. Não a nós que nos carecem os elementos de base para tal. A nós, cabe apenas a verificação na prática daquilo que a teoria ainda não explica dentro dos cânones tradicionais da patologia humana”⁷⁴. Um ano após, cobrando ânimo, afirma: “A concepção filosófica primitiva de que o homem existia porque pensava (*cogito, ergo sum*), poderá ser hoje considerada ao contrário, ou seja, o homem não apenas descobre que existe por pensar, mas pensa, justamente por existir”⁷⁵. E assim o doutor vai sorratamente insinuando-se entre os filósofos com sua premissa: o homem existe, logo pensa. E diz: “parece óbvio que não pode haver pensamento sem matéria cerebral e

⁷³ Osmard Andrade Faria, *Hipnose Médica*, 37

⁷⁴ Osmard Andrade Faria, *Hipnose Médica*, 39

⁷⁵ Osmard Andrade Faria, *Hipnose e Letargia*, 148

assim, o primeiro seria uma consequência, uma resultante, uma elaboração da segunda”⁷⁶. E, ousado, agora, sentencia: “tudo aquilo que a matéria gera, nada poderia ser senão matéria”⁷⁷.

– Vale a pena agora botar na mesma canga com Descartes o doutor, a fim de ver como puxam: primeiro Descartes: Penso, logo existo. Existo, porque penso. Se não pensasse não existiria. Só tem existência aquilo que pensa. A matéria não pensa, logo não existe para si. Eu sei que ela existe porque penso, mas ela, como não pensa, não sabe que existe. Até aqui Descartes. Agora o médico: A matéria não pensa, contudo, existe. E mesmo sem pensar, se arranja, segundo um plano inteligente que não existe, porque inteligência é pensamento, e este ainda se acha na matéria; portanto ela se arranja por acaso. E por acaso vai inteligentemente mas sem inteligência, complicando seus arranjos. Até que surge por acaso inteligente (!) a célula viva, que ainda não pensa que existe, mas sabe resolver seus problemas inteligentemente por acaso. Estas células se associam em colônias, e, dentro destas, se diferenciam para a execução de funções específicas. Fazem a divisão do trabalho por acaso, visto que não pensam nem sabem existir. Um grupo começa a assumir a liderança sem saber por que, nem como, e por um feliz acaso se formam as células nervosas, as quais se reúnem em gânglios espalhados. Um destes gânglios resolve, sem mais aquela, liderar sobre os demais tornando-se no cérebro. O que era antes irritabilidade, depois reflexos, depois instinto, aos poucos vai tornando-se reflexão e pensamento. Então surge Descartes que cuida que pensa porque existe, quando, na verdade, pensa porque a matéria existe. Não existisse ela, e ele não pensaria. A matéria existe, logo penso (Osmard); penso, logo a matéria existe (Descartes).

Fazendo o mestre uma pausa reticenciosa, em que maneava a cabeça e sorria com escárnio, continuou:

– Este feliz acaso é o mesmo que as “circunstâncias fortuitas” de Demócrito, segundo as quais tudo se fez, levando a Jacques Maritain a usar desta figura: o Partenão grego ter-se-ia construído sozinho, para o que “foi suficiente jogar pedras uma sobre as outras, durante um número indefinido de anos”; ou então, para se fazerem as tragédias de Racine, bastou “agitar confusamente, durante muito tempo, caracteres de imprensa”⁷⁸. Arão também usou deste recurso para desculpar-se pela feitura do bezerro de ouro; disse ele a Moisés que tendo pedido ouro ao povo para jogá-lo ao fogo..., eis que “saiu este bezerro” (Ex 32, 24)!... Desenvolvendo a matéria-pensamento osmardiana, temos: a minha idéia é matéria; a matéria existe, por conseguinte, penso! A matéria existe, por isso, ela pensa! Aquilo que cuido seja eu, é ela! Ela cogita em mim, e eu, por ela; de modo que quando eu cogito da matéria, ela é que está cogitando de si. Ela é a que, lucubrando, busca conhecer-se a si mesma, e, para isto, muda os seus conceitos. Quando ela chegar, por este modo, ao pleno conhecimento de si, terá chegado à sua plenitude de realização, alcançando a inteira sabedoria. O esforço em descobrir a verdade, que cuido seja meu, é dela; ando na trajetória dos acontecimentos que ela me determina, como um autômato; e como um cérebro elétrico, dou respostas certas ou erradas conforme sejam meus condicionamentos genéticos e reflexivos. La Mettrie tinha razão: não passo du’a máquina... e ainda pior: u’a máquina que a si mesma se fez, por acaso!...

– Isto, meus caros – concluiu o sábio – é puro Descartes, Schopenhauer, Kant, Espinosa e Platão pelo avesso. Ora, como pode a matéria, que só é concebida pelo espírito, e que não tem consciência de si mesma, ser a causadora do espírito? Pode o espírito compreender àquela que o construiu, e ela, ignorá-lo? A matéria produziu o espírito? E o ignora? E é entendida por ele?! Pode a coisa (o espírito) produzida ser mais sábia que sua produtora (a matéria)?! Pode então a estátua ser mais sábia do que seu escultor? Pode o efeito, que é o espírito, subordinar a causa, que é a matéria, fazendo-a trabalhar para os seus fins? Efeito que subordina a causa e a determina, não é efeito, é causa. Logo, efeito é a matéria, e causa, o espírito. É absurdo afirmar que a matéria criou o espírito, porque só este é consciente de si e dela, e ela, não! Por

⁷⁶ Osmard Andrade Faria, *Hipnose e Letargia*, 234

⁷⁷ Osmard Andrade Faria, *Hipnose e Letargia*, 234

⁷⁸ *Introdução Geral à Filosofia*, 39 – Agir Editora

isso, a matéria, porque causada pelo espírito, jamais poderá entendê-lo, subordiná-lo. Acontecer isto seria como se um homem houvesse criado um autômato mais inteligente do que si, de sorte que viesse o homem a ficar escravo, e o autômato, senhor!... É inaudito que o criado possa superar seu criador!... Se a máquina conseguisse dominar seu inventor, deste modo, os homens, daí por diante, se tornariam desnecessários, senão até prejudiciais para a ordem dos “robots”, donde vinha que seria preciso transformar os homens, por meio da eugenia, em operários broncos, estúpidos, tão “robots”, quanto as máquinas, como pretendia La Mettrie, que achava que os homens, assim como os animais, são máquinas.

– Se isto acontecesse – continua o facundo pensador – surgiria um estado industrializado, cujo governo humano era controlado pelo cérebro elétrico de Golem, sendo este, na verdade, o que governava, e não, o fantoche humano de carne e osso. Tendo em vista apurar a raça humana para serventia dos “robots”, as fecundações se fariam, artificialmente, sob o comando da raça que estiver dominando o planeta, com sêmen selecionado, objetivando obter homens broncos, grosseiros e corpulentos, mas, obedientes. Os perturbadores da ordem de Golem seriam mortos, se humanos, e destruídos, se “robots”. E assim como se produzem, hoje, pela aplicação da colquicina, morangos, galinhas e coelhos gigantes, também se poderia criar homens com células de 96 cromossomos, em vez de 48. A colquicina ou cólquico é substância extraída do Narciso do Outono (*colchicum autumnales*), e tem a propriedade de fazer paralisar-se os cromossomos no interior das células reprodutivas, no momento da duplicação para formar os gametos. Disto resulta que as células (espermatozóides e óvulos) ficam com patrimônio genético aumentado, resultando daí um ser gigante. Pela aplicação da colquicina, Haggquist, na Suécia, pôde produzir coelhos e porcos gigantes. E Golem aplicando o processo, formaria exércitos obedientes de monstros gorilóides, comandados por “robots” de suas fortalezas móveis e assolaria toda a Terra, unificando-a, pela força, sob a hegemonia da nação chefiada por ele, Golem. Isto é o que sucederia aos humanos. Quanto às máquinas propriamente ditas, elas se fabricariam a si mesmas, nas oficinas mecânicas, visto serem mais sábias do que seus inventores; e aperfeiçoando-se cada vez mais, criariam cérebros eletrônicos incrivelmente mais complexos do que os atuais, e por isso capazes de raciocinar sozinhos e de fazerem generalizações, coordenações e de tirar conclusões abstratas. Estes super-rationais matemáticos e filósofos eletro-mecânicos iriam, em viagens espaciais, estudar e conhecer outros planetas, para expandirem seu domínio. Poder-se-ia, então, ouvir, nas oficinas, a conversa, feita por modulações, destes monstros de ferro, e cobre, e fios, e transistores, caçoando dos gorilas humanos, como fazem os blasfemadores em relação a Deus, e finda a piada, gargalhariam todos, por meio de zumbidos, chispas e clarões!...

– Assim teria de suceder – prosseguiu o filósofo – porque, se a matéria pudesse superar o espírito-criador, e senhoreá-lo, e dominá-lo, e transformá-lo para seu uso, fazendo-o trabalhar para os seus objetivos, também, pela mesma lógica, seria perfeitamente possível a Golem suplantarmos o homem, e o Diabo sobrepujar a Deus. Este foi o mais que alto pensamento de Lúcifer. Embora filho de Deus, cuidou que o podia superar, fazendo-o trabalhar para os seus fins. É claro que a luta eterna entre estas irreconciliáveis oposições, não interessaria nem mesmo a Satanás. Urgiria, pois, realizar a paz, mas que fosse a paz do Diabo, resultante da sua vitória incondicional e para sempre. Deus, então, seria Satanás, e tudo estaria muito certo pelo avesso. Este avesso é o certo e o direito para o doutor, e é por isso que ele diz, primeiro: a matéria criou o espírito, isto é, o homem; segundo: o homem criou Deus. Logo, foi a matéria que criou Deus. Eis aí como a matéria se faz autônoma, absolutamente senhora do espírito que a criou, imitando o Diabo a pretender o lugar de Deus. Se tal fosse possível, o homem criaria a máquina, Golem, e este, ato contínuo, dominaria o homem, abastardando-o para impossibilitar-lhe a rebelião. Isto é o que sucederia ao espírito, se a matéria pudesse dominá-lo, porque, neste caso, a matéria ter-se-ia a si por criadora do espírito, como pretende o doutor. Seguindo a mesma lógica, Golem dar-se-ia a si por criador do homem, assim como o homem foi o criador de Deus, segundo o doutor. Com estes elementos podemos formar o esquema da “Utopia” osmardiana; ei-la:

– A matéria é o único deus verdadeiro, e não aquelas imaginações do homem primitivo forjadas pelo medo. Este deus-matéria criou o espírito, e conseqüentemente, o homem. O homem criou a máquina, o materialismo, o estado super industrializado, com cérebros eletrônicos, “robots”, etc., que é o reino diabólico de Golem. Este Golem, criado pelos homens (“homines technici”) pode transformar os próprios homens em bestas mecânicas ou reflexas, que são os operários acorrentados às máquinas de ganhar dinheiro dos capitalistas..., e às mesmas máquinas... de produção (?) dos comunistas. Guiados pelos supercérebros elétricos de Golem, os fantoches humanos aplicarão a eugenia e a mutação para criar uma raça obediente de gigantes microcéfalos, a fim de serem usados nas guerras de conquista, semelhantes àquelas bestas com a quais Napoleão formou seu “grande exército”, e Hitler, suas hostes guerreiras que lhe eram estupidamente fiéis! Há “robots” em todas as nações; mas aquela em que ele for mais bem dotado, essa vencerá a última guerra terrestre, unificando o mundo sob sua hegemonia. Urge, pois, pensar todas as nações, aperfeiçoar Golem infinitamente... E é então que este Golem superdesenvolvido, tomando consciência de si mesmo, acaba de operar o banimento da inteligência humana do seu serviço, e seguindo a história dirá, parodiando Robespierre ao fazer guilhotinar Lavoisier: o mundo não precisa de sábios! São eles prejudiciais à ordem dos “robots” por enxergarem muito longe; convém, pois, cortar-lhes logo as cabeças... Depois disto vêm as conquistas espaciais, as guerras interplanetárias, e o reino de Golem se alastra por todo o universo!...

E pondo-se em atitude meditativa, fazendo lembrar “O Pensador” de Rodin, concluiu o mestre:

– Será esta a “Utopia” que o doutor gostaria de escrever, se o pudesse? De acordo com seu pensar tudo isto pode suceder, e tanto que, para ele, a matéria foi a que forjou o espírito! Isto mesmo é o que diria Golem ao ver-se senhor do universo. Eu fiz o homem, diria ele, primeiro pela eugenia, e depois pela mutação. E como foi o homem que criou Deus, segue-se que eu criei Deus. E se por acaso houver ainda alhures algum Deus, eu irei sobre ele, e o transformarei em animal do meu serviço, como já o fiz com o homem. Cegá-lo-ei, se tanto for preciso, como fez Dalila a Sansão; e tomando exemplo neste, porei a Deus a girar o grande Moinho Cósmico, não mais, como agora é, para os seus fins, mas para os meus!... Porventura esta vitória do materialismo sobre o espírito não é a “Utopia” sonhada pelo doutor, Chilon?

– Inegavelmente é!

– Logo, é ele o Diabo?

– Não digo que o seja, mas esta lógica reversa que ele segue, ou para cujo seguimento ele dá a premissa, é a do Diabo, disso não tenho dúvida, pois é o Demo que se quis por no lugar do próprio Criador... segundo todas as lendas!

– Mas o homem não é a sua idéia? Ele não se identifica por aquilo que pensa?

– Sim!

– E aquele que pensa como o Demônio, o que é então?

– Tem que ser Satã, não tenho por onde fugir! Não queria dizê-lo, mas o senhor mo forçou!

– Forcei-o, não! A dialética e a lógica que desenvolvemos, partindo da premissa osmardiana, nos trouxe aqui. Esta conclusão é necessária àquela premissa; foi o médico, por conseguinte, quem se colocou no lugar do Tinhoso, raciocinando como o faria Golem, ou seja, Lúcifer!...

Depois de uma pausa longa, aproveitada pelos presentes para trocarem idéias entre si, fez-se ouvir, de novo, a voz do pensador, pondo fim ao tumulto:

– Conquanto eu tire estas conclusões, não quero mal ao doutor, e antes o respeito e prezo muito, por causa de me haver sido ele grandemente útil. Ainda mesmo no setor que ataco, suas obras são um bem, em vez de mal...

– Agora perdi o rumo! – exclamou Orsoni – jamais pensei pudesse ouvir isso da sua boca!...

– Vejam, então, todos, por onde entro e saio – tornou o sábio: – o pensamento humano, meus caros, desenvolve-se pelo princípio de contradição; se não houvesse a noite não se poderia saber o que

fosse o dia. E assim como andamos pelas pernas, que são duas e opostas, também nosso pensamento caminha por meio de conceitos contraditórios que se apóiam, sucessivamente, um no outro. Qualquer conceito que seja um absoluto, do qual não podemos achar a contraditória, não pode encontrar figuração em nosso espírito. Por este motivo não podemos conceber, em sua realidade mais profunda, o que seja espaço, tempo, Ser, porque não podemos imaginar em que venha consistir o não-espaço, o não-tempo, o não-Ser. E do mesmo modo que os conceitos, também os juízos se formam pelo processo de contradição, donde vem que, num juízo, não só pensamos os prós, senão também os contras. Ora, eu, em aplicando o método *ab absurdum*, apenas fiz trabalhar, em plano mais alto, o princípio de contradição, exigido para a formação dos conceitos e dos juízos. Deste modo, todo o sistema de idéias, sem exceção, tem sua contraditória, que é o anti-sistema. E só podemos entender bem um, quando entendemos o outro. Logo, como eu dizia, as obras do Dr. Osmard redundam em benefício geral; não fossem elas servirem de ponto de apoio para esta aplicação de força na esfera do pensamento, este monumento de idéias não se ergueria. Viram como é preciso um repto, para que possa haver a réplica? Hegel tem razão: tudo progride pelo princípio da tese, antítese e síntese, consistindo nesta trilogia que domina toda sua obra, o que ele chama movimento dialético. Eu estava a retecer minha rede no terreiro do barraco da foz do rio Mandira, quando me surgiu aí o Chilon, tirando-me da imobilidade contemplativa com um repto. Os resultados foram estes serões, e a criação desta escola de pensadores. Assim também Adão, segundo a lenda bíblica, estava tranqüilo num jardim paradisíaco, até que foi reptado pela serpente luciferina, e da réplica resultante saiu o mundo em que vivemos. Fausto e Jó, um sábio e outro justo, ambos foram reptados pelo Demo que fez aposta com Deus que os faria perder a ambos. Por isso, como refere Fritz Kahn, tanto o “Fausto” de Goethe como o “Livro de Jó” têm seus prólogos nos céus. E a um Satanás fez pobre, e outro, rico, para que o mundo conhecesse como reage o sábio, com a riqueza e a mocidade, e o justo, com a miséria e a doença... Tais reptos, tais réplicas; com estas duas pernas tudo caminha no Universo!

– Tal o movimento dialético hegeliano – prosseguiu o sábio. – é ele o que submete todas as coisas aos reptos que são a tese, para que elas repliquem com a antítese, modificando-se. Eis como se criam unidades oponentes que são reunidas em unidades maiores ou síntese. Aquele Princípio ou Lei de que atrás falei, é este mesmo de Hegel; ele é o que constrói e preserva as coisas, diferenciando-as até à oposição, para as reunir, depois, em unidades cada vez maiores, complexas e altas, em vez de dissipá-las. Se a tendência fosse a dissipação, a própria matéria se desintegraria, unidade por unidade, até que restasse livre a sua substância última, indivisível, por ter chegado ao extremo limite do não-ser. Mas tudo, ao contrário, nesta fase do Universo, tende a combinar-se, partindo daquele extremo limite, a reunir-se e a complicar-se, até a criação desse mais que estupendo complexo, que é o homem, capaz de desvendar os mistérios com a ciência, de construir e aprofundar sistemas com a especulação filosófica, e de imaginar como seria Deus fora das limitações dum cérebro de gênio!... Se, pois, a tendência universal é a da construção cada vez mais complexa e alta, como há de tornar-se em nada essa fabulosa edificação que é a consciência humana, na qual trabalharam todas as idades e eras pelas quais se conta o tempo? Acaso todo o esforço da natureza não se convergiu a criar essa obra prima? E tudo para nada? Quem é que não enxerga, intuitivamente, que estas conseqüências bradam por conclusões contrárias, telefinalistas? Schopenhauer disse: “Como podemos explicar o espírito com a matéria se conhecemos a matéria unicamente por meio do espírito?”

– A idéia que temos do mundo, como já ficou dito, – prosseguiu o mestre – é aquela que nos veio, primariamente, através dos sentidos. E os sentidos nos dão somente uma visão de superfície, e não a “coisa em si”, ou Realidade profunda subjacente nas coisas. Então as coisas não são como as supomos. Nossa suposição é tão ilusória, como as figuras vivas e móveis que nos mostra o cinematógrafo. Daqui vem que a filosofia se volta para a Realidade que subjaz nas coisas como suporte, para aquilo que está escondido debaixo delas como sustentáculo, que é a Idéia matriz, ou leis, ou constantes descobertas pelas ciências. Esta Idéia ou Lei, então, é a única coisa imutável, porque, no meio da variação contínua, nunca

muda; eterna, porque não foi criada nem poderá deixar de existir; e ideal, porque subjaz como fundamento ou alicerce. Eis por que a Idéia (princípio ou leis governadores do mundo) torna possível a realidade do mundo material, que, segundo Platão, é ilusório. Então a Idéia (Pensamento de Deus) das coisas precede as coisas, como matriz ou forma delas, como o queria Platão, e não o contrário, isto é, as coisas antecederem a Idéia delas, como pretendia o malabarista Aristóteles.

E depois de um raciocínio silencioso, falou o dialeta.

– É verdade que primeiro as coisas existem, para depois nós as pensarmos; logo, as coisas existem antes de nossa idéia a respeito delas. Mas, para que as coisas existissem preciso foi que Algo as pensasse, e esse Algo é a Lei ou Deus. É impossível que um cérebro eletrônico incrivelmente capaz de maravilhas, se fizesse a si mesmo, por acaso. Alguém o pensou e executou. E nada pode ser mais maravilhoso que o cérebro humano que fez o eletrônico. E se o cérebro eletrônico não se poderia fazer a si mesmo, por acaso, é crível que o humano se criasse por acaso? Então existe Algo que pensou e executou o Universo, e dentro dele, o homem com seu fabuloso cérebro criador de maravilhas; esse Algo é a Realidade platônica feita de puro pensamento. O mundo é o reflexo dessa Realidade; os homens comuns (não filósofos) enxergam só esse reflexo da Realidade que é o mundo material, e tomam o ilusório por real. O filósofo, porém, procura a Realidade, a Lei, através da ilusão fósmea universal. Toda a briga dos platônicos contra os aristotélicos é um mal-entendido. Platão diz que sem a Idéia matriz do mundo, não se poderia ter criado o mundo. Esta Idéia ou Realidade é Deus. Os aristotélicos, falando em sentido humano, afirmam que sem o mundo e as coisas deste, não se poderia formar a idéia em nossa mente. No nível cósmico, a Idéia precede o mundo; no nível humano, o mundo precede a idéia. Nossa idéia do mundo é o mundo refletido em nós. Mas o mundo é reflexo da Mente cósmica, da Idéia divina que o plasmou, sendo esta a Realidade de Platão. E a nossa idéia é o reflexo do mundo em nossa mente. O mundo é o reflexo da Idéia, e nossa idéia, o reflexo do mundo; logo, nossa idéia é o reflexo do reflexo. Nossa idéia, por conseguinte, só será realidade, quando penetrarmos no âmago das coisas, para que nosso pensamento seja o reflexo direto da Idéia, e não, como agora é, que refletimos o mundo periférico, calidoscópico, ilusório. Conseqüentemente, substituir a visão do mundo pela visão da Lei, da Idéia, é no que consiste o labor do metafísico ou filósofo. Ver o mundo é física; enxergar a Idéia através do mundo é metafísica. E como a Idéia é Realidade, e o mundo, ilusão, por isso “a metafísica é mais real que a física” (H. Rohden). Ora, a metafísica é pensamento, é espírito, e o mundo sensível, matéria; portanto, o pensamento, o espírito, é mais real que a matéria. Sendo o pensamento mais real que a matéria, não pode ser gerado desta, porque só a Realidade pode criar a ilusão, que é o reflexo, e nunca a ilusão de espelho, que é mero reflexo, criar a Realidade.

E depois de uma pausa, em que o filósofo se pôs a fitar as luzes distantes pela janela, continuou:

– Os princípios e as leis são o resultado das generalizações das ciências, e estas generalizações são o material, o objeto, o ponto de partida dos filósofos, para alcançar generalizações e sínteses ainda maiores. Conseqüentemente, a filosofia é sempre, sem exceção, pura metafísica. Ela é a metafísica mais geral que a das ciências, porque se apóia nas leis e princípios das ciências, que são, já, de si, metafísica. Por este caminho, quanto mais fugirmos da matéria que é periferia e casca, tanto mais nos acercaremos da Realidade subjacente nas coisas, que é o Espírito, ou seja, a Idéia de Platão, a Essência de Aristóteles, a Substância de Espinosa

E assumindo um ar autoritário, de quem exige, concluiu o pensador:

– Depois de tudo o quanto ficou dito, o doutor, visto ter-se metido neste campo, fica moralmente obrigado a explicar ao mundo pensante, muito direitinho, duas coisas: a primeira é como foi possível surgir no meio do Caos a sua negação que é a Lei e a Ordem onipotentes, criadoras e reguladoras de tudo? Segunda: a que fica reduzida a lógica, a coerência, dessa Ordem e Lei onipotentes, se depois de tudo haverem feito desfazem de novo, para tornarem a fazer, e assim por toda e eternidade, como Sísifo a rolar sua pedra morro acima, para vê-la despenhar-se outra vez? Porque, se para a consciência humana o

começo e o fim for o pó da terra, também para toda a matéria o começo e o fim será o Caos primeiro, de onde a ciência hodierna sabe ter surgido o Universo, o Cosmo!

E abrindo o mestre a obra “Hipnose e Letargia” na página 2, arrazoou:

– O doutor escreveu aqui o dito chinês que diz: **“aquele que não sabe e sabe que não sabe é um sábio; aquele outro que não sabe e não sabe que não sabe é um tolo”**. E aquele que sabe que sabe, o que é então? Em qual destas três posições colocar-se-ia o doutor? Um homem que sabe que não sabe, não faz afirmações, como fazê-las, se sabe que não sabe? Para afirmar é preciso que saiba que sabe. Ora, o doutor fez afirmações; logo, ele sabe que sabe. E se quem sabe que não sabe é um sábio, que será, então, o que sabe que sabe? Se ele não soubesse, e tivesse consciência da sua ignorância, então é certo que seria um sábio, e isto se evidenciaria por um grande comedimento em fazer afirmações; em hipótese alguma declararia estúpidos a quantos pensam diferente de si. Para fazer afirmações tão peremptórias e dogmáticas, é necessário que saiba que sabe. E se é sábio quem sabe que não sabe, que será, então, o que sabe que sabe, como o doutor? Louco há de ser, por certo, o que assim se cuida mais que sábio, e é por isso que se arrisca a ir fossar nas sepulturas para demonstrar que nada mais existe dos finados, exceto as cinzas! Quem tal se propõe, se obriga a esclarecer como é o início e o fim daquelas cinzas, pois é certo que a mesma matéria teve o seu berço e terá o seu túmulo. E, pois, visto que o doutor provou ser mais que sábio, por saber que sabe; visto que é acrólogo e teleólogo, que explique a coisa, assim, **ab ovo et ad finem**, e depois, como é que este início e fim se atam um ao outro para formar a roda do eterno circular da Substância pré e pós-material! A Lei e a Ordem foram tão sábias e onipotentes a ponto de disciplinarem o mesmo Caos, segundo o fim inteligente que nos mostra a natureza. E quem tal pode fazer, agindo sobre o Caos, como poderá permitir, depois, que a mesma Ordem seja Caos de novo, e a Lei, absurdo e loucura? Como aceitar que a Lei e Ordem que nos vem criando a nós desde o Caos, e nos hão trazido até onde nos achamos hoje, pelos passos cruciais da evolução, através de idades e eras sem conta, permitindo-nos, enfim, especular sobre estas questões altíssimas, como aceitar que elas cessem de ser Lei e Ordem, rojando-nos, por isso, de novo, no bojo do Caos? Como pode, assim, dementar a Ordem e delirar a Lei? Façamos entender estes quesitos, o doutor, e lhe prometemos seguir o exemplo do seu discípulo Flâmio Pelório!...

E como, em falando Árago se tivesse exaltado, a ponto de concluir cada pensamento com um murro sobre a mesa, levantou a voz Benedito Bruco, dizendo-lhe:

– Mas, prezado Árago, o senhor não acha que está sendo demasiado rigoroso para com o Dr. Osmar Andrade?

– Não tenho nada contra o homem, meu nego, já o disse, e sim, contra suas idéias. Ele, em publicando livros, passou a representar um universal, um coletivo, uma idéia posta a correr mundo. O doutor, como homem, pode ser que seja bom, honesto, prestativo, caridoso; admito que o seja, visto ele ser o produto da educação recebida de seus pais, desde o berço, nos moldes cristãos. Concedo esta glória aos pais dele. É assim que uma coisa é o homem, a sua conduta; outra, a sua idéia. É por esta razão que Nietzsche não era nietzscheano, nem Epicuro, epicureu. Cada um é determinado pela educação que o plasmou no tempo e no espaço, podendo vir a ter idéias contrárias à sua conduta. Por isso, meu nego, não tenho nada contra o homem, e sim, contra a filosofia que se infere da sua premissa materialista, e, portando, anticristã. É certo que esta doutrina do nada após a morte, sem resultados nenhuns para quem viver bem ou mal, se posta em prática, pode modelar uns monstros, no futuro, da qualidade de um Lumbaio, ou de um Pelório, ou de um Giges. Por isto é que tirei as conseqüências naturais, fazendo falar o doutor do modo como não ousaria ele fazê-lo, por causa da sua formação. Todavia, uma vez que ele admitiu por verdadeira a premissa, obrigatórias se lhe tornaram, agora, as conseqüências. As falas, por conseguinte, que lhe atribuo, são as que ele mesmo proferiria, não fosse, como já disse, a inibição educativa, de molde cristão, e, quem sabe, a coerção social de resultados sócio econômicos. Como vêem, vocês, nada tenho contra o homem, em si, que merece todo o respeito e acatamento no tocante à sua

pessoa e à sua especialidade científica; porém, é meu dever ferretá-lo pelo lado das idéias com esta osmárdica, porque ele, em se exorbitando da sua esfera, apresentou enunciados, os quais, se fossem mesmo verdadeiros, até eu estaria perdido como Flamínio Pelório, tendo de fazer o que ele fez, visto que também não gosto do mundo. Para eu viver bem e frutuosamente, preciso possuir a mesma convicção de Sócrates, e estar preparado para dizer, como ele, na hora derradeira, aos que me hão de levar à sepultura: é somente a meu corpo, não a mim, que ides enterrar!⁷⁹.

Tendo assim falado o mestre, com voz suave e pausada, interveio Chilon:

– Eu estava vai não vai para usar a palavra, quando, aí, o Benedito Bruco levantou a voz, fazendo-me esperar. Mas eu estava para dizer isto: o Dr. Osmard poderia devolver-lhe aquelas proposições que o senhor lhe fez há pouco, pontilhando-as com murros sobre a mesa. Ele poderia sair-se muito bem, tomando por este caminho: o caos, ou teve começo, ou não teve; se não teve, é eterno como o próprio Deus, confundindo-se com este, donde vem que o mesmo Deus é caótico. Se teve começo, antes dele imperava a Lei, a Ordem, a Harmonia, a Beleza, que tudo é Deus. Ora, se havia Lei e Ordem antes, e houve caos, depois, segue-se que a Lei e a Ordem se inverteram no caos. E se não houve vigilância da Lei no começo, e tanto que a mesma Ordem se desfez no caos, que muito é, como agora, que o processo se inverta, e o caos retorne à Ordem pela Evolução? E se a Lei e a Ordem são tão soberanas, como o senhor afirmou, a ponto de disciplinarem o mesmo caos, conduzindo-o a um fim inteligente como o prova a natureza, como foram ser tão frouxas antes, a ponto de tolerar que tudo se invertesse e caísse no caos? Se a Ordem se torna no caos, e agora o caos se torna Ordem, quem poderá garantir que esta Ordem revertida do caos, não se vá recair de novo, formando o eterno ciclo nietzscheano caos → ordem → caos → ordem → etc? Acaso este circuito fechado de Nietzsche não constitui a premissa maior de toda a doutrina que o Dr. Osmard Andrade defende?

– Está certo Chilon – tornou o sábio – esse é o trabalho de Sísifo, a eterna recorrência de Nietzsche. Sísifo rola sua pedra morro acima, para vê-la despenhar-se; então Deus é Sísifo... e o Universo, a pedra. Mesmo assim, Sísifo é o que move a pedra, e não que a pedra se move a si mesma, como quer o materialismo. E sendo Sísifo Deus-Espírito, e o Universo, a pedra, Deus move o Universo, e o espírito, a matéria. Para o raciocínio do médico estar coerente, era preciso que a matéria gerasse o espírito, que o Universo criasse Deus, e que a pedra movesse a Sísifo. Como vêm, neste caso o Universo carece de finalidade, porém, não, de Deus. Meu espiritualismo continua de pé, conquanto eu fique obrigado a dar significação à Obra de Deus. O problema, pois, se resumiria só nisto, e não em provar a existência de Deus-Espírito criador e mantenedor do Universo-Matéria. O labor de Sísifo pode não ter finalidade; contudo é ação que implica na existência de sujeito e de objeto...

Depois de meditar um pouco continuou o filósofo.

– E se admitirmos a teoria do grande mestre Teógoras, que diz ser o caos mero estado de crisálida, através do qual um Universo se transforma noutro, então, a Ordem que estava presente no começo, estará, também, no fim. A mesma Ordem está presente no começo e no fim? Logo está também no meio do caos, sob a forma imanente de Lei de transformação, visto que não podemos chamar de caos a uma demolição feita para reconstruir em bases mais profundas e sólidas. Se o Universo estiver, assim, sofrendo um processo de metamorfose, e o que pensamos seja caos mais não é do que condição necessária à passagem de um para outro modo de ser; se dissermos, como Teógoras, que um universo se transforma noutro como ocorre com uma lagarta que se encasula para virar borboleta; se afirmarmos seja o caos só aparente, pois nas suas entranhas trabalham as leis da nova forma universal; se admitirmos isso por verdade, essa Lei que opera na essência mesma do caos, deslocando massas para transformar uma Ordem noutra, é Deus. Embora Sísifo, deste modo, nunca role a mesma pedra, nem no mesmo lugar, ele,

contudo, é sempre o mesmo, e essa imutabilidade de pessoa, essa inalterabilidade de ser, essa constância na variação é a Lei, ou Espírito, ou Deus. A obra de Sísifo, como vêem, carece de fim, mas não de pessoa, isto é, de agente, de sujeito.

E rematou o pensador, pressentindo o desabrochar de novas idéias a serem desenvolvidas em futuros serões:

– Se o doutor me fizer essas proposições ideadas por Chilon, abrirei outra série de serões, querendo Deus, indo neles estudar teologia. Diante do exposto, assento o seguinte: o doutor, ou quem suas vezes fizer, que me solucione as questões que lhe propus, com os recursos da sua doutrina de matéria, e lhe prometo solucionar, depois, a sua, ideada por Chilon, com a minha doutrina do espírito.

– Pronto! – exclamou Chilon: – agora sou contente! Todas as dúvidas se me dissiparam! Agora entendo mais da fé do que quantos religiosos, por aí, que vivem de Evangelho nas mãos, e a bater nos peitos! Entendi que a fé, como a eletricidade, a pólvora e a caridade, é o que é, em si mesma, não sendo nem boa nem má. O emprego destas coisas é que poderá ser bom ou mau. Tudo, até o mal, nas mãos do bom, é bem; não padece dúvida que Deus, sendo bom, tem o Mal nas mãos e o governa, fazendo-o trabalhar para os seus fins positivos. Tudo, até o bem, nas mãos do mau, é mal, pois Satanás, sendo mau, finge-se de bom, e usa as forças do Bem para atingir seus fins negativistas. Por isso, antes de alguém aceitar, de fé, uma verdade, precisa medir a estatura moral de quem a profere. Pela árvore é que se conhecem os frutos, e não às avessas, porque os frutos podem ser postiços, falsos, enganosos, como é o caso das peles de ovelhas com que se vestem muitos lobos. Se não é para julgar segundo as aparências, como prestar atenção aos frutos sem examinar a árvore? Se quem faz afirmações é Giges ou Lumbaio, cautela com ele, e mais ainda, se tiver carta de doutor!... É desta mesma opinião Marcos Hochheim ao afirmar que “um título profissional de médico ou dentista não equivale a um atestado de sanidade mental. Estes profissionais podem ser tarados como quaisquer outros”⁸⁰. Todavia, se quem afirma é Cristo ou Sócrates, pode fechar os olhos, sem medo, e seguir, hipnotizado, que tudo estará bem, e será para melhor!...

– Querem, então, encerremos esta parte, por hoje? – interrogou Árago.

– Encerremos – anuiu Chilon – e vamos dormir, que já é madrugada. Nenhum serão foi tão longo como o de hoje. Felizmente amanhã é domingo, podendo a gente dormir até tarde!.

⁸⁰ Marcos Hochheim, Cristo, o Hipnotizador, 114



Associação Filosófica "Luiz Caramaschi"
Praça Arruda, 54 – Caixa Postal 44 – Fone (14) 3351.1900
18800-000 – PIRAJU – SP
CNPJ – MF – 50.846.096/0001 – 81

AUTORIZAÇÃO

A Associação Filosófica "Luiz Caramaschi", na pessoa de seu Presidente, Senhor Douglas H. Ribas autoriza a publicação, ou seja, a inserção da obra escrita pelo Professor e Filósofo Luiz Caramaschi, por meio eletrônico na página www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal, onde poderá reproduzi-la, em particular mediante cópia digital, impressa ou qualquer que seja o meio a ser utilizado, sendo que também autorizo armazená-la permanentemente na biblioteca digital do Domínio Público, sem restrições de acesso pelos visitantes do site, objetivando colocá-la ao alcance do público e permitir a quem a ela tiver acesso que a reproduza, seja extraíndo cópia ou conforme critério estabelecido pelo administrador do site www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal.

Estância Turística de Piraju, 10 de maio de 2010.

DOUGLAS H. RIBAS
Presidente da Associação Filosófica
"Luiz Caramaschi"